

O BRASIL AGRÍCOLA

agranja *desde 1945*



KEPLER WEBER

PRONTA PARA

LIDERAR

**Força da marca, qualidade e
atendimento diferenciado
servirão de base para
a retomada do
mercado**



ANÚNCIO

O BRASIL AGRÍCOLA

OUTUBRO/2007 - Nº 706 - ANO 63 - R\$ 9,80 - www.agranja.com

agranja

The background of the cover features a lush green field of crops. A large black umbrella is positioned in the center, its canopy covering a rectangular area of the field. Inside this protected area, a vibrant blue butterfly is shown in flight. Outside the umbrella's protection, on the left, a large brown beetle is on a leaf, and on the right, a monarch butterfly is on a leaf. To the far right, a leaf is shown with signs of pest damage. The sky is a clear, bright blue.

Lavoura protegida é lucro certo

O que fazer para cultivar uma lavoura saudável

ANÚNCIO

20 REPORTAGEM DE CAPA

Lavoura protegida, lavoura produtiva



28 DESTAQUES 2007

A GRANJA DO ANO

Festa aos expoentes do agronegócio brasileiro

36 EXPOINTER

Uma feira para marcar

40 LOGÍSTICA

Portos atravancam o crescimento

45 AGRÔNOMO

Reconhecimento ao profissional de ouro

48 CABINES

Segurança para o operador

60 BIOQUEROSENE

O biocombustível dos aviões

61 CONJUNTURA

2008 promete muito

CADERNO CANA

51 SAFRA 2008

O que esperar do futuro imediato?



52 GENTE & CIA

57 FENASUCRO & AGROCANA

Feiras que são um show

59 SAIBA MAIS

Mário Clóvis Garrefa, presidente do Centro Nacional das Indústrias do Setor Sucroalcooleiro e Energético



SEÇÕES

6 O SEGREDO DE QUEM FAZ

Renato Caiaffo da Rocha, presidente da Federação das Associações de Arrozeiros do Rio Grande do Sul (Federarroz)

86 PONTO DE VISTA

Sílvio Crestana, presidente da Embrapa

12	Vitrine	67	Plantio Direto
14	Primeira Mão	70	Agribusiness
16	Aqui Está a Solução	74	Flash
18	Cartas, fax, e-mails	76	Biodiesel
19	Na Hora H	78	Novidades no Mercado
62	Agricultura Familiar	79	AgroOportunidades
64	Eduardo Almeida Reis	81	ClassiRural
66	Notícias da Argentina		



Robispiere Giuliani

Filho e neto de orizicultores, Renato Caiaffo da Rocha assumiu neste ano a responsabilidade de presidir a Federação das Associações de Arrozeiros do Rio Grande do Sul (Federarroz). Aos 45 anos, esse economista e produtor representa cerca de 18 mil orizicultores de 133 municípios do Estado, onde é colhida mais da metade da produção nacional de arroz. À frente da entidade, ele pretende dar continuidade a um trabalho combativo e vigilante em defesa do setor

Denise Saueressig
denise@agranja.com

A Granja— Depois de anos seguidos com problemas, os produtores estão conseguindo vender o arroz com melhores preços. Como a Federarroz avalia esse momento da cadeia?

Renato Rocha— Nas safras 2003/2004 e 2004/2005, a produção nacional de arroz foi superior ao consumo. Este fato, aliado às importações desnecessárias do Mercosul, além de depreciar os preços internos, gerou estoques de passagem que permanecem até hoje. Na tentativa de frear as baixas do produto nas safras de 2004/2005 e 2005/2006 o setor produtivo recorreu ao Governo Federal na busca de mecanismos de comercialização. A liberação das medidas, no entanto, chegou muito tarde, meses depois do término da colheita, e o preço do arroz despencou, chegando a R\$ 14 a saca em algumas regiões, contra um custo de produção de R\$ 30 a saca. Felizmente, agora, o preço médio está em R\$ 24. Essa cotação deve-se ao trabalho das entidades, porque conseguimos convencer o Governo da liberação dos recursos no início da safra. Sem dúvida, o momento atual é bem

O ARROZ COMO CAUSA

melhor do que as duas últimas safras, mas ainda não é o ideal. Os produtores precisam ter mais renda na atividade. Para a próxima safra, a Federarroz já solicitou os mecanismos e recursos necessários e que devem ser lançados na 18ª Abertura da Colheita de 2008 em Cachoeirinha/RS.

A Granja — Quais são as expectativas para a safra 2007/2008?

Rocha — Na safra passada foram cultivados no Rio Grande do Sul 954 mil hectares, e a projeção para a safra 2007/2008 é de plantio em 1,039 milhão de hectares. No entanto, os 85 mil hectares a mais não significam aumento de área e sim a recuperação da mesma, pois tivemos redução de 9% na safra anterior em razão do déficit hídrico. A atual recuperação de preços ocorrida a partir desta safra deverá minimizar os prejuízos dos anos anteriores, desde que também conjugada com medidas saneadoras do endividamento. Mas a alta dos insumos para o plantio e as incertezas sobre os preços futuros poderão neutralizar os cenários atualmente mais favoráveis ao orizicultor. Portanto, e ao contrário do que vem sendo pregado e ouvido por aí, que o setor está em clima de euforia, otimismo e de recuperação, a Federarroz entende que o momento é de cautela e prudência, e todo novo investimento, embora necessário, deve ser bem analisado antes de ser realizado. Devemos nos concentrar na gestão do negócio, na racionalização dos custos e focar em produtividade, formar e preservar boas parcerias e nunca descuidar da manutenção do crédito. Quanto ao mercado, vai depender também da nossa capacidade de organização e mobilização, porque precisamos exportar, aumentar o consumo e utilizar de forma inteligente e estratégica os mecanismos de comercialização.

A Granja — E até que ponto esses mecanismos do Governo Federal colaboram para sustentar os preços? Como o Poder Público pode auxiliar ainda mais os arrozeiros?

Rocha — A utilização de mecanismos como AGF, EGF, PEP, Prop e Contratos de Opções pelos produtores, indústrias e coo-

perativas foram fundamentais para a sustentação de preços nesta safra. De qualquer forma, o Governo pode beneficiar a cadeia com uma série de outras medidas, que incluem a redução das assimetrias do Mercosul e a criação de um fundo de compensação, no qual setores econômicos do Brasil privilegiados pelo bloco subsidiariam setores sensíveis e que estão pagando a conta da integração, como o arroz, o trigo, a cebola e a cevada. Precisamos da correção do preço mínimo a valores compatíveis com o custo de produção, o equacionamento de toda a dívida agrícola com prazos e juros compatíveis com a atividade e a aplicação da medida anunciada no Plano Agrícola e Pecuário quanto à comercialização, que prevê “leilões de equalização de preços, antes do plantio, de modo a garantir a comercialização da safra 2008, com base em estimativas do custo variável”. A cadeia também reivindica a redução das exigências e excessos burocráticos no acesso ao crédito rural, o fim da guerra fiscal entre os Estados, o incentivo à instalação de armazenagem entre os produtores com prazos mais longos (25 anos), juros mais compatíveis com a atividade e a inclusão do arroz nos programas sociais governamentais.

A Granja — Os produtores de arroz também foram beneficiados pelo Programa de Aquisição de Alimentos da Agricultura Familiar. Como funcionou essa medida no Rio Grande do Sul?

Rocha — No Rio Grande do Sul, estima-se que mais de 2 mil produtores de arroz foram beneficiados pela Compra Direta da Agricultura Familiar por meio do Programa de Aquisição de Alimentos, totalizando em torno de 13 mil toneladas. Este mecanismo permite que o pequeno produtor, desde que enquadrado no Pronaf, também possa acessar instrumentos de venda. O Instituto Rio-Grandense do Arroz (Irga) estima que cerca de 5.000 produtores de arroz do Estado estariam enquadrados como agricultores familiares. A medida é um importante instrumento para ampliar a renda do pequeno produtor, tendo em vista que os preços pagos oscilam entre R\$

26 e R\$ 29,27, valores acima dos praticados na agricultura empresarial.

A Granja — Qual é a realidade de endividamento entre os produtores de arroz?

Rocha — Os dois anos e meio de crise na orizicultura, quando foram praticados preços irrisórios, principalmente durante a safra, chegando a alcançar R\$ 16 e cobrindo apenas 60% do custo total e 85% dos custos variáveis, indiscutivelmente determinaram a uma parcela importante da lavoura um novo endividamento. O produtor que optou por culturas alternativas, principalmente a soja, com dois anos sucessivos de quebra em razão da estiagem e também em razão dos investimentos realizados em ativos fixos com taxas de juros incompatíveis com a atividade rural, ficou com a sua capacidade de pagamento comprometida e hoje se encontra em situação mais delicada. Estima-se que no Rio Grande do Sul, em torno de 30% dos produtores estão endividados e com dificuldades de acesso a crédito, enquanto outros 30% se encontram na outra extremidade, principalmente em razão do elevado nível tecnológico adotado em suas lavouras, com aumentos crescentes de produtividade, acesso a mecanismos governamentais de comercialização e armazenagem própria. A atual recuperação de preços ocorrida a partir desta safra deverá minimizar os prejuízos ocorridos nas safras anteriores, desde que também conjugada com medidas saneadoras do endividamento. A Federarroz ajudou a construir um projeto sobre o endividamento que está para ser votado em Brasília.

A Granja — De que forma as assimetrias dentro do Mercosul prejudicam a produção nacional e o que pode ser feito para que esse cenário seja modificado?

Rocha — As assimetrias existentes no Mercosul, de natureza cambial, tributária, comercial e de produção, tiram a competitividade do arroz produzido no Brasil, principalmente no Rio Grande do Sul. Estas distorções determinam custos de produção diferenciados ao arroz plantado na Argentina e no Uruguai e também na comercialização final do

Devemos nos concentrar na gestão do negócio, na racionalização dos custos e na produtividade

grão. As importações do Mercosul apresentaram aceleração em relação aos últimos anos. No período 2005/2006, o volume foi de 346.480 toneladas, enquanto em 2006/2007, esse comércio chegou a 524.963 toneladas. Algumas alternativas permitiriam reduzir estes problemas, como o equacionamento da guerra fiscal, que atualmente favorece as importações do Mercosul em detrimento do Rio Grande do Sul, a permissão do livre fluxo comercial de insumos, máquinas e equipamentos, a criação de parâmetros para as importações, por meio de um sistema de preços mínimos e cotas, com gestão de fluxo de ingresso, visando a complementar o abastecimento nacional, compatibilizando a oferta e a demanda.

A Granja — E a concorrência com os países de fora do Mercosul? Como estão as negociações sobre o aumento da Tarifa Externa Comum (TEC)?

Rocha — O grande risco é que o arroz é o produto agrícola mais subsidiado do mundo. Os maiores exportadores mundiais são Estados Unidos e Tailândia, mas no momento, esses países encontram outros compradores mais atrativos, pelo fato do mercado internacional estar com falta de arroz e os preços lá fora estarem em patamares altíssimos, em torno de US\$ 420 por tonelada de arroz branco. Hoje a paridade para o arroz entrar no Brasil é de R\$ 28 a R\$ 30 e, como nosso mercado está abaixo deste patamar, em R\$ 24, não há risco no momento. O arroz permanece fora da lista de exceções e, como tal, para haver alteração na TEC, precisa da concordância de todos os países do Mercosul. Existem pelo menos três documentos onde as entidades integrantes dos países do Mercosul, inclusive o Brasil, manifestam este interesse de elevar a TEC e proteger seus mercados e produtores de terceiros países. Existem pleitos da Federarroz, da Farsul e do Irga neste sentido e pelo menos dois documentos da própria Câmara Setorial Nacional da Cadeia Produtiva do Arroz ao

Governo Federal solicitando a elevação da TEC. No entanto, o Governo parece estar cego e surdo aos pleitos das entidades.

A Granja — Como está a evolução das exportações do cereal?

Rocha — Poderia estar melhor, não fosse o câmbio, principalmente. De qualquer maneira, evoluíram significativamente, pois praticamente nada exportávamos há poucos anos. Em 2005, as vendas externas foram de 399,6 mil toneladas, pulando para 425,8 mil toneladas em 2006. Já no primeiro semestre de 2007, foram exportadas 153,6 mil toneladas base casca. Para o ano de 2007, projetamos que as exportações poderão atingir um volume em torno de 350 mil toneladas, ainda mais com a recente parceria da Federarroz e o Irga com a CESA (Companhia Estadual de Silos e Armazéns), quando será priorizado o terminal do Porto de Rio Grande/RS, com exclusividade para o carregamento de arroz, já a partir do início do próximo ano. Para ampliar as exportações também estamos fazendo a lição de casa e prospectando novos mercados, por meio de missões de aproximação comercial. Hoje, a maioria do volume exportado é de arroz quebrado, e aos poucos e com muito esforço o setor está trabalhando para aumentar a participação no mercado do alimento beneficiado. Desta forma, conseguiremos aproveitar parte da ociosidade do parque industrial instalado.

A Granja — Quais são os países que mais compram o arroz brasileiro?

Rocha — As exportações brasileiras já são destinadas a 28 países, situados, principalmente, na América do Sul, Caribe, América Central, África e União Européia. Os volumes mais expressivos são destinados ao continente africano, e de arroz quebrado, que representa quase 90% das exportações do cereal, com qualidade já reconhecida no mercado internacional. Senegal, Gâmbia e Suíça absorveram 88% do total das operações, enquanto Trinidad e Tobago, Argentina, Porto Rico e Angola representaram quase 75% das importações do arroz beneficiado, que totalizaram 15,8 mil toneladas entre janeiro e julho. Um importante nicho de mercado que está sendo explorado pelos exportadores é o arroz parboilizado, já que o produto brasileiro tem potencial para ampliar sua participação no mercado internacional.

A Granja — Quais são os principais entraves ao aumento das exportações do cereal?

Rocha — Os principais desafios são os altos subsídios praticados por parte dos pa-

íses exportadores, principalmente os Estados Unidos, o preço, o câmbio, as barreiras tarifárias e fitossanitárias, os problemas estruturais de armazenagem, os custos portuários e a falta de mecanismos permanentes que possibilitem e condicionem todo o setor a exportar. Os problemas de logística têm nos dificultado e até nos impedido de exportar mais, porque a infra-estrutura dos terminais graneleiros dos portos estão voltadas para a soja, por razões lógicas.

A Granja — De que forma a Federarroz trabalha para tentar aumentar o consumo de arroz entre os brasileiros?

Rocha — Pretendemos formar um Comitê Gestor da Cadeia Produtiva do Arroz, com o objetivo único de desenvolver ações práticas e efetivas para o aumento do consumo do arroz e feijão. O fato é que a população vem mudando o padrão da dieta, com a inclusão de lanches e preparações semi-elaboradas de rápido cozimento, reduzindo o número de refeições completas, entre as quais se inclui o arroz com feijão. O incremento do consumo pode ser obtido por campanhas esclarecedoras dos aspectos nutricionais e funcionais do arroz e derivados junto às escolas, universidades e nos diversos meios de comunicação. Queremos que o consumidor saiba que o arroz tem características como a isenção de colesterol, que é importante fonte de minerais e vitaminas, que previne o câncer oral e doenças do sistema digestivo e do coração, que auxilia no tratamento de diabetes e que reduz o risco de câncer de intestino. Ações para a substituição parcial ou integral da farinha de trigo por farinha de arroz, nas indústrias de pães e de massas, devem resultar em importante incremento no consumo de farinha de arroz, implementando a utilização do derivado e não somente do grão em preparações culinárias tradicionais. Nichos de mercado crescentes, como alta gastronomia, arroz orgânico e arroz com certificação de origem também são alternativas para agregar valor ao produto. ■

As exportações poderiam ser maiores, não fossem entraves como o câmbio e problemas estruturais de armazenagem



KEPLER WEBER

PRONTA PARA LIDERAR

Força da marca, qualidade e atendimento diferenciado servirão de base para a retomada do mercado

A Kepler Weber já está trabalhando para retomar sua produção e recuperar a liderança do mercado de armazenagem do Brasil e da América Latina. A assinatura do contrato de reestruturação financeira, no dia 11 de setembro passado, envolvendo acionistas e bancos, viabilizou à companhia retomar suas atividades em ritmo compatível com o agronegócio.

O presidente da Kepler Weber, Anastácio Fernandes Filho, diz que a empresa está pronta para ganhar mercado de forma compatível com o aquecimento do setor, que vive um novo período de prosperidade. “Em função do

crescimento do mercado, já temos demanda para operar nossas fábricas neste ano. A previsão para 2008 é ainda mais positiva.”

O plano de reestruturação possibilitou à Kepler Weber planejar várias medidas para atender ao mercado. Uma delas é a ampliação do quadro de colaboradores de 850 para 1.100. A empresa já está na fase de seleção dos funcionários. O segundo ponto do planejamento é restabelecer o fluxo de fornecimento e pagamento pela matéria-prima para retomar, gradativamente, o ritmo de produção até ocupar os 100% da capacidade do grupo de processar 100 mil toneladas de aço/ano.

A equipe comercial da empresa está atuando fortemente no mercado e a resposta dos clientes tem sido altamente positiva, o que permitiu o estabelecimento de uma sólida carteira de pedidos. As unidades fabris da KW estão prontas para fazer frente ao desafio que é o de atender o mercado acompanhando a demanda dos pedidos. “Nossa meta é garantir a satisfação total dos nossos clientes. Estamos atentos, acompanhando a performance do setor”, explica Anastácio Fernandes Filho.





KEPLER WEBER TEM CAPACIDADE PARA PROCESSAR 100 MIL TONELADAS

O grupo está pronto para atender a demanda proporcionada pelo mercado do agronegócio.

A capacidade produtiva de processar 100 mil toneladas de aço por ano em suas plantas de Panambi (RS) e Campo Grande (MS) coloca a Kepler Weber na posição de destaque no mercado. A capacidade de suas fábricas torna o grupo incomparavelmente superior a qualquer empresa do mesmo segmento no Brasil ou América Latina.

O presidente da Kepler Weber, Anastácio Fernandes Filho, explica que está incluso no plano de reestruturação a recuperação de *market-share* no mercado interno que a Companhia detinha no passado. “Na medida em que isto acontecer, evidentemente a empresa terá disposição para consolidar sua posição de liderança no Brasil e avançar no mercado internacional”, enfatiza.

O presidente acrescenta que a retomada passa necessariamente pela continuidade da excelente relação comercial com os fornecedores e clientes. A empresa está reforçando estas parcerias para, juntos, desfrutarem a realidade de crescimento. A demonstração de liderança da Kepler Weber pode ser comprovada através da carteira de pedidos atual, que está acima do esperado no plano de reestruturação tanto no mercado interno quanto no externo.

A Kepler Weber é uma empresa com capacidade de reação de vendas e produção muito forte em função da força da marca, capacidade técnica e inovação tecnológica que agrega aos seus produtos. A retomada da Kepler Weber chega no momento em que o agronegócio está também em expansão e, com ele, os investimentos dos produtores.



O cliente como razão de ser da empresa

O que faz a diferença em uma empresa, além de sua marca forte, são seus clientes. E foram eles, os clientes, quem deram um voto de confiança na capacidade de reação da Kepler Weber. Esta consideração, garante seu presidente, Anastácio Fernandes Filho, foi fundamental para a conclusão do processo de reestruturação da Kepler Weber.

Durante um bom tempo, a nova gestão da Kepler Weber analisou métodos e repensou a Companhia inclusive em seus processos produtivos. O propósito é garantir um re-

EM CAPACIDADE PARA TONELADAS DE AÇO/ANO



torno ainda melhor, com resultados eficientes, conservando os aspectos fortes dos produtos, para atender as necessidades do mercado.

Apresentamos agora uma Kepler Weber mais ágil e mais enxuta, com uma excelente equipe de profissionais dentro de suas especialidades. A empresa está apta a ocupar a sua posição de liderança no mercado de armazenagem. “Nossos clientes continuam em primeiro lugar. Assim estaremos reconhecendo e agradecendo sua confiança na empresa”, reforça o presidente.

Os próximos passos da Kepler Weber

Ensaiaando seus passos para retomar a liderança, a Kepler Weber tem planos de crescer e vai utilizar o mercado de ações para sua capitalização. Acompanhe as questões relevantes respondidas pelo diretor administrativo-financeiro e de relações com investidores, Milton Paulo Silva

Pergunta: A empresa planeja a entrada em níveis diferenciados de Governança Corporativa da Bovespa?

Resposta: A médio prazo, sim, pois a Companhia vê no mercado de ações a melhor opção de capitalização, necessária ao crescimento. Tanto isto é verdade que a Kepler tinha somente ações ordinárias. Por conta da reestruturação financeira, no entanto, teve que lançar ações preferenciais. No futuro, todavia, as ações preferenciais serão convertidas em ordinárias, abrindo espaço para a Kepler Weber retomar o projeto de se enquadrar nos níveis diferenciados de Governança Corporativa.

Pergunta: Como a companhia vê o cenário atual para o agronegócio brasileiro e qual a estratégia da Kepler Weber para se beneficiar deste panorama?

Resposta: O agronegócio passou, nos dois últimos anos, por momentos difíceis. A frustração de safra, no início de 2005 (pela seca nos estados do sul), a queda da taxa cambial e o endividamento dos produto-

res inibiram a produção das empresas que atuam no agronegócio. Esta realidade, no entanto, vem mudando. A renegociação das dívidas dos produtores, a retomada da produção (com recordes de safra, inclusive), vem contribuindo para o aumento dos investimentos. Evidentemente que a taxa cambial ainda fica a desejar. No entanto, os preços das *commodities* ligeiramente superiores ao período da crise do agronegócio e o trabalho de redução de custos que as empresas vêm fazendo atenuam este quadro. Logo, a posição da Companhia é de expandir os níveis atuais de produção, ampliando sua participação no mercado nacional e internacional.

Pergunta: O forte crescimento do setor no Brasil e o alto patamar das *commodities* agrícolas atraem muitos investidores estrangeiros, aumentando a consolidação no Brasil. Como a empresa vê este cenário?

Resposta: A Kepler Weber encara como positivo este movimento pois profissionaliza o setor, traz capacidade de investimentos que nem sempre é alcançada pelo empresariado local e alcança mercados em escala global, só para citar alguns fatores. Claro que a verticalização/concentração das operações favorece o poder de barganha destes em cima dos fornecedores mas entendemos que devemos estar preparados para isto também.



Diretor-Presidente
Hugo Hoffmann



MATRIZ

Av. Getúlio Vargas, 1.526 - Menino Deus
CEP 90150-004, Porto Alegre/RS
Fone/Fax: (51) 3233-1822
E-mail: mail@agranja.com
Home page: www.agranja.com

SUCURSAL SÃO PAULO

Praça da República, 473 - 10º andar
CEP 01045-001 - São Paulo/SP
Fone/Fax: (11) 3331-0488/(11) 3331-0686
E-mail: mailsp@agranja.com
Home page: www.agranja.com

DIREÇÃO EXECUTIVA

Eduardo Hoffmann
Gustavo Hoffmann

REDAÇÃO

Editor
Leandro Mariani Mittmann
Reportagem
Denise Saueregg
Editoração
Jair Marmet e Pedro Dreher
Produção da capa
Pedro Dreher
Revisão
Jorge Sant'Ana
Estagiário da redação
Lucca Rossi

ASSINATURAS

Gerente de Operações
Amália Severino Bueno
Gerente de RH
Fabrício dos Santos
Circulação
Jorge Luis Oliveira Ribeiro

COMERCIALIZAÇÃO

São Paulo - José Geraldo Silvani Caetano (gerente) e Rodrigo Martelletti (contato)
Porto Alegre - Maria Cristina Centeno (gerente RS/SC)
ClassiRural - Kátia Torres

REPRESENTANTES

Minas Gerais - José Maria Neves
Rua Dr. Juvenal dos Santos, 222
conj. 105 - Luxemburgo - CEP 30380-530
Belo Horizonte/MG - fone/fax: (31) 3297-8194 - fone: (31) 3344-9100
celular: (31) 9993-0066
e-mail: josemarianeves@uol.com.br
Brasília - Armazém de Comunicação, Publicidade e Representações Ltda.
SCS - Quadra 1 - Bloco K - Ed. Denasa
13º andar - sala 1.301 - CEP 70398-900
Brasília/DF - fone/fax: (61) 3321-3440
celular: (61) 9618-1134 - e-mail: armazem@armazemdecomunicacao.com.br

Convênio editorial: Chacara (Argentina)

A Granja é uma publicação da Editora Centaurus, registrada no DCDP sob nº 088, p. 209/73. Redação, Publicidade, Correspondência e Distribuição:
Av. Getúlio Vargas, 1.526 - Menino Deus
CEP 90150-004 - Porto Alegre/RS
fone/fax: (51) 3233-1822
Exemplar atrasado: R\$ 10,00

DEFENDA A SUA LAVOURA COM CONHECIMENTO E INFORMAÇÃO

Não há dor mais incômoda sentida pelo produtor que observar a sua lavoura em estado horrível, as plantas com o desenvolvimento estagnado, as folhas amareladas e despendendo. As razões podem ser do déficit hídrico à carência de elementos químicos, mas não é incomum haver causas mais visíveis a olho nu: o ataque de doenças ou pragas. Então, é hora de enfrentá-las. Esta é a proposta da nossa reportagem de capa desta edição. Como conduzir uma lavoura saudável do começo ao fim? A resposta não é tão simples ou objetiva, mas boa parte dela está delineada nas páginas seguintes.

Mas objetivos e diretos (e unânimes) são os números da cana: todas as estimativas e perspectivas indicam para uma supersafra em 2008. E com renda a todos os envolvidos. Muitas são as explicações. Mas o caminho do etanol até tomar espaços nas bombas pelo mundo afora ainda é longo. Eis um dos desafios dos homens de frente do seg-

mento sucroalcooleiro brasileiro, lideranças estas que estiveram presentes em peso nas tradicionais feiras Fenasucro & Agrocana, realizadas em Sertãozinho, no coração da cana do Estado de São Paulo. O Caderno Cana d'A Granja também esteve lá e descreve a grandiosidade dos dois eventos.

Grandiosidade também é um adjetivo adequado para descrever a festa de entrega do **Troféu Destaque 2007 A Granja do Ano**, realizada durante a Expointer, em Esteio/RS. Feira, aliás, que traduziu o bom e promissor momento do agronegócio brasileiro.

Promissora também deve obrigatoriamente ser a atividade dos orizicultores, homens e mulheres tão importantes para o suprimento da mesa do brasileiro. E as reivindicações do produtor de arroz são a causa do novo presidente da Federarroz, Renato Caiaffo da Rocha, nosso entrevistado da seção Segredo de Quem Faz.

Boa leitura!



Ulisses Antunassi

Para assinar: (51) 3232-2288

ANÚNCIO

Mais consumo, maior preço

A expansão do agronegócio e os bons preços obtidos com a produção da última safra fizeram com que a comercialização de fertilizantes alcançasse R\$ 34 bilhões até julho, segundo a Conab. Na comparação dos meses de julho de 2007 e 2006, o gasto no ano atual foi 19,7% maior, o que fez aumentar os preços dos produtos. Somente o superfosfato simples, matéria-prima mais utilizada, registrou aumento de 35,4% em um ano. O preço ao produtor aumentou porque a matéria-prima, quase toda importada, também teve uma elevação significativa em razão do aumento da demanda – sobretudo da China.

Ricardo Suckert/PR



Desta vez, falou certo

Ao fazer um balanço de sua viagem aos países nórdicos e à Espanha no mês passado, o presidente Lula disse que o biodiesel brasileiro é uma “semente que certamente vai dar muito fruto”.

“A União Européia decidiu que até 2020 vai introduzir na gasolina ou no óleo diesel 10% de biocombustíveis.

Isso implica que o Brasil pode ter uma participação extraordinária porque ninguém tem a tecnologia que o Brasil tem para produzir etanol.” Depois de seis anos visitando países

sem expressão, enfim

Lula passou a comparecer a lugares que possam realmente colaborar para o crescimento do Brasil.

Dupla resistência

A Monsanto pretende investir US\$ 28 milhões nos próximos cinco anos para o desenvolvimento de uma nova tecnologia para soja transgênica que combina a resistência a insetos com mais tolerância a herbicidas. O novo produto promete ser resistente à lagarta da soja, praga que ataca lavouras do Brasil e da Argentina e gera um gasto anual de US\$ 300 milhões somente com o controle dos danos.



Monsanto

Concorrência desigual

Enquanto aqui no Brasil nenhum produtor plantou milho transgênico até hoje, 60% de milho semeado na Argentina é modificado. E agora os produtores vizinhos dispõem de mais uma variedade do cereal transgênico, a quarta liberada. Trata-se do milho MGRR2, da Monsanto, que contém simultaneamente duas características: é tolerante a herbicidas e resistente a insetos-pragas.

Drama sem fim

Os deputados federais que integram a bancada ruralista da Câmara dos Deputados mantêm-se mobilizados para pressionar o governo para dar encaminhamento ao endividamento agrícola do produtor. A bancada já apresentou um anteprojeto que propõe a repactuação por dez anos de R\$ 70 bilhões, referentes às dívidas antigas e as recentes dos programas Pesa, Recoop, securitização, Pronaf, Procer, Funcafé e do cacau.

Outra Itaipu

O Brasil pode receber investimentos privados de até R\$ 17 bilhões nos próximos sete anos para a produção de bioenergia. No entanto, para que isso ocorra, é preciso criar instrumentos para estimular o desenvolvimento do mercado interno e externo do álcool e o rápido crescimento da bioeletricidade, segundo avaliação dos dirigentes da Unica. Com preços adequados, rapidez na concessão de licenças ambientais e acesso à rede de transmissão de energia do País

é possível em 2012 gerar o equivalente à uma Itaipu.



Usina Itaipu

Enfim, uma soja resistente à ferrugem

Em breve o produtor de soja vai poder plantar uma cultivar resistente à mais temível das doenças, a ferrugem. Em fase final de teste pela Embrapa Soja, sediada em Londrina/PR, a nova linhagem estará disponível no mercado em janeiro de 2008, e é adaptada para o plantio no Centro-Oeste. O projeto, que conta com recursos da FINEP do Fundo Setorial de Agronegócio de R\$ 2,8 milhões, desenvolveu estudos em 452 variedades, das quais apenas 11 apresentaram algum tipo de resistência à ferrugem. O projeto prevê o desenvolvimento de linhagens para outras regiões.



A Granja

Movido a etanol

Enquanto o mercado imobiliário americano amarga quedas, no campo o preço das propriedades tem subido a níveis históricos. A razão? O etanol de milho. Segundo o Departamento de Agricultura americano, a média do preço por acre, incluindo prédios e terra, subiu 14%, para US\$ 2.160 em 2007 em comparação a 2006. Em 1985, o preço era de US\$ 713 por acre; em 1995, US\$ 844 e, em 2005, US\$ 1.650. Os fazendeiros americanos plantaram 92,9 milhões de acres de milho em 2007, a maior área desde 1944.



Antônio Cruz/BR

Mais uma...

A CTNBio emitiu parecer técnico favorável à liberação comercial do milho BT11 resistente a insetos, a terceira aprovação de variedades geneticamente modificadas de milho em quatro meses. Em maio e em agosto, a CTNBio liberou a comercialização de versões resistentes a herbicidas e a insetos. O milho BT11 já é produzido e consumido nos Estados Unidos, Canadá, Argentina, Japão, África do Sul e Uruguai.

AGCO compra a Sfil

A AGCO, dona da marca Massey Ferguson, entre outras, adquiriu a fábrica de semeadeiras, plantadoras, plataformas para milho e pás carregadeiras Sfil, sediada em Ibirubá/RS. "A família Sfil de produtos complementa o negócio de tratores e colheitadeiras e garante outro passo rumo à expansão de nossa oferta de produtos para os concessionários sul-americanos e seus clientes", destacou o presidente e CEO da AGCO, Martin Richenhagen.

ECONOMIA NA ADUBAÇÃO

Cultivo soja em uma propriedade familiar e gostaria de saber quais são as melhores maneiras de reduzir meus custos com adubos na lavoura. Obrigado.

Evaristo Meurer

Assis Chateaubriand/PR

R- Caro Evaristo, os investimentos em adubação são os custos que mais pesam no bolso do produtor rural, mas com planejamento e monitoramento anual do solo é possível reduzir ou mesmo suprimir a aplicação de fertilizantes na lavoura de soja. Segundo o pesquisador Gedi Sfredo, da Embrapa Soja (Londrina/PR), em certos casos, o agricultor pode se programar para realizar a adubação para a cultura de inverno e aproveitar o efeito residual para a soja. É uma economia e tanto em tempos de alta dos fertilizantes. Em 2006, os fertilizantes representavam cerca de 23,5% do custo total dos insumos para pro-

dução de soja e, em 2007, já chegam a 31,4%. O aumento do custo por tonelada da fórmula 0-30-10 NPK, por exemplo, aumentou 48,7% e foi de R\$ 550 para R\$ 818,00. “Com isso, o agricultor vai ter que produzir pelo menos 7 sacas por hectare para cobrir esses custos. No ano passado, isso representava 4,7 sacas”, explica Sfredo. “Há produtores que podem reduzir ou mesmo abrir mão da adubação de soja”, revela o pesquisador Fábio Álvares, da Embrapa Soja. A ferramenta que permite essa tomada de decisão é a análise de solo, uma técnica simples e barata. “Basta fazer uma análise de solo logo após a colheita de verão em cada talhão da propriedade. Depois, o agricultor deve comparar com as tabelas de adubação recomendada para a cultura da soja”, acrescenta Álvares. Isso é possível porque as culturas de inverno são mais exigentes em fertilidade e, como chove menos nesse período, o efeito resi-

dual da adubação é mais eficientemente aproveitado pela soja. “Não é regra geral, mas quem realiza o monitoramento no sistema soja-trigo e faz a adubação de inverno, pode reduzir de forma criteriosa a adubação no verão”, diz Álvares. Segundo o pesquisador Gedi Sfredo, a avaliação periódica da fertilidade do solo indica a disponibilidade de macro e de micronutrientes e mostra a real situação do pH do solo. O histórico da área quanto às adubações, produtividades e espécies cultivadas em anos anteriores ajuda na determinação sobre a necessidade de aplicação de calcário e de adubação. “Percebemos que alguns produtores vêm fazendo a aplicação de adubos sem respeitar as quantidades indicadas pelas análises do solo e das folhas, o que também pode gerar desperdício”, completa o pesquisador.



Denise Saueressig



Divulgação Iapar

FEIJÃO BIOFORTIFICADO

Vi na televisão uma matéria que fala sobre feijão e as possibilidades do alimento biofortificado. Por favor, gostaria de saber um pouco mais sobre esse assunto. Grata.

Cátia Hartz

Bandeirantes/MS

R- Prezada Cátia, órgãos de pesquisa do País trabalham para desenvolver variedades de feijão com teores mais altos de ferro, proteínas e fibras. “Há 10 anos, o forte do melhoramento de plantas era quanto às características agrônomicas, como capacidade de produção e resistência a doenças. Hoje, a tendência mundial é a melhora da qualidade nutricional dos alimentos”, destaca a pesquisadora do Instituto Agrônomo do Paraná (Iapar) Vânia Cirino. Segundo ela, um terço da população mundial sofre com a falta de ferro e outras deficiências nutricionais que causam uma série de doen-

ças, como a anemia. “Desenvolver plantas com um teor maior de minerais é imprescindível para diminuir a incidência dessas doenças e até mesmo reduzir o número de mortes”, salienta a pesquisadora. Vânia também diz que o feijão é uma grande fonte de ferro, proteína e fibras e que ajuda até mesmo a reduzir o teor de glicose e de colesterol no organismo, por isso não pode faltar na mesa do brasileiro. A pesquisadora comenta que o Iapar já está pesquisando há mais de quatro anos o desenvolvimento de variedades de feijão com alto teor de ferro, proteínas e fibras e já se descobriu que algumas cultivares têm qualidades nutricionais acima da média. Ela dá como exemplo as variedades IPR Colibri e IPR Juriti. A Colibri tem 25% de teor de proteína, enquanto a média é de 22% a 24 %, e a Juriti tem 10,48 miligramas de ferro por 100 gramas de grão seco, bastante acima da média de 5 a 7 miligramas.

TOMATE COM SELO

Sou produtor de hortigranjeiros e ouvi falar sobre um programa de produção integrada de tomate. Por favor, se possível, gostaria de mais informações sobre esse projeto.

Fernando Severo

Goiatuba/GO

R- Fernando, um projeto coordenado pela Embrapa Hortaliças, com sede em Brasília, pretende implantar em Goiás o sistema de Produção Integrada para Tomate Indústria (PITI). A intenção é gerar um selo de qualidade para o alimento que será processado. Goiás é líder nacional no cultivo de tomate industrial, com cerca de 630 mil toneladas produzidas no ano passado. O projeto de certificação conta com a participação das indústrias de processamento, das universidades Federal de Goiás e de Brasília, de instituições como a Agência Rural e a Agrodefesa, além do Ministério da Agricultura, das secretarias de agricultura de Goiás e de Minas Gerais, de produtores e de consumidores. O sistema PITI tem como metas viabilizar a organização da cadeia produtiva de tomate para processamento e, em consequência, permitir que se obtenha uma produção final diferenciada. A certifi-

cação vai incluir tecnologias nas áreas de fitopatologia, entomologia, plantas daninhas, melhoramento genético, nutrição, solos, irrigação e pós-colheita. Em 2007, as normas para a PITI começaram a ser testadas em cinco unidades-piloto. No total, são mais de 156 hectares nas regiões de Itaberaí, Leopoldo de Bulhões, Goianésia e Morrinhos. Um grupo de pesquisadores da Embrapa Hortaliças está realizando visitas periódicas de acompanhamento para detectar e corrigir possíveis problemas na aplicação da norma. A colheita da primeira unidade-piloto, em Itaberaí, ocorreu no início de agosto. Ela e as outras áreas passarão por uma pré-auditoria externa. Em 2008, a idéia da equipe do PITI é ampliar o número de produtores nessa fase de testes e publicar a norma. A Produção Integrada objetiva a geração de alimentos de alta qualidade, com a utilização de técnicas que consideram os impactos ambientais sobre o solo, a água e a produção. Esse conceito surgiu na Europa, nos anos 70, como uma resposta à necessidade de reduzir o uso de agrotóxicos na produção de frutas e maior respeito ao meio ambiente. No Brasil, a Produção Integrada de Maçãs foi a pioneira, a partir de 1996.



A Granja

O BRASIL AGRÍCOLA

agranja

À sua disposição

ASSINATURAS

Call Center

Ligue grátis

0800-5410526

Grande Porto Alegre

Fone/Fax: (51) 3232-2288

Segunda a sexta, das 8h30 às 19h30

Sábado, das 9h às 14h



INTERNET

www.agranja.com



Para edições atrasadas, edições anteriores, mudança de endereço, troca de forma de pagamento, ligue para os mesmos números acima.

FALE COM A REDAÇÃO

Por e-mail:

mail@agranja.com

Fax:

(51) 3233-1822

Cartas:

Av. Getúlio Vargas, 1.526

Porto Alegre/RS

CEP 90150-004



As cartas devem conter assinatura, RG e telefone do autor. Por motivo de espaço ou clareza, as cartas poderão ser publicadas de forma reduzida. Só poderão ser publicadas na edição seguinte as cartas que chegarem até o dia 18.

PRESENTEIE UM AMIGO COM UMA ASSINATURA

Ligue grátis

0800.5410526

Grande Porto Alegre (51) 3232-2288

comercial@agranja.com

ou www.agranja.com



PARA ANUNCIAR LIGUE

(11) 3331-0488

comercialsp@agranja.com

(51) 3233-1822

comercial@agranja.com

CADERNO CANA

Tenho acompanhado com muito interesse as matérias do novo Caderno Cana. Com a demanda crescente por etanol, a cana-de-açúcar volta a ocupar lugar de destaque no agronegócio brasileiro e mundial. E a revista **A Granja**, sempre à frente, mostra o que de mais importante acontece no setor. A entrevista com o ex-ministro Roberto Rodrigues, em julho, e a matéria sobre o capital estrangeiro investido na aquisição de usinas no Brasil, em agosto, foram muito oportunas.



Pedro Corrêa
Sertãozinho/SP

TROFÉU DESTAQUES A GRANJA DO ANO

Senhor Hugo Hoffman, cumprimos Sua Senhoria pelo brilhantismo da festa de entrega do **Troféu Destaques A Granja do Ano** aos diversos homenageados da revista, cujo evento já se tornou solene tradição no calendário da Expointer, reconhecida como um dos maiores eventos internacionais do gênero. Este ano, em sua 30ª edição internacional, tive a oportunidade de presenciar, mais uma vez, as últimas novidades da moderna tecnologia agropecuária e agroindustrial apresentada na Expointer. O saldo do total comercializado durante a exposição, superior a R\$ 131 milhões, certamente evidencia o potencial do agronegócio do Rio Grande do Sul.

Fábio de Salles Meirelles
Presidente da CNA

ARROZ NOTA DEZ

A matéria sobre arroz, publicada na edição de agosto (“Uma lavoura nota 10”), bate na mesma tecla, mas a tecla certa. Planejamento, diminuição de custos e dos impactos ambientais na lavoura devem ser a preocupação não só dos orizicultores, mas dos produtores de todas as áreas. Com esses cuidados, o aumento de produtividade e da qualidade do produto final é natural. O produtor precisa conscientizar-se de que os gastos com adubos e defensivos no plantio serão recompensados no final da cadeia produtiva. O caso da Estância Guatambu é exemplar: um rendimento 40% superior nos últimos cinco anos, com o Projeto 10 do Irga.

Altamir Hendges
Cachoeira do Sul/RS

A EVOLUÇÃO DOS PIVÔS

Parabéns pelo excelente artigo “A Evolução dos Pivôs” publicado na edição nº 705 d’**A Granja**. Mais uma vez essa revista presta um grande serviço ao agronegócio brasileiro mostrando a evolução dos sistemas de irrigação mecanizada ao longo do tempo. Nos dias de hoje, em que a água é um recurso escasso, o seu uso de forma eficiente na irrigação é muito importante. O artigo mostra que existem alternativas de equipamentos com altíssima eficiência na aplicação de água e a necessidade de um bom planejamento do sistema de irrigação para o sucesso da atividade, temas que merecem toda a nossa atenção. Gostaria de destacar que a indústria aqui instalada disponibiliza aos agricultores brasileiros a tecnologia mais moderna disponível, os equipamentos fabricados no Brasil têm o mesmo nível tecnológico do restante do mundo. Ocasionalmente alguns recursos de automação não estão disponíveis em função da baixa demanda, fruto do menor custo da mão-de-obra por aqui. Também vale lembrar que a agricultura irrigada usa a água, não a consome. A imensa maioria da água aplicada nos campos retorna ao ciclo hidrológico, as plantas utilizam apenas uma pequena parte para seu desenvolvimento. Essa distinção entre uso e consumo é importante para evitarmos mal-entendidos sobre os efeitos da irrigação na disponibilidade de água para o mundo. Finalmente, cabe atualizar um número fornecido no artigo. Nos anos de 2003 e 2004 realmente a comercialização de pivôs centrais atingiu a marca de 800 unidades por ano. Nos últimos três anos esse número tem caído sensivelmente, devendo em 2007 ficar em apenas 250 unidades. Desnecessário elencar os motivos de tamanha queda na demanda, consequência da crise que atravessa o agronegócio em nosso País. Mas é importante frisar que, como a agricultura irrigada é grande produtora de alimentos no Brasil, a desaceleração dos investimentos pode comprometer a oferta de alimentos em um cenário de demanda crescente. Sem dúvida um grande desafio para todos nós.

Marcelo Borges Lopes

Presidente da Câmara Setorial de Equipamentos de Irrigação - CSEI
Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos
(Abimaq)

Acesse www.agranja.com ou mail@agranja.com

A BÍBLIA do produtor rural

Discurso do diretor-presidente da Editora Centaurus, Hugo Hoffmann, na entrega do Prêmio Destaques A GRANJA DO ANO 2007

Há exatamente um ano, iniciávamos nosso *speech* registrando o seguinte: “Num momento complicado para o agronegócio, o produtor rural vive momentos de apreensão com o futuro e preocupado com as dívidas”. Acrescentamos: “A crise, por pior que seja, não dura para sempre e ensina lições para aqueles que estão atentos, são bons observadores e estão bem informados”. A agricultura, por ser uma indústria sem telhado, mais do que outra atividade, precisa da ajuda do clima e de outras variáveis favoráveis.

Pois, neste ano, 365 dias após, podemos registrar que os deuses atenderam aos apelos de quem planta e as perspectivas são extremamente promissoras, apesar da situação cambial desfavorável, apesar da precária malha viável, apesar da defesa sanitária frágil, apesar da ineficiência dos portos, apesar da total insegurança na área rural – realidade que deixou há muito de ser um privilégio das cidades, apesar da violentíssima carga de impostos, apesar das travas do fundamentalismo que seguram os transgênicos, apesar do seguro rural praticamente inexistente, apesar do MST.

E agora tem mais um complicador que ainda não apareceu muito visível. É o MSQ. Eles se auto-denominam como Movimento dos Sem Quilombo. Inspiraram-se no MST e querem muito mais terras do que o MST. Pois bem, apesar de todos estes obstáculos, a agricultura é a principal parcela dos 150 bilhões de dólares de nossa balança comercial. Grãos, açúcar e carnes de diversos tipos constituem nossa maior fonte de exportação.

Evidentemente, todos os que trabalham no agronegócio, os principais *players* deste segmento, estão aqui mais uma vez reunidos para receber o aplauso e a distinção do **Troféu Destaque – A Granja do Ano**, obtido através do voto democrático, direto e voluntário dos leitores da revista **A Granja**.

Não é pouca coisa. Receber a láurea através do voto constitui algo muito im-

portante, muito estimulante, muito gratificante. Simplesmente, porque esta foi a voz do mercado. Para receberem o laurel **Destaques A Granja do Ano**, habilitou-se gente do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro, Mato Grosso e Distrito Federal. São sete Estados do Brasil aqui representados.

Neste ano houve troca de sete cadeiras. Há que se salientar que somente uma única empresa, a AGCO, responsável pelos tratores Massey Ferguson, consecutivamente nestes 22 anos, nunca deixou de vir buscar no pódio da premiação o galardão de nº 1 no seu setor.

Há 22 anos nasceu o anuário **A Granja do Ano** exatamente com esse espírito: levar ao homem do campo entre outras coisas, quem tem algo para dizer,

Na terra, onde está a semente, lá onde começa a alimentação da população brasileira, lá onde nascem nossos principais produtos de exportação, lá está o assinante fiel da revista A Granja.

informar, orientar. O testemunho dos senhores é material jornalístico de primeira qualidade. Afinal, é um documento real, prático, orientador. Além disso, o anuário oferece também a visão dos *experts* em *commodities*, mostrando a fotografia do momento e projetando o cenário futuro.

Ainda, o anuário **A Granja do Ano** passa a ser um produto de uso diário, que dura um ano inteiro, pois nele também estão inseridos todos os endereços completos de produtos e serviços que atendem a agropecuária. Não é por nada que **A Granja do Ano** passou a ser denominada como a “Bíblia do agronegócio”.

Nestes anos todos o anuário principalmente refletiu e projetou o extraordinário avanço tecnológico que aconteceu e está acontecendo na atividade rural.

Em janeiro de 1945, em plena Segunda Guerra Mundial, ou seja, há 62 anos, nascia a revista **A Granja**, em Porto Alegre, com um só propósito: oferecer ao produtor rural uma informação inovadora, séria, técnica, prática e orientadora. A partir dos últimos anos da década de 1960 a revista **A Granja** saiu do Rio Grande do Sul e Santa Catarina e se espalhou por todo o território brasileiro.

Mais de 1 milhão e duzentos mil gaúchos que saíram do Rio Grande do Sul e que hoje ocupam os mais expressivos espaços rurais do Brasil levaram junto a revista **A Granja** por afeto e informação. Afinal, nunca deixaram de ser gaúchos. Por isso mesmo, na terra, onde está a semente, lá onde começa a alimentação da população brasileira, lá onde nascem nossos principais produtos de exportação, lá está o assinante fiel, esperando a cada mês pelas informações adequadas e oportunas, pelas reportagens práticas e pela notícias quentes d’**A Granja**.

E para todo esse imenso Brasil Rural e fora do nosso foco urbano, que a partir de hoje está sendo despachado o anuário **A Granja do Ano**, para cumprir a sua missão de levar conhecimento, aporte tecnológico e informação atualizada. No Brasil, neste momento, o setor primário está com uma dinâmica extraordinária e enorme perspectiva de crescimento. Por isso o Governo precisa ser mais ágil e menos inepto.

O mundo mudou e os olhos do mundo estão em nosso solo. Fundos internacionais, aliados à nossa *expertise*, por certo irão dar um salto, uma alavancagem fantástica no agronegócio. Mas tem algo muito forte que está impregnado na alma do grande, médio e pequeno produtor rural: sua fé inabalável no Brasil. Esta mesma fé que nos une aqui e que nos faz premiar exemplos para uma nação que busca melhores horizontes. ■

LAVOURA **SADIA**, SI

Chegou a safra de verão, a safra da esperança, das cotações em alta. Mas um alerta: o bom momento do agronegócio vai passar distante do produtor se ele não defender a sua lavoura das garras dizimadoras de doenças e pragas. Uma plantação que do começo ao fim não se dobra a moléstias é garantia de uma colheita histórica

Thaise Teixeira

O sonho de todo agricultor é encontrar uma receita infalível para acabar com os inimigos naturais das lavouras. Mas, infelizmente, isso ainda não se tornou realidade. Por enquanto, a solução para enfrentar doenças e pragas que dizimam as plantações está na prevenção e no planejamento do cultivo. Tudo é questão de estudo, avaliação, ação e monitoramento, principalmente tratando-se de soja e milho, os grãos mais produzidos no Brasil. Só a oleaginosa foi responsável por 44,3% das 131,4 milhões de toneladas de grãos da safra 2006/2007, com 58,3 milhões de toneladas, segundo a Conab.

Atrás, o cereal, que obteve produção de 51 milhões de toneladas, respondendo por 38% da colheita total.

A busca pelo melhor manejo do solo deve ser o primeiro passo para empreender uma lavoura sadia. As técnicas a serem aplicadas irão depender das peculiaridades de cada área, como textura do solo, grau de infestação de invasoras, resíduos vegetais que se encontram na superfície, umidade, pedregosidade, riscos de erosão e maquinário disponível. Conforme o pesquisador associado da Fundação de Apoio à Pesquisa Agropecuária de Mato Grosso (Fundação MT), José Tadashi

Yorinori, há de se dar atenção especial ao tipo de lavoura que será cultivada. “Plantas com raízes superficiais tornam-se mais suscetíveis a estresse hídrico e altas temperaturas. Solo arenoso também é um fator restritivo”, salienta. O pesquisador explica que terras com teor de argila abaixo de 15% e baixo teor de matéria orgânica debilitam as raízes, que são rapidamente danificadas por fungos quando ocorrem períodos chuvosos após seca e alta temperatura.



ILHO E BOLSO CHEIOS

O próximo passo está na escolha da variedade a ser semeada. Para isso, o agricultor deve estar preparado com todas as informações sobre as práticas de melhor cultivo. Uma delas é optar pelas melhores sementes, adaptadas para cada região. A outra é, no caso da soja, dar preferência a cultivares precoces (ciclo de 100 a 110 dias) e, no máximo, de ciclo médio (110 a 125 dias). “O posicionamento correto de cultivares traz vantagens de controle mais eficiente de plantas daninhas, facilidade no manejo, flexibilidade e diminuição do custo de produção”, argumenta o pesquisador da Fundação MT, Sérgio Suzuki.

A época de plantio será a principal variável para a alta produtividade. Conforme Suzuki, esta será a hora em que o produtor poderá, efetivamente, garantir bons resultados, já que semeaduras posteriores têm risco de sofrer maiores perdas. Os casos mais latentes ocorrem com relação à ferrugem asiática na soja, que teve 2.980 casos registrados no País

na safra passada. “É preciso semear com espaçamento e densidade ajustada para se ter uma soja bem arejada e que permita boa cobertura foliar com os fungicidas para melhorar o controle da doença. E, na medida do possível, fazer rotação com milho, algodão ou outra cultura”, indica Tadashi. O período ideal para cumprir a etapa, conforme Suzuki, é entre 5 e 10 de novembro. “Nossa janela de plantio ficou menor e os mais tardios sempre têm resultado em baixas produtividades”, argumenta.

A doença é responsável pelo maior índice de prejuízos na plantação da oleaginosa. Só no ano passado, respondeu por perdas de 4,5% na colheita do grão (ou US\$ 615,70 milhões, considerando o preço médio da tonelada de US\$ 230,6). A Bahia é o Estado campeão de incidência. Conforme o Sistema de Alerta da Embrapa, a safra 2006/07 registrou 846 casos. No mesmo período, uma aplicação de fungicida custou, em média, US\$ 33,00 por hectare, o que resultou em um custo de US\$ 1,58 bilhão para os sojicultores brasileiros. “Esses valores referem-se à aplicação e



Ulisses Antunassi

aos produtos. Se o processo for tratorizado, usam-se entre 140 e 180 litros/ha. Em caso de aplicação aérea, utilizam-se entre 30 e 40 litros/ha”, destaca a pesquisadora na área de epidemiologia e controle na Embrapa Soja, Cláudia Godoy. As condições climáticas mais favoráveis para o tratamento da enfermidade são temperaturas abaixo de 30°C, umidade relativa acima de 55% e ventos inferiores a 8 km/h. “Plantas bem nutridas, de modo geral, tendem a ser menos suscetíveis a doenças”, salienta.





Embrapa Soja

A ferrugem asiática ainda é uma das doenças que mais causam danos às lavouras de soja

Vazio Sanitário — Conhecedor da enfermidade que mais tem causado prejuízo ao produtor rural, Tadashi é categórico em afirmar que a ferrugem só deixará de ser problema se realmente houver obediência ao vazio sanitário. A prática consiste na eliminação total das plantas de soja nas lavouras no período de 15 de junho a 15 de setembro (entressafra). O processo é mais efetivo para os primeiros plantios, que servem para iniciar a multiplicação do fungo. A ação foi adotada, há alguns anos, no Mato Grosso, maior produtor de soja do Brasil, com 15,2 milhões de toneladas em 2006/07.

Após o vazio sanitário, houve o retardamento no aparecimento da doença na lavoura, com a produtividade média crescendo de 2.820 quilos por hectare para 2.990 quilos por hectare. “Os plantios de soja no inverno serviam como uma ponte verde para o fungo, fazendo com que a doença iniciasse muito cedo nos plantios da safra”, explica Cláudia. Com o período de ausência de plantas vivas no campo, em 2006, o Mato Grosso registrou as primeiras ocorrências de ferrugem após o florescimento. Com o sucesso obtido, a medida foi implementada no inverno de 2007 em outros Estados — MT, MS, GO, TO, MG, SP, MA.

Praticante do vazio sanitário, o sojicultor Rui Pigatto pôde sentir de perto os benefícios da ausência de produção na entressafra. Com propriedade localizada em Costa Rica, no Mato Grosso

do Sul, observou a primeira aparição do fungo em 2003. “Ela fica por causa da própria soja, que cai no chão e rebrota, mantendo o fungo na lavoura”, explica. De acordo com ele, a melhor solução para a doença está na prevenção. “Você começa a fazer monitoramento desde o início do plantio. Logo na florada, aplico o fungicida. No 22º dia depois da primeira aplicação, faço novamente caso a semente utilizada seja de ciclo médio ou precoce”, orienta. Já as de ciclo longo exigem três aplicações. “Quem não fizer, poderá ter prejuízos de até 90% dependendo do grau de infestação”, avisa.

Pigatto ainda salienta que o controle das doenças não é opcional, mas sim obrigatório para o sojicultor que desejar obter boa produtividade. “Os fungicidas baixaram de preço em função do dólar. Você gasta entre R\$ 40 e R\$ 45

por hectare, ou 1,5 e 2 sacas de soja por hectare a cada aplicação nas lavouras de ciclo precoce”, exemplifica. Ele utiliza três pulverizadores terrestres para a aplicação dos fungicidas. Com uma produtividade média de 55 sacas/ha, comercializa a produção para beneficiadoras de óleo como Cargill, Bunge e Archer Daniels Midland (ADM). “Meu custo médio por hectare é de R\$ 1.000”, revela, lembrando que o mínimo a se colher na cultura, hoje em dia, para empatar o custo com o benefício, está entre 40 e 44 sacas de soja.

Conscientização — O Estado da Bahia poderia ter sido mais ferozmente atingido pela ferrugem na safra 2006/07, mesmo que tenha sido o campeão em número de ocorrências. A doença só não se

espalhou mais devido a um projeto de conscientização que conseguiu diminuir sensivelmente a ocorrência do fungo nos 850 mil hectares plantados com a oleaginosa. O “Programa Estratégico de Manejo da Ferrugem Asiática da Soja no Oeste da Bahia” é desenvolvido desde 2003 em parceria com diversas instituições públicas e privadas. O principal objetivo é identificar a presença da doença em tempo hábil para aplicação dos tratamentos adequados em 100% da área infectada.

Dentre as ações executadas, está o treinamento de técnicos de nível superior na Embrapa Soja. O monitoramento da ocorrência da doença é outro ponto preconizado pelo Programa e repassado aos produtores, responsáveis por essa operação. “Eles são orientados a monitorar suas lavouras a partir da emergên-

Práticas básicas de uma lavoura sadia

- Agricultor deve plantar sementes mais resistentes (o mercado dispõe de 278 tipos no caso do milho), afinal, o controle da doença já começa na escolha da semente;
- Plantar na época certa. Com isso, a incidência de doenças é menor, pois o milho tardio é mais suscetível, e o controle de pragas e plantas daninhas é mais difícil;
- Plantar de acordo com o estabelecido dentro do zoneamento agrícola do Ministério da Agricultura;
- Adubação é fundamental. Uma lavoura bem nutrida é mais tolerante às pragas e doenças.

Fonte: José Cruz, Embrapa Milho e Sorgo



Embrapa Soja



Lagarta-da-soja — Existem algumas pragas na lavoura de soja que não exigem aplicação imediata de defensivos. É o caso da lagarta-da-soja. Ela é

uma das primeiras a aparecer após o plantio, principalmente quando a planta está com tamanho entre 15 e 20 centímetros. A melhor orientação, segundo o pesquisador da Embrapa Soja,

Flávio Moscardi, é não se afobar e aplicar precipitadamente o inseticida. “Senão o agricultor desequilibra a planta logo no início”, argumenta. De acordo

cia das plântulas de soja e intensificar o processo após o florescimento”, explicam os pesquisadores da Fundação Bahia Mônica Cagnin Martins e Pedro Lopes. Além disso, os sojicultores contam com laboratórios de diagnose rápida da Basf (Minilab) e da Bayer (SOS Soja), que realizam as análises de folhas gratuita-

mente. Atualmente os técnicos do Programa fazem parte do Comitê Estadual e do Grupo Regional do Programa Nacional de Controle da Ferrugem Asiática da Soja (PN-CFS), coordenado pelo Ministério da Agricultura.

Cláudia Godoy, da Embrapa: os plantios de soja no inverno serviam como uma ponte verde para o fungo da ferrugem

TeeJet®

“Dicas para aumentar a lucratividade”



		Modo de ação e produtos pulverizados					
		Herbicidas			Fungicidas		
Tipo de ponta		Pré-emergência	Pós-emergência				Tamanho das gotas
			Contato	Sistêmico	Contato	Sistêmico	
XR TeeJet® 	XRC TeeJet® 	Bom	Bom	Muito bom	Bom	Muito bom	
Turbo TeeJet® (TT) 		Bom	Muito bom	Excelente	Muito bom	Excelente	
Turbo TeeJet® Indução (TTI) 		Excelente	----	Excelente	----	Excelente	
AI TeeJet® 	AIC TeeJet® 	Muito bom	Bom	Excelente	Bom	Excelente	
Turbo TwinJet® (TTJ60) 		Bom	Excelente	Excelente	Excelente	Excelente	

● Muito fina ● Fina ● Média ● Grossa ● Muito grossa ● Extremamente grossa

(A categoria do tamanho das gotas pode variar de acordo com a capacidade do bico, com o seu ângulo de pulverização e a pressão.)



Torne-se

TeeJet®

www.teejet.com

TeeJet South America • Avenida João Paulo Abilas, n° 287 • CEP: 06711-250 • Cotia, São Paulo • Brasil • 11 4612-0049

com ele, o ideal é aplicá-lo somente quando a população da praga justificar a ação, ou seja, quando houver desfolha de 30% aproximadamente no período vegetativo.

As principais consequências de uma aplicação malfeita são as que surgem posteriormente ao processo, como o aparecimento dos insetos secundários (menos frequentes e abrangentes), como, por exemplo, a lagarta falsa-medideira. “Tem gente aplicando cinco, seis, sete ou até oito vezes o produto. Como ele é barato, o produtor compra e acaba matando todos os inimigos naturais da planta no início do combate à lagarta”, adverte. A melhor saída, segundo ele, é a adoção do Manejo Integrado de Pragas (MIP), que preconiza a união de métodos de controle para que a população de uma praga não atinja um índice de dano que irá trazer um prejuízo econômico maior do que sua medida de controle. Para isso, utilizam-se métodos de controle legislativos, culturais, biológicos e químicos de forma conjunta. “Precisa-se ter amostra semanal da lavoura, entrar com o inseticida no momento certo, usar produto seletivo, que mate a praga e não afete tanto os parasitóides, evitando, assim, problema nas vagens e grãos”, salienta Moscardi.

A nova vilã do milho — Já os produtores de milho estão perdendo o sono por causa de uma praga que migrou das plantações de cana-de-açúcar: a broca-da-cana. A preocupação

Estimativa do custo da ferrugem nas safras 2005/06 e 2006/07

	2005/06	2006/07
Perdas estimadas de grãos	2,9 milhões t US\$ 640 milhões	2,67 milhões t US\$ 615,7 milhões
Número médio de aplicações	2 em 80% da área cultivada	2,3 em 99% da área cultivada
Custo do controle	US\$ 1,42 bilhão US\$ 40/aplicação x 2 aplicações	US\$ 1,58 bilhão US\$ 33/aplicação x 2,3 aplicações
Custo ferrugem (custo médio dos produtos e da operação de aplicação, somados à perda em grãos)	US\$ 2,12 bilhões	US\$ 2,19 bilhões

Fontes: Conab, no RS: Embrapa Trigo; no PR e SC: Coamo, C-Vale, Corol, Copavel, Coopermibra, Coagru, Coagel, Copacol, Cocamar, Fundação ABC, Emater, Campos Verdes Insumos Agrícolas, FAPA, Integrada, Agropar e Embrapa Soja; CATI; em Minas Gerais: Epamig; no MT: Fundação MT e Fundação Rio Verde; no MS: Fundação Chapadão; em GO: Agência Rural/CTPA; em TO: Unittins; na BA: Fundação BA; no MA: Embrapa Soja.

Ferrugem: orientações do programa baiano

- Realizar o monitoramento das lavouras desde a emergência da soja;
- Acompanhar a ocorrência da ferrugem na região por meio do Sistema de Alerta da Embrapa Soja;
- Identificar corretamente a doença;
- Aplicar fungicidas eficientes;
- Aplicar no momento correto (preventivamente ou no início dos sintomas);
- Ficar atento à regulação correta dos pulverizadores;
- Obedecer aos horários de aplicação;
- Utilizar a dose de fungicida recomendada pelo fabricante, não utilizando subdosagens e/ou misturas de tanque.

tem fundamento, já que, depois de instalada, é praticamente impossível combatê-la. Sua expansão tomou forma especialmente nas últimas três safras,

principalmente nos Estados do Paraná, São Paulo, Minas Gerais e Mato Grosso. “Ela veio da cana, mas está gostando do milho”, ironiza o pesquisador da Embrapa

Milho e Sorgo, Ivan Cruz. Ele explica que a praga come a planta por dentro deixando a espiga com aparência boa. “Por fora, ela fica bonita, mas por dentro, está destruída”, descreve. A dificuldade é que, além de não existir ainda inseticida re-



Pragas como a lagarta-da-soja exigem aplicação imediata de defensivos



Moscardi, da Embrapa: com amostras semanais da lavoura, pode-se entrar com o inseticida no momento certo



safio dos agricultores é vencê-la antes que ela destrua a espiga e ocasiona perda na produção e na qualidade dos grãos. “A broca fura a espiga e os grãos, fazendo com que entre umidade”, menciona.

Por enquanto, os agricultores realizam pulverizações aéreas, mas nem todos os filiados à cooperativa possuem aeronave para isso. “Em 2007/08, ela deve voltar. Não vemos a hora de ser liberado o milho transgênico”, salienta Luciano. O controle biológico não é usado porque, às vezes, não coincide a reprodução do seu inimigo natural. “Ela aparece entre 100 e 120 dias após o plantio. O negócio é monitorar a lavoura e fazer aplicação aérea. Mas o resultado só será visto na hora da colheita”, diz.

gistrado no Ministério da Agricultura para combatê-la, uma vez que ela está no colmo do milho, o agricultor não consegue pegá-la. “Com a cana e o milho, a broca tem comida o ano todo”, explica.

O que há, por enquanto, é um controle biológico da broca-da-cana, feito por meio da vespa *Trichogramma*. “Ela é minúscula. Deve ter meio milímetro”, detalha Cruz. O processo, segundo o especialista, é o seguinte: “O produtor a solta na lavoura e ela orienta para onde estão os ovos da praga. Lá, coloca seus próprios ovos. Quando a lagarta da vespa nasce, come o conteúdo interno dos ovos da broca”, destaca. Conforme o pesquisador, já há no Brasil empresas que comercializam a *Trichogramma*. “Elas vão até pelo correio. O agricultor recebe, junto, uma tabela com a data provável do nascimento das vespinhas”, afirma.

O aparecimento da broca-da-cana está deixando apreensivos os produtores de Ponta Grossa/PR, região que responde pela maior produtividade do grão no Estado. A praga começou a aparecer na área de abrangência da Coope-

rativa Agrícola Mista do Paraná (Coopagrícola) no ano passado, apesar de os canaviais ficarem a uns 600 quilômetros de distância dos 40 mil hectares cultivados. Segundo o coordenador da área técnica da Coopagrícola, Jeferson Malluta Luciano, o maior de-

O constante uso de inseticidas nas lavouras acabou tornando algumas pragas mais resistentes, como é o caso da lagarta-do-cartucho



Embrapa Milho e Sorgo

NÃO BASTA DEFENDER A LAVOURA. É PRECISO FAZER CERTO

Uma das maiores dificuldades para a manutenção de uma lavoura sadia é a aplicação correta dos defensivos. Parte do custo das aplicações chega a representar entre 30% e 40% do total. Entretanto, essa parcela poderá aumentar caso não haja manutenção do maquinário disponível. As principais lacunas ocorrem por meio de vazamentos e pontas de pulverização desgastadas. “O produtor gasta R\$ 150 mil em defensivos e usa um pulverizador de 50 bicos. Se um deles está comprometido, já coloca em risco R\$ 3 mil”, avalia o professor da FCA/Unesp, de Botucatu/SP, Ulisses Antuniassi. Ele ainda faz a seguinte conta: “Se cada bico aplicar 10% a mais do que deveria, vai se estar jogando fora R\$ 300. Esse volume aumenta de acordo com o número de bicos mal calibrados”, exemplifica.

Segundo Antuniassi, sete em cada dez pulverizadores apresentam problemas atualmente nas lavouras brasileiras. “O importante é que sejam corrigidos antes da aplicação”, orienta. Uma calibração deve ser feita com critério, na qual o erro seja menor do que 5%. “Este é um limite aceitável. Cerca de 70% das máquinas têm 5% de erro”, relata. De acordo com o professor, o custo para comprar bicos novos fica em torno de R\$ 10 cada. “Ou seja, 0,3% do custo do produto vai garantir bicos para evitar as perdas”, argumenta. Outra indicação para um melhor rendimento dos equipamentos, conforme o especialista, é optar por um operador bem treinado, o que deve ocorrer antes de começar a safra, para que ele utilize a máquina e o produto adequadamente. “Erros na aplicação de defensivos acarretam dois tipos de desperdício: um, direto, que é o produto jogado fora, e outro, indireto, que é a contaminação do meio ambiente”.

De olho no pulverizador

- **Vazamentos** — Esta avaliação será realizada submetendo a máquina à operação e observando a ocorrência dos mesmos.
- **Mangueiras danificadas** — Serão avaliadas mangueiras rompidas, trincadas, fissuradas, dobradas ou que apresentem outro tipo de dano.
- **Localização e posicionamento de mangueiras** — A posição das mangueiras também será observada, identificando e localizando as que interfiram na projeção do jato de líquido desde a ponta até o alvo.
- **Espaçamento entre bicos** — A distância entre os bicos será avaliada apenas nos pontos onde tem mangueira. As distâncias serão medidas sempre do lado esquerdo para o direito.
- **Estado de conservação do filtro de sucção** — O filtro será retirado sempre pelo responsável pela máquina, após as avaliações dinâmicas, e a observação será feita considerando a presença de fissuras, obstrução, sujeira ou outro tipo de dano, tanto na malha, quanto na carcaça.
- **Presença e estado de conservação do filtro de linha** — Seguirá o mesmo procedimento a ser

utilizado para os filtros de sucção.

■ **Presença e estado de conservação de antigotejadores** — Será avaliada a presença ou não e os mesmos serão considerados funcionais quando, após a interrupção do bombeamento de água, impedem completa e instantaneamente a passagem de líquido através das pontas de pulverização.

■ **Tipo de ponta de pulverização** — São considerados inadequados os pulverizadores nos quais são encontrados bicos de tipos diferentes no mesmo lote em uso.

■ **Estado de conservação das pontas de pulverização** — Esta avaliação será feita por meio da vazão das pontas. A vazão será tomada em todos os bicos, pela instalação de mangueiras nos corpos dos bicos para conduzir toda a água pulverizada para os baldes coletores.

■ **Proteção de partes móveis** — Serão consideradas protegidas desde que mostrem segurança ao operador durante todo o período de operação da máquina, tais como a manutenção, abastecimento, transporte e calibração e não ter espaços que permita a colocação de ferramentas e/ou membros do corpo nas partes móveis durante o funcionamento.



Conforme Antuniassi, da Unesp, nas lavouras brasileiras, sete em cada dez pulverizadores apresentam problemas



■ **Avaliação dos erros na taxa de aplicação** — O limite de erro para que a calibração seja considerada aceitável será de 5% para mais ou para menos.

que a calibração seja considerada aceitável será de 5% para mais ou para menos.

■ **Avaliação da precisão da calibração através do método convencional (caneca ou copo de calibração)** — Primeiro será feita a tara da caneca, colocando-a na balança e em seguida zerando o seu peso para que seja obtido o peso apenas do líquido que se encontrará no seu interior. Se colocará um pouco de água na caneca e será solicitado ao usuário que faça a leitura do volume, o qual será anotado. Em seguida, este mesmo volume de água será pesado em balança eletrônica de 5 quilos, obtendo-se com isso o peso do líquido. A diferença entre os dois valores dará o erro de calibração quando é utilizado o método da caneca.

Primeiro será feita a tara da caneca, colocando-a na balança e em seguida zerando o seu peso para que seja obtido o peso apenas do líquido que se encontrará no seu interior. Se colocará um pouco de água na caneca e será solicitado ao usuário que faça a leitura do volume, o qual será anotado. Em seguida, este mesmo volume de água será pesado em balança eletrônica de 5 quilos, obtendo-se com isso o peso do líquido. A diferença entre os dois valores dará o erro de calibração quando é utilizado o método da caneca.

Fonte: Ulisses Antuniassi

Mesmo lutando contra a praga, a cooperativa é um exemplo de sucesso. Colhendo, em média, 11,6 mil quilos de milho por hectare, os 320 produtores só têm a comemorar, enquanto a média nacional, na safra 2006/07, foi de 3,648 kg/ha. O alto rendimento é explicado pelo investimento constante em tecnologia. A orientação dos seis técnicos da Coopagrícola, que atuam diretamente com os agricultores, também faz a diferença por meio dos dias-de-campo e dos trabalhos de pesquisa. Por meio do manejo integrado da cultura, os técnicos fazem o monitoramento da região, indicam o uso de produtos que não vão afetar os inimigos naturais da planta e orientam os produtores a monitorar o histórico das lavouras anteriores.

O perigo da resistência — O constante uso de inseticidas nas lavouras acabou tornando algumas pragas mais resistentes. É o caso da lagarta-do-cartucho, que é combatida com o uso intensivo e repetido de produtos com princípios ativos idênticos ou similares, e dos percevejos, que são comuns também à cultura da soja, recebendo um número grande de pulverizações. De acordo com os pesquisadores do Instituto Agrônomo do Paraná (Iapar) Rodolfo Bianco e Antônio Gerage, as pragas mais difíceis de combater nas plantações de milho são as de hábito subterrâneo como os corós, percevejo-da-raiz, larva-alfi-

nete, larva-aramé, lagarta-elasma e lagarta-rosca. “Há ainda a broca-da-cana e a lagarta-da-espiga, que pela dificuldade em se atingir o alvo, por meio do controle químico, são também consideradas pragas de difícil combate”, lembram. No Paraná também tem sido mais freqüente e de maior dano as doenças foliares (ferrugens, mancha branca, cercosporiose e as helmintosporioses) e as do complexo de fungos que causam as podridões do colmo.

De acordo com os pesquisadores, a escolha da semente adequada é a melhor forma de evitar danos por pragas ou doenças. “A obtenção de cultivares de milho resistentes a pragas, por métodos convencionais de melhoramento é bastante difícil, particularmente quando é necessário aliar resistência genética com todos os demais atributos agrônômicos”, argumentam os pesquisadores. A última cultivar lançada pelo Iapar foi a IPR 127, um híbrido simples, de ciclo precoce, com textura de grão duro e cor do grão branca. Sua finalidade é direcionada ao consumo humano, principalmente na forma de canjica, fubá, farinha e amido. Tem como grandes vantagens um alto rendimento industrial e excelente sanidade de grãos. Por possuir características que atendem as necessidades do produtor e da indústria é hoje a cultivar de maior expressão em área plantada no seguimento de milho branco no Brasil.

Industrial Pagé,
destaque
2007
Silos e armazenagem
a granja
do ANO

Tecnologia a serviço da agroindústria

pagé

BR 101 Km 414 Cx. Postal 500 Fone: 48 3521 0300 Fax: 48 3521 0313
CEP: 88900-000 Araranguá SC vendas@indpage.com.br www.indpage.com.br

DESTAQUES A GRANJA DO ANO



**UM TRIBUTO
AOS MELHORES
DO AGRONEGÓCIO
BRASILEIRO**







Texto: Leandro Mariani Mittmann
Fotos: Antônio Sanches e Patrícia Haubert

O melhor do capital humano do agronegócio brasileiro esteve reunido sob o mesmo teto, na sede da Federação da Agricultura do Rio Grande do Sul (Farsul) do Parque de Exposições Assis Brasil, na 30ª edição da Expointer, em Esteio/RS, entre o final de agosto e início de setembro. A tradicional e esperada entrega do **Prêmio Destaques 2007 A Granja do Ano** agrupou no mesmo local metade do PIB do agronegócio brasileiro. Representantes de empresas, instituições, produtores rurais, enfim, homens e mulheres da mais alta relevância do setor, acompanharam ou mesmo foram premiados pela 22ª edição do mais importante prêmio do agro no País. Os destaques são eleitos em diferentes categorias pelo voto direto e espontâneo dos leitores da revista **A Granja**.

O evento reuniu autoridades como os presidentes da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), Fábio Meirelles, da Farsul, Carlos Sperotto, da Sociedade Rural Brasileira (SRB), Cesário Ramalho, do Sindicato das Indústrias de Máquinas e Implementos Agrícolas no RS (Simers), Cláudio Bier, da Assembleia Legislativa do RS, Frederico Antunes, além do secretário gaúcho da Agricultura, João Carlos Machado, e do ex-presidente da SRB, Luiz Hafers e premiados acompanhados de familiares ou colegas de trabalho. O mais importante e desejado prêmio do agronegócio brasileiro foi mais uma vez marcante e histórico, assim como nas edições anteriores.

“Receber a láurea através do voto constitui algo muito importante, muito estimulante, muito gratificante. Simplesmente, porque esta foi a voz do mercado”, lembrou Hugo Hoffmann, diretor-presidente da Editora Centaurus, que publica a revista **A Granja** e o anuário **A Granja do Ano**. (*Suas considerações estão na seção Na Hora H*). “Esse conjunto de agraciados representa um Brasil líder, um Brasil vencedor. Líder e vencedor na produção de alimentos, fibras e energia limpa, mas também na produção de conhecimento e tecnologia tropical”, mencionou





Luiz Adriano Teixeira, da Agropecuária CFM, recebe o troféu "Destaque Pecuária de Corte" do diretor-presidente da Editora Centaurus, Hugo Hoffmann (E), e do diretor-presidente da CNA, Fábio Meirelles

o presidente da Embrapa, Sílvio Crestana, que falou pelos agraciados. *(Sua explanação está na seção Ponto de Vista)*

Ao falar, o presidente da CNA, Fábio Meirelles, ressaltou a importância da atuação do diretor-presidente d'**A Granja** em defesa da agricultura brasileira. "A maior homenagem a um homem é reconhecê-lo de público", disse. Meirelles lembrou que, por vezes, as autoridades não reconhecem as "críticas construtivas das organizações que comunicam o saber do desenvolvimento agropecuário e toda a sua linha de excelência, como **A Granja**." Já o secretário da Agricultura do Rio Grande do Sul, João Carlos Machado, elogiou a proposta d'**A Granja**. "A revista tem trazido informação e nos mantido - nós, do agronegócio - bem informados", disse. "Pelas pessoas, empresas e entidades aqui agraciadas, não tenho dúvidas em afirmar que o melhor do agronegócio está aqui na Expointer", deduziu.

O anfitrião da festa, Carlos Sperotto, presidente da Farsul, ressaltou a parceria entre a Editora Centaurus e a sua entidade, que abriga a entrega da premiação. Em seu pronunciamento, o dirigente lamentou os disparates da agricultura, visto que ele, um grande produtor, recebe pela saca de feijão a quantia de R\$ 24, enquanto um pequeno ganha R\$ 68. "Vamos fazer um Brasil só. Vamos trabalhar juntos. Vamos fazer todos os produtores terem retorno", reivindicou. "A vocês, agraciados, os meus parabéns. Sentimo-nos engrandecidos com esta agricultura. Não somos o setor primário, não. Nós somos o setor primeiro da economia, pois usamos tecnologia de ponta e tecnologia de ponta que é premiada."

Na seqüência, as fotos de todos os premiados.



Sandro Hey, da Cooperativa Castrolanda, recebe o troféu "Destaque Pecuária de Leite" do presidente da Assembleia Legislativa do RS, Frederico Antunes



Marcelo Aiquel, da Marambaia Agropecuária, recebe o troféu "Destaque Ovinocultura" do presidente da Embrapa, Sílvio Crestana



DESTAQUES A GRANJA DO ANO



Max Fabiani, da Tortuga, recebe o troféu "Destaque Nutrição Animal" do secretário da Agricultura do RS, João Carlos Machado



André Carioba, da AGCO, recebe o troféu "Destaque Tratores" do diretor-presidente da Editora Centaurus, Hugo Hoffmann



Henry Berger, da Merial, recebe o troféu "Destaque Defensivos Animais" do presidente da Farsul, Carlos Sperotto



Fabio Hayashida, da Semeato, recebe o troféu "Destaque Implementos de Preparo de Solo e Plantio" do presidente do Simers, Cláudio Bier



Carlos Hentschke, da Pioneer, recebe o troféu "Destaque Sementes" do presidente da Sociedade Rural Brasileira, Cesário Ramalho



Paulo Milan, da Bunge Fertilizantes, recebe o troféu "Destaque Adubos e Corretivos" do presidente da CNA, Fábio Meirelles



Paulo Kowalski, da John Deere, recebe o troféu "Destaque Máquinas de Colheita" do presidente do Simers, Cláudio Bier



Marconi Pascoali, da Pagé, recebe o troféu "Destaque Silos e Armazenamento" do presidente da Farsul, Carlos Sperotto



Marcelo Borges Lopes, da Valmont, recebe o troféu "Destaque Sistemas de Irrigação" do presidente da Embrapa, Sílvio Crestana



Jorge Luiz Saab Carrer, da Volkswagen do Brasil, recebe o troféu "Destaque Caminhões" do presidente da Sociedade Rural Brasileira, Cesário Ramalho



Laércio Giampani, da Syngenta, recebe o troféu "Destaque Defensivos Agrícolas" do secretário da Agricultura do RS, João Carlos Machado



DESTAQUES A GRANJA DO ANO



José Maria Castellano, da Toyota, recebe o troféu "Destaque Pick-ups" do presidente da CNA, Fábio Meirelles



Pedro Valente, da Agropecuária Maggi, recebe o troféu "Destaque Produtor de Soja" do presidente da Sociedade Rural Brasileira, Cesário Ramalho



Walter Arns recebe o troféu "Destaque Produtor de Arroz" do presidente da Farsul, Carlos Sperotto



Ademar Luiz Pedron, da C. Vale, recebe o troféu "Destaque Produtor de Trigo" do ex-presidente da SRB, Luiz Haffers



Arlindo de Moura, da SLC Agrícola, recebe o troféu "Destaque Produtor de Milho" do presidente da Embrapa, Sílvio Crestana



Laudo Hirose Maeda, do Grupo Maeda, recebe o troféu "Destaque Produtor de Algodão" do presidente da CNA, Fábio Meirelles



Antonio Salton, da Vinícola Salton, recebe o troféu "Destaque Produtor de Vinho" do diretor-presidente da Editora Centaurus, Hugo Hoffmann



Sergio Machado de Oliveira, da Mapfre, recebe o troféu "Destaque Seguro Agrícola" do presidente do Simers, Cláudio Bier



Sílvio Crestana, da Embrapa, recebe o troféu "Destaque Pesquisa Agropecuária" do secretário da Agricultura do RS, João Carlos Machado



Jaime Francisco Schwarz, do Banco do Brasil, recebe o troféu "Destaque Banco" do diretor-presidente da Editora Centaurus, Hugo Hoffmann



Sergio Luiz Panceri, da Cooperativa Coamo, recebe o troféu "Destaque Cooperativismo" do presidente da Farsul, Carlos Sperotto



UM SHOW DE



*Exposição bate recordes e prova que o momento
é de reação para o agronegócio nacional*

Denise Saueressig
denise@agranja.com

Quem passou pela 30ª Expointer – feira realizada em Esteio/RS, entre 24 de agosto e 2 de setembro – teve uma amostra do momento positivo do agronegócio brasileiro. A feira expressou os ânimos renovados e as perspectivas otimistas entre produtores e empresários ligados ao setor. Uma demonstração desse cenário está no resultado financeiro da exposição. A comercialização deste ano foi recorde. Os negócios envolvendo animais, máquinas, implementos, artesanato e produtos da agricultura familiar somaram R\$ 131,53 milhões, um incremento de 37,3% em comparação com a edição passada. “O nosso otimismo em

virtude da colheita de uma safra de grãos histórica e dos preços da pecuária de corte e de leite se confirmaram nesta Expointer”, comemora o secretário da Agricultura do Estado, João Carlos Machado.

O segmento de máquinas agrícolas foi o maior responsável pelo aumento nas vendas, com resultado de R\$ 120,11 milhões, um acréscimo de 38,1% em relação a 2006, segundo o Sindicato das Indústrias de Máquinas e Implementos Agrícolas do Rio Grande do Sul (Simers). Durante a feira, os fabricantes demonstraram confiança em relação aos negócios ao longo de 2007. Os anos de 2005 e 2006 foram difíceis para a indústria, que sofreu com as

consequências da crise financeira do campo. Nesses anos, o segmento contabilizou a comercialização, no País, de 17 mil e 20 mil tratores, respectivamente. A expectativa do setor para o mercado nacional em 2007 é de que as vendas se aproximem dos níveis de 2004, quando foram comercializados em torno de 28 mil tratores no Brasil. Entre as colheitadeiras, a projeção é de que as vendas fiquem em torno de 1.800 unidades até o final do ano. Em 2006, a comercialização dessas máquinas chegou a 1.030 unidades, número bem abaixo do ótimo desempenho de 2004, quando a indústria nacional vendeu 5.600 colheitadeiras no mercado interno.

FEIRA

A Massey Ferguson mostrou aos produtores que visitaram a Expointer, a colheitadeira axial MF 9790 ATR. No conceito axial, o sistema de trilha e separação ocupa um espaço menor dentro da máquina, o que permite o aumento da capacidade da colheitadeira sem que cresçam as suas dimensões externas. O sistema ainda tem

Piltcher, da Massey Ferguson: investimentos em maquinário são essenciais para a rentabilidade do produtor



Nilson Konrad

como característica uma maior simplicidade de operação. A MF 9790 ATR é indicada, especialmente, para as culturas de milho, soja e trigo. Outro destaque da empresa na feira foi o trator MF 8480 CVT. O motor, de 290 cavalos de potência, tem gerenciamento eletrônico, reduzidos níveis de emissão e economia de combustível. O diretor de marketing da Massey Ferguson, Fábio Piltcher, constata que os produtores estão cada vez conscientes de que o investimento em maquinário é fundamental para garantir competitividade e rentabilidade. “Este ano, as vendas internas de tratores tiveram incremento de 46% até julho. É sempre difícil fazer previsões, mas nós acreditamos que a recuperação deste ano será bastante positiva”, completa o executivo.

O gerente de desenvolvimento de produto da Valtra, Jak Torretta, tem o pensa-

mento parecido. Na opinião dele, o agricultor está mais motivado a investir em equipamentos novos. “A partir do momento que o segmento de grãos entra em recuperação, sentimos melhora no mercado”, assinala. A empresa teve como destaque na Expointer o pacote de tecnologia Geração II. Os modelos de tratores BM 125i, da linha média, e o

Denise Saueressig



Torretta, da Valtra: crescimento do setor florestal pede equipamentos adaptados à produção

BH 185i, da linha pesada, chegam aos clientes com o sistema Intercooler, que permite maior desempenho e eficiência dos motores, redução de até 5% no consumo de combustível e diminuição da emissão de gases poluentes. A Valtra também dispensou uma atenção especial às máquinas voltadas à silvicultura durante a feira de Esteio. “Os investimentos de empresas de celulose na área florestal são grandes e nós precisamos fazer com que o trator esteja preparado para receber os equipamentos adequados ao uso na atividade”, conclui Torretta.

Os desafios enfrentados durante o período de dificuldades para os grãos provocaram adaptações nas linhas de pro-

dução. “Nos adequamos às necessidades do mercado e investimos em outros segmentos, como a cana, a laranja e o café”, explica o diretor comercial da New Holland, Luiz Feijó. A empresa aproveitou a Expointer para lançar três máquinas: a colheitadeira de grãos TC 5090 e dois modelos de tratores da Série 30, o 8030 e o 7630. Além de ter maior potência, a colheitadeira foi projetada para ser mais produtiva. A capacidade do tanque graneleiro aumentou para 7,2 mil litros, diminuindo assim a necessidade de paradas durante a colheita. Os novos tratores têm a proposta de mais economia e manutenção facilitada. “Os lançamentos são resultado de pesquisas feitas com os produtores, que são consultados em diferentes regiões do País”, enfoca o gerente de marketing da New Holland, Marcos Arbex.

A John Deere levou para a exposição

Incomagri
Inovando Sempre

Fone: (19) 3843.9900 - Fax: (19) 3863.2951
Site: www.incomagri.com.br
Email: vendas@incomagri.com.br



Marcos Giesteira

Feijó, da New Holland: indústria precisou se adequar à crise enfrentada pelos produtores de grãos

como principais novidades, quatro modelos de tratores. O 7715, com motor de 182 cv, e o 7815, de 202 cv, são os primeiros produzidos na nova fábrica da empresa em Montenegro/RS. Já os modelos 5303, de 57 cv, e 5403, de 65 cv, reforçam a presença da marca na faixa de tratores de baixa potência. “O segmento da agricultura familiar é muito forte economicamente e nós temos que conquistar esses clientes com os diferenciais dos nossos produtos”, frisa o gerente regional de vendas da John Deere, Paulo Kowalski. Ele salienta que os tratores se adaptam às mais variadas ativi-

dades das pequenas propriedades, como a horticultura e a fruticultura. O dirigente da empresa também tem expectativas positivas em relação ao mercado. “Este é o ano da retomada, e 2008 será de bons negócios para a indústria de máquinas”, observa.

Gerdau entrega prêmios – Durante a Expointer, foram conhecidos os 11 vencedores da 25ª edição do Prêmio Gerdau Melhores da Terra. Este ano houve recorde de inscritos nas categorias Destaque, com 49 participantes, e Pesquisa e Desenvolvimento, que teve 516 inscrições. Na categoria Novidade, foram 35 concorrentes.

O troféu ouro na categoria Destaque foi para o Pulverizador Arrozeiro TARRAN 3000, da Stara. Os vencedores do troféu prata foram a Plataforma para Colheita de Milho da GTS do Brasil e a Semeadora Hidráulica Múltipla SHM 15/17, da Semeato. Nessa edição, os jurados concederam dois prêmios especiais para as indústrias argentina e chilena. O Cabeçal para Cosecha de Maiz, modelo 2000, do fabricante Carlos Mainero y Cia., da província de Córdoba, foi o equipamento destaque da indústria argentina. O equipamento Rodillo Moldeador, fabricado pela empresa familiar do engenheiro agrônomo Jaime Quijada, de Santiago, foi o destaque do Chile.

Na categoria Novidade, a empresa ganhadora do troféu ouro é a AGCO do Brasil, fabricante da Colhedora Autopropelida de Grãos MF 9790 ATR. O Trator Agrícola

TT3880F, produzido pela CNH Latin América, recebeu um troféu prata. O outro troféu prata foi concedido à Colhedora de Forragens de Área Total CAT 1200, da Nogueira. A Balança para Pesagem de Aves Integra-PRO SP-22, da Agromarau, foi contemplada com o prêmio especial.

A categoria Pesquisa e Desenvolvimento premiou, entre os trabalhos profissionais, a Unidade móvel de auxílio à colheita (Unimac) para tomate de mesa, da Faculdade de Engenharia Agrícola da Unicamp, de São Paulo. Os autores são Marcos David Ferreira, Oscar Braunbeck e Augusto César Sanchez. O trabalho vencedor entre os estudantes é da Universidade Federal do Ceará (UFC) e é intitulado Desenvolvimento de sistema de rádio para aquisição de dados para sensoriamento de umidade e temperatura do solo e atuação em sistemas de irrigação. O estudo foi elaborado pelo estudante de mestrado Clemilson Santos, orientado pelo professor Adunias Teixeira.

Momento de conferir as novidades

– Do Nordeste para o Sul do País. Os produtores José João Nascimento Lima e José Alves do Nascimento viajaram do Sergipe até o Rio Grande do Sul para ver de perto os destaques da 30ª Expointer. Os dois conferiram as máquinas e equipamentos voltados à citricultura e à lavoura arrozeira. E assim como todos os agricultores do Brasil, esperam por um mercado favorável na próxima safra. “Queremos que o Governo valorize mais o setor e apóie os produtores no momento certo para que a comercialização seja feita em melhores condições”, diz Lima.

Sérgio Baldasso, produtor de leite em Carlos Barbosa/RS, também foi à feira para se manter atualizado vendo as novidades voltadas à pecuária leiteira. A cadeia passa por um momento especial, principalmente no Rio Grande do Sul, onde vários investimentos são previstos por grandes empresas. “Esperamos que essa onda de novas fábricas ajude a elevar o preço para o produtor”, declara. ■

Kowalski, da John Deere: atenção especial às máquinas voltadas à agricultura familiar



Denise Saueressig

Lima e Nascimento saíram do Nordeste para conhecer a feira de Esteio



Denise Saueressig

ANÚNCIO

LOGÍSTICA

NO BRASIL, NAVEG



GAR É IMPRECISO

Os portos brasileiros enfrentam uma crise que ameaça a competitividade e até mesmo o fluxo das exportações agrícolas. É o velho custo-Brasil atravancando o desenvolvimento do setor

Adriana Ferreira

Levantamento recente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) mostra que a produção de grãos da safra 2006/2007 terá recorde de 130,7 milhões de toneladas. No que se refere às exportações, a Secretaria de Comércio Exterior (Secex), do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, divulgou que somente os embarques de soja totalizaram em maio 3,152 milhões de toneladas, um aumento de 8,13% com-

parado a maio anterior. Diante desses números tudo parece ir muito bem, mas um fantasma nada oculto assombra o agronegócio brasileiro: os gargalos dos portos. Falhas na infra-estrutura, lentidão das aduanas na liberação de mercadorias e greves frequentes de trabalhadores fazem parte da rotina do cais.

A gestão portuária, na maioria dos casos entregue a indicados políticos sem as devidas competências para

ocupar o cargo, cria problemas de toda ordem. É o caso das obras de ampliação e recuperação, que são constantemente interrompidas pelo não-cumprimento de exigências ambientais. Simplificando, a estrutura portuária não acompanhou o crescimento da economia e do País como um todo. O velho hábito brasileiro de esperar a boiada estourar para correr atrás do gado talvez explique essa situação.

Stara



Troféu Ouro Prêmio Gerdau
Melhores da Terra 2007

O Tarran recebeu o maior índice de aprovação de clientes pesquisados nos 25 anos de história do Prêmio Gerdau

Somente o melhor equipamento poderia ter ganho o maior prêmio oficial da América Latina conferido à máquinas e implementos agrícolas

Visite nosso site:

www.stara.com.br

Fale Conosco: 054 3332.2800

Procure nosso revendedor mais próximo





Divulgação

DIFÍCIL TAMBÉM É CHEGAR ATÉ O PORTO

Tão elementar quanto solucionar os problemas dos portos é cuidar da interligação modal. Facilitar os acessos aos portos que interligam regiões produtoras, dedicando atenção especial aos corredores das Novas Fronteiras, com vistas a encurtar caminhos e desafogar os terminais da regiões Sul e Sudeste, é medida consensual para os especialistas.

Essa também é a conclusão de um levantamento realizado pela Câmara Temática de Infra-Estrutura e Logística do Agronegócio do Ministério da Agricultura, que mapeou a cadeia exportadora. Foram traçadas perspectivas no longo prazo e identificadas as principais demandas de transporte e logística para atender ao crescimento e às transformações no perfil das commodities exportadas. O do-

cumento lista uma série de ações necessárias para solucionar os gargalos logísticos.

Na opinião do consultor Francisco Olavo Souza, coordenador do Programa de Fronteiras Agrícolas e Corredores de Escoamento da Conab, já estamos enfrentando um “apagão logístico”. “A principal dificuldade para escoar a produção exportável é chegar até os portos. Se considerarmos que na região da fronteira agrícola é onde se observa o aumento da produção de grãos, será naquela região que teremos de investir em infra-estrutura modal”, esclarece. As conseqüências, segundo ele, são danosas principalmente para os produtores, que recebem menos por saca.

Os amargos efeitos do esgotamento da estrutura portuária são os custos e, por conseguinte, a perda de pro-

ductividade. O pesquisador da Conab está terminando um relatório sobre o corredor da BR-163 – que liga Cuiabá/MT a Santarém/PA. Ele comenta que nos municípios vinculados a este corredor a produção estimada de grãos é de aproximadamente 12 milhões de toneladas nesta safra, das quais cerca de 6 milhões de toneladas tem como destino a exportação. “Se a BR-163 estivesse construída, os produtos teriam como destino Santarém e portos do Norte do País e a economia gerada pela menor distância seria, somente para esta região analisada, de US\$ 245 milhões por safra”, revela. A saída pelo Norte propiciaria um ganho de aproximadamente 1.000 quilômetros em relação aos portos de Santos e Paranaguá.



Divulgação

Manteli, da ABTP: “Temos de mudar esse modelo de gestão, contratando profissionais, executivos que entendam de comércio exterior e de portos”

Uma das conseqüências já visíveis é o atraso para o embarque de mercadorias, que leva mais de três dias entre a descarga do caminhão e a liberação para o embarque no navio, aumentando sobremaneira os custos para o produtor e para o próprio governo. No longo prazo, porém, os problemas podem prejudicar seriamente o fluxo das exportações agrícolas.

A Lei 8630/1993, de modernização dos portos, é uma das muitas medidas governamentais aplicadas nos últimos anos. Ela determinou que o Poder Público entregasse a operação portuária à iniciativa privada por meio de concessões. As companhias Docas deixaram de cuidar do embarque e do desembarque dos navios e passaram a tratar da concessão de áreas aos interessados em atuar no setor. Além disso, foram criados inúmeros terminais privados, para os quais também é necessário o contrato com o Poder Público. O governo ficou encarregado de cuidar das concessões, da fiscalização e da organização do sistema, além de investir na manutenção da parte comum, como o acesso pelo mar - o que inclui as obras de dragagem - e por terra.

A nova legislação também permitiu a descentralização do controle dos portos. A União pôde delegar a administração portuária aos estados e municípios, o que foi feito nos portos de Paranaguá e Antonina, ambos no Paraná, ou no porto de São Francisco do Sul, em Santa Catarina, entre outros. Desde então, a movimentação nos portos brasileiros cresceu e houve algumas melhorias no setor. Mas os governos não cumpriram com a sua parte e deixaram de realizar investimentos em infra-estrutura e a reorganização das companhias Docas. Por conseguinte, as complicações aumentaram.

Em 2002, surgiu a Agência Nacional de Transportes Aquaviários (Antaq) e a Agência Nacional de Transportes Terrestres. Em 2004, numa força-tarefa, integrantes de vários ministérios criam a Agenda de Portos, com a finalidade de aprovar recursos emergenciais para os gargalos dos 11 principais portos. Em maio foi inaugurada a Secretaria Especial de Portos, tendo como presidente o ex-ministro da Integração Nacional, Pedro Brito. A Secretaria deve assessorar diretamente o presidente da República na formulação de políticas e diretrizes para o desenvolvimento e fomento do setor, além de cuidar da execução e avaliação de medidas e projetos de apoio ao incremento da infra-estrutura dos portos marítimos e daqueles outorgados às companhias Docas.

Descontente com os tímidos avanços na área, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva determinou ao novo secretário uma mudança radical na administração dessas instituições, que deve deixar de ser exercida por indicações políticas para obedecer a critérios meritocráticos e profissionais de avaliação. “O sistema de administração era exercido pelas Docas federais ou pelo Estado com influência política, o que faz do setor um legítimo cabide de empregos. Não há continuidade na gestão, impedindo que se faça um planejamento”, comenta Wilen Manteli, diretor-presidente da Associação Brasileira de Terminais Portuários (ABTP), que atua no setor há 30 anos. “Temos de mudar esse modelo de gestão, contratando profissionais, executivos que entendam de comércio exterior e de portos.”

Manteli relata que no Porto de Santos a nomeação é totalmente política. “Por conta disso, há mais de quatro mil reclamações trabalhistas correndo na Justiça; há problemas de dragagem; os navios não conseguem entrar cheios e sair cheios e são mandados para lá navios velhos. Não há preocupação com o usuário e com o cliente dos portos”, critica. O exemplo se aplica à maioria dos portos, segundo o dirigente.

Em Paranaguá/PR, a situação é mais grave. Desde 2003 o porto, que che-



Fayet, da CNA: Porto de Paranaguá cria empecilhos para soja transgênica

Divulgação

gou a receber prêmios por eficiência, passa por um processo de sucateamento de suas operações. Com uma capacidade ociosa de 5 milhões de toneladas, litígios trabalhistas, sustação da ampliação do cais oeste, ausência dos

(51) 3024.7100

Av. Pernambuco, 1207 - Porto Alegre/RS
vendas@allcompgps.com.br
www.allcompgps.com.br

ITAQUI, O FUTURO É POR LÁ

Nesse momento, todas as atenções estão voltadas para o Porto de Itaqui, localizado em São Luiz/MA, pois é um dos cinco principais terminais públicos do País. A estrutura é considerada o porto da integração regional e um escoadouro natural de cadeias produtivas do Centro-Oeste. Itaqui movimentou no ano passado 12,5 milhões de toneladas – com valores em torno de US\$ 2 bilhões. De soja, foi 1,7 milhão de toneladas, e de fertilizantes, 358 mil toneladas –, o que corresponde a 12% do movimento total. Foram atracados 604 navios.

Está em fase final de licitação a instalação da primeira etapa do Terminal de Grãos do Maranhão (Tegram), com capacidade para operar até 6,5 milhões de toneladas de grãos. O governo federal prevê a liberação de R\$ 285 milhões para a ampliação do porto, verba destinada para construção de um novo berço e uma retroárea de 72 mil metros quadrados. Também já foram recuperados os berços 101 e 102. Na área privada deverão ser investidos cerca de R\$ 300 milhões em projetos como o Terminal

de Grãos, Terminal de Granéis Líquidos e expansão da capacidade de atracagem do porto. As obras dos berços deverão ser concluídas em 2008 e os projetos devem ser iniciados ainda este ano.

O porto tem grande profundidade de calado e condições de aumentar a exportação de soja, recebendo a produção do Centro-Oeste. Mas, de acordo com especialistas, isso depende da conclusão da ferrovia Norte-Sul. Estudo realizado pela Confederação de Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) destaca a importância das obras de consolidação dos corredores de Porto Velho/RO, Santarém/PA e São Luís-Belém/PA, consideradas “urgentiíssimas, especialmente as do corredor de São Luís-Belém, coluna vertebral da logística no Centro-Norte e Centro-Oeste”. “No ano passado tínhamos uma demanda de 3 milhões de toneladas de soja para exportar pelo Porto de Itaqui, mas devido às suas limitações só conseguimos embarcar a metade. Este ano temos uma demanda de 5 milhões, da qual só poderemos exportar dois milhões”, lamenta Luiz Antonio Fayet, da CNA.

serviços de manutenção, entre outros fatos, ameaçam as atividades desse importante acesso na Região Sul. Recentemente, o almirante Gerson Ravanelli, diretor de Portos e Costas da Marinha do Brasil, afirmou que se não forem tomadas medidas urgentes o porto pode se tornar inviável em 2008. “O administrador desse porto desorganiza o sistema logístico, cria selo de qualidade, não deixa passar a soja transgênica e impõe outras dificuldades porque, na verdade, não quer filas”, denuncia Luiz Antonio Fayet, representante da Confederação de Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) para assuntos relacionados à logística e infraestrutura.

As licenças ambientais, tidas por muitos como um empecilho para a abertura e ampliação de novas unidades portuárias, não são “o problema”, como muitos querem fazer crer. Con-

tra isso, o presidente da ABTP argumenta: “É necessário procurar as autoridades ambientais logo que se inicia um projeto. O que tem havido é uma ausência de diálogo na fase inicial dos projetos. Mais uma vez, falta uma boa administração”.

Do alto de suas três décadas de atuação no setor portuário, Manteli acredita que a solução, no médio prazo, está nas mãos do secretário especial de Portos Pedro Brito, que tem a delegação expressa do presidente para quebrar a tradição de apadrinhamentos políticos nos portos, eliminando a burocracia. “Não temos ainda um apagão portuário, mas se não forem tomadas medidas de imediato, tais como dragagem, licitação de novas áreas, melhoria nos acessos terrestres, teremos, sim, problemas no escoamento dos produtos para o comércio exterior”, explica Manteli. ■

PROFISSIONAIS DE **FÉ**

Os agentes de desenvolvimento no campo estão de parabéns! Profissionais na melhor acepção da palavra, os engenheiros agrônomos, no seu dia-a-dia, empenham-se na construção de um País mais rico e melhor alimentado

Vilso Junior Santi

Não é apenas coincidência: 12 de outubro é dia da padroeira do Brasil, a Nossa Senhora Aparecida, da Criança e do Engenheiro Agrônomo. Os profissionais do campo, que se empenham na construção de um País desenvolvido, mais rico e melhor alimentado, assim como a Santa, têm muita fé. São capazes de enxergar numa simples semente a promessa de uma colheita farta e, como as crianças, carregam sonhos que os tornam capazes de antever brotando da terra maravilhas inimagináveis.

Um pouco de história — Foi em 12 de outubro de 1933 que Getúlio Vargas, então chefe do Governo Provisório, assinou o primeiro decreto relacionado à regulamentação profissional no País. Nele foram regulamentadas as profissões liberais de engenheiro, arquiteto e agrimensor, e criados os conselhos federais e regionais relacionados a estas profissões. Em 1966, o Congresso Nacional, ao revogar decretos anteriores, introduziu a expressão agronomia em substituição à designação agrimensura.

Tal regulamentação, porém, só aconteceu no Brasil 56 anos após o surgimento do primeiro curso superior na área de ciências agrárias. Este teve início em 1877, na Escola Superior de Agricultura de São Bento das Lages, na Bahia, mantida então pelo Instituto Baiano de Agricultura. Hoje, Centro de Ciências Agrárias e Ambientais de Cruz das Almas, ligado à recém-criada Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Outro curso pioneiro na área agrônômica no País foi oferecido em 1883 pela Imperial Escola de Medicina Veterinária e de Agricultura Practica, fundada em Pelotas, no Rio Grande do Sul. Esta passa a escola superior em 1889 e, em 1926, assume a denominação oficial de Escola de Agronomia e Veterinária Eliseu Maciel. Seguiram-se a elas, em 1901, a Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, em Piracicaba, São Paulo; e, em 1908, a Escola Superior de Lavras, em Minas Gerais.

Conforme dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, existem atualmente no Brasil 154 cursos e/ou habilitações de Agronomia e 24 cursos de Engenharia Agrônômica. Em nível de pós-graduação, segundo a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), há atualmente 205 programas reconhecidos – 124 de mestrado, 78 de doutorado e três de mestrado profissional.

Conquistadores

“A história do Brasil é a história do agronegócio e vice-versa. E a história do agronegócio é a história das ciências agrárias e dos profissionais nelas engajados. Todos os ciclos, o do café, do açúcar, do cacau, da borracha, do algodão, e vem vindo aí o dos biocombustíveis, sempre tiveram por trás a figura impulsionadora do engenheiro agrônomo. Técnicas inovadoras, variedades mais adequadas, redução de custos e aumento da competitividade têm sido sistematicamente o resultado dos esforços dos cientistas, pesquisadores, extensionistas, consultores, todos agentes fundamentais das tecnologias adotadas pelos maravilhosos produtores rurais brasileiros. A conquista do Cerrado, por exemplo, que até 35 anos atrás era considerada área ruim para agricultura, foi conseguida pelo trabalho dos agrônomos. Só este fato já faz desta categoria uma extraordinária plataforma, porque foi isto que expandiu nossa fronteira agrícola, antes costeira, dando ao País um avanço monumental, gerando empregos e renda inimagináveis”.

Roberto Rodrigues

Ex-ministro da Agricultura, coordenador do Centro de Agronegócios da Fundação Getúlio Vargas e presidente do Conselho Superior do Agronegócio da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo



Divulgação



Arysta LifeScience



Diversificação

“Historicamente, o engenheiro agrônomo sempre atuou muito na produção vegetal. Hoje o Brasil tem uma das mais modernas agriculturas do mundo. Nosso índice de ganho em produtividade anual está em torno de 6% – não há um crescimento como esse em outros países. Isso foi graças a um trabalho histórico, notoriamente da pesquisa, da extensão e do ensino. Sem sombra de dúvida somos uma das mais importantes agriculturas do mundo. Nos anos de 1900, em torno de 90% da produção agrícola brasileira era o café. Hoje isso fica em torno de 10%. Nesses cem anos o panorama da agricultura modificou-se de forma drástica. Temos, por exemplo, a soja, a laranja, a avicultura. Passamos a ser um dos maiores produtores de carne bovina e suína. Nesse processo, o ensino da agronomia teve uma contribuição muito grande.”

Marcos Túlio de Melo

Presidente do Conselho Federal da Engenharia, da Arquitetura e da Agronomia (Confea)



Alberto Ruy

Compromisso social

“Tenho uma visão mais humanista da agronomia. Uma agronomia como instrumento na busca de novas formas de produzir alimentos, na qual é necessário integrar os saberes do agricultor e de sua história com o saber dos engenheiros agrônomos e da academia. O resultado disso não é somente o aumento da produção e da produtividade, mas um desenvolvimento mais harmônico e melhor distribuído. A agronomia é mais um compromisso social do que uma profissão. Ela e seus profissionais, os engenheiros agrônomos, devem trabalhar para reduzir a desigualdade entre as pessoas e com isso reduzir a pobreza, para melhoria da qualidade de vida dos cidadãos e para garantir uma produção mais sustentável. Esta produção

Atuação múltipla



Divulgação

“O engenheiro agrônomo é o profissional que realiza ao mesmo tempo assistência técnica e extensão rural, tem a missão de levar a informação, o conhecimento ao produtor, gerar tecnologia e, mais importante, ele adapta esta tecnologia às realidades regionais e à de cada produtor. O reconhecimento e o reflexo deste trabalho está na

competitividade da agricultura brasileira. A carreira de engenheiro agrônomo, assim como a agricultura brasileira, passa por transformações constantes e acredito que o próprio profissional seja o agente desta transformação. Hoje temos a sua atuação em diferentes momentos da produção, não só na assistência técnica direta no campo, mas na área financeira de *commodities* em *tradings* e bolsas de valores, na comercialização, nas estratégias de marketing do setor. As variantes e os empregos gerados pelo agronegócio são infinitos e tendem a se ampliar com o desenvolvimento tecnológico do setor.”

João de Almeida Sampaio Filho

Secretário de agricultura e abastecimento do Estado de São Paulo.

Os craques

“O Brasil se tornou, ao longo dos últimos dez anos, a maior nação agrícola do mundo. Ocupou rapidamente a liderança na exportação de produtos agropecuários e hoje representa o maior fornecedor de carnes, soja e açúcar do comércio mundial. Toda essa performance não seria possível sem o trabalho intenso e incansável do engenheiro agrônomo. Nenhum país consegue chegar à liderança sem pesquisa e tecnologia. Graças aos engenheiros agrônomos vencemos várias etapas e mostramos ao mundo que o Brasil não é uma potência no agronegócio somente porque tem terra, clima e água. É importante salientar ainda que a presença do engenheiro agrônomo se torna cada vez mais importante no campo na medida em que o mundo vive um momento delicado, no qual precisa se desenvolver de forma sustentável. Fazer a agricultura crescer sem agredir o meio ambiente é um desafio que se apresenta aos nossos profissionais. Quando o assunto é desenvolvimento sustentável, sem entrar no campo ideológico, nossos engenheiros agrônomos são craques e ensinam ao mundo como harmonizar natureza com agronegócio.”



Divulgação

Marcus Vinícius Pratini de Moraes

Ex-ministro da Agricultura e Presidente do Conselho da Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes Industrializadas (Abiec).



deve ser marcada pelo maior equilíbrio possível. O meio ambiente não pode ser visto como algo intocável, porém as especificidades e os limites dos ecossistemas locais devem ser sempre respeitados.”

José Silva Soares

*Presidente da Emater/MG
e da Associação Brasileira das
Entidades Públicas de Assistência
Técnica e Extensão Rural
(Asbraer).*

Profissional do futuro

“Apesar de ser a Agronomia o conjunto das ciências e dos princípios que regem a prática da agricultura, o profissional de Agronomia, cujo título é de engenheiro agrônomo, tem uma profissão com amplas possibilidades não só na área de agricultura, no setor rural, como também no urbano. Este profissional poderá ter contato com as mais atuais políticas de preservação e conservação do meio ambiente e está inserido no mercado hoje chamado de agronegócio, que alcança o trabalho nas fazendas (animais e agricultura), na indústria, nos institutos de pesquisa e no comércio de produtos agropecuários. O engenheiro agrônomo é o profissional do futuro, pois sua ligação com meio ambiente é cada vez mais clara e onde há profissionais e tecnologia há seguramente uma redução do impacto ambiental.”

Arlei Arnaldo Madeira

Presidente da Associação de Engenheiros Agrônomos do Estado de São Paulo (Aeasp)



Construtor de atitudes

“O engenheiro agrônomo, além das habilidades e competências preconizadas, no presente e no futuro, deverá apresentar-se munido de informações e conteúdo que possam amparar as suas atribuições no campo do ensino, da pesquisa e da extensão. Deverá possuir também a consciência de que o mundo está globalizado e integrado de forma que as informações, as transformações, as inovações e os avanços tecnológicos, políticos e sociais ocorrem de forma dinâmica e com um alto grau de dependência e de realimentação. Mas, também, ser capaz de atender às peculiaridades locais e regionais, segundo sua formação profissional específica. É desta forma que a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) procura habilitar o profissional formado em engenharia agrônoma para a construção de atitudes profissionais de compromisso social, ao mesmo tempo em que lhe provê sólida formação tecnológica e científica.”

Elvis Lima Vieira

Coordenador do Colegiado de Engenharia Agrônoma da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).



Presença marcante

“O Brasil é hoje o maior produtor de cana-de-açúcar, café e laranja, um dos maiores produtores de soja e milho. Está também se transformando no maior produtor da energia renovável e limpa do mundo por meio da produção do etanol e do biodiesel. O agronegócio é altamente relevante para o PIB e para a geração de empregos. Alcançar esta posição não seria possível se não contássemos com a marcante presença do engenheiro agrônomo, seja nas instituições de pesquisas que desenvolvem tecnologia, seja nas escolas de agronomia que formam os profissionais que irão atuar na extensão rural ou dos agrônomos que trabalham nas empresas fornecedoras de insumos, nas propriedades agrícolas ou nos órgãos públicos cuidando da sanidade dos produtos.”

João Cesar Rando

Diretor-presidente do Instituto Nacional de Processamento de Embalagens Vazias (inpEV)



Arysta LifeScience



A máquina, para ser bem utilizada, exige muita atenção do operador. Mas para trabalhar de forma adequada, ele precisa estar muito bem protegido de ruídos, poeira e outras ameaças, uma função exercida pela cabine

Ila Maria Corrêa

Centro de Engenharia e Automação/Instituto
Agrônômico (IAC)

Em junho de 1980, um artigo publicado na revista **A Granja** tinha como título “Cabines: ainda uma opção no Brasil”. Pois quase trinta anos depois, o título continua válido. O uso de cabines em tratores e máquinas agrícolas não é obrigatório. É um item opcional. Uma questão de preço? Uma questão cultural? A presença da cabine faz diferença na operação agrícola?

A máquina agrícola, para ser bem operada, exige muita atenção do operador. Ele não pode ser distraído por fatores que possam levá-lo ao cansaço físico e mental, à irritação e, por consequência, à queda de rendimento no trabalho. O homem tem limitações físicas (peso, estatura, idade, treinamento para a atividade, por exemplo) que são influenciadas por fatores ambientais. As circunstâncias que mais afetam o rendimento no trabalho e a saúde do operador são as seguintes: ruído, vibrações mecânicas, condições climáticas, visibilidade e presença de partículas e produtos químicos no ar.

Nas operações com tratores é comum a exposição a níveis de ruído que variam de 90 a 110 decibéis (dBA), o que limitaria a sua utilização a 4 horas (com 90 dBA) ou 15 minutos (com 110 decibéis) sem riscos para a audi-

ção. O operador, em geral, é tolerante ao ruído e não se dá conta da perda auditiva porque ela ocorre de forma lenta e quase imperceptível. As vibrações mecânicas geradas pelo trator variam principalmente em função do seu peso, da condição do terreno e das características do assento. Tais vibrações podem chegar a 6 Hz, valor muito superior à capacidade da estrutura óssea humana, causando danos à coluna do operador.

Por sua vez, temperaturas extremas afetam a capacidade de trabalho

do operador, dificultando a circulação sanguínea, com perda parcial da sensibilidade das mãos e pés quando for muito baixa e provocando sonolência e desconcentração quando a temperatura for muito alta. Boas condições de visibilidade e de iluminação contribuem para uma rápida capacidade de percepção dos riscos da operação e de reação frente a eles. As impurezas contidas no ar, como poeira, fumaça e produtos químicos provenientes da aplicação de agrotóxicos podem comprometer a sua saúde.

CONFORTO E OPERAÇÃO A



E SEGURANÇA NA AGRÍCOLA

Surgimento e importância das cabines — Do entendimento da influência dos fatores citados é compreensível que o frio extremo e a neve nos Estados Unidos e Europa tenham sido os fatores dominantes para o surgimento das cabines. Nesses locais o maquinário é operado na maioria das vezes, devido à escassez de mão-de-obra, por seus proprietários, que exigem melhores condições de conforto e segurança. No Brasil a baixa qualificação de nossos operadores (ainda que tenha melhorado nos últimos anos)

pouco exigentes, contribui para a introdução tardia de itens de conforto e segurança em nossas máquinas. Estas características também estão sendo incorporadas por conta da atuação marcante da fiscalização do trabalho e da necessidade de exportar para países mais exigentes.

A cabine isola o operador do vento, do ruído do motor, da poeira, da exposição ao sol, da temperatura ambiente elevada, oferecendo-lhe maior comodidade e propiciando menor risco de acidentes. Um operador que não

precise desviar a atenção da sua atividade por condições adversas certamente executa trabalho de melhor qualidade.

Proteção ao capotamento — Estruturas de proteção contra o capotamento (EPCC) são estruturas montadas sobre o motor com a finalidade de evitar ou limitar os riscos que o condutor corre em caso de capotamento durante a sua utilização normal. Podem apresentar-se na forma de arco, quadro ou cabine de segurança. A cabine é a forma mais evoluída e

complexa das estruturas de segurança e pode ser montada sobre o trator ou ser integral. No primeiro caso, é um dispositivo independente do trator, aplicado sobre o posto de condução, sendo montada e desmontada com relativa facilidade. No segundo caso, a cabine integral é um elemento constituinte do trator, já que contém a estrutura propriamente dita e todos os órgãos integrantes do posto de operação.

Seguindo a tendência do padrão tecnológico mundial, já é possível observar a presença (integrada ou opcional) de dispositivos de segurança nas máquinas agrícolas fabricadas no Brasil. As mudanças mais visíveis nesse sentido estão no posto de operação de tratores e colhedoras automotrizes, onde foram incorporados itens como estrutura de proteção contra capotagem (EPCC), cabines, dispositivos eletrônicos de controle, dispositivos absorvedores de vibração, disposição adequada de comandos, de volante de direção, de assentos, saídas de emergência. Algumas máquinas, mais recentemente, dispõem de maior área envidraçada e são equipadas com cabine com ar-condicionado, suspensão ativa ou dotadas de autonivelamento, o que aumenta consideravelmente o conforto do operador.

Existem cabines em que o ruído é reduzido a níveis de 75-80 decibéis, valores bem inferiores aos 90 decibéis emitidos por um trator sem cabine. A coluna de direção rebatível facilita o acesso ao assento. Consoles laterais ergonômicos agrupam comandos importantes da operação agrícola. O pára-brisa e o vidro traseiro podem ser levantados para ventilação ou servir de saída de emergência.

A considerar as normas internacionais, vários são os requisitos exigidos em uma máquina agrícola equipada com cabine: deve haver pelo menos uma saí-

Com boas condições de trabalho, o operador pode comandar melhor as ações e funções da máquina



da de emergência que não esteja no mesmo lado da entrada; a saída de emergência deve ser sinalizada com instruções de procedimentos adequados; pára-brisas, janelas laterais, janelas traseiras e janelas do teto podem ser considerados como saídas de emergência desde que possam ser

abertos facilmente por dentro da cabine; na ausência de janelas, deve ser provido um meio adequado e seguro de rompimento do vidro em caso de emergência; a abertura e o fechamento da porta devem ser possíveis da plataforma ou do solo, de forma a garantir contato de apoio em três pontos do meio de acesso; a cabine deve ser dotada de um sistema de ventilação com capacidade de filtragem do ar e de limpador de pára-brisa. Um espaço mínimo de 300 milímetros deve existir para apoio dos pés durante a abertura da porta.

As dimensões da seção transversal das saídas de emergência devem ser amplas o suficiente para incluir uma elipse com eixos principais de 640 milímetros e 440 milímetros. A cabine também deverá ser equipada com um sistema de ventilação que seja capaz de filtrar o ar. Informações sobre a seleção do filtro de ar, limpeza e intervalos de substituição devem ser dadas no manual de operação. ■

A cabine isola o operador do vento, do ruído do motor, da poeira, da exposição ao sol e das temperaturas extremas



CADERNO CANA

Renato Lopes

SAFRA 2008/2009

CANA A PERDER DE VISTA

**Região Centro-Sul
terá oferta em alta**

MIGUEL JORGE CONHECE A PESQUISA DA CANA



Marcello Casal JR/Abp

O ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, Miguel Jorge (foto), conheceu, em Piracicaba/SP,

o trabalho realizado pelo Arranjo Produtivo Local do Alcool (APLA) e visitou os centros de pesquisa e empresas ligadas ao setor sucroalcooleiro. O ministro considerou fundamental a atuação do APLA para coordenar as discussões envolvendo a cadeia produtiva do álcool junto à iniciativa privada, em busca de objetivos comuns, como a construção do Parque Tecnológico, e garantiu que será um porta-voz do projeto junto ao Governo Federal. O Parque Tecnológico de Piracicaba, que começa a ser instalado no primeiro semestre de 2008, será o primeiro voltado a estudos de biocombustíveis e bionergia do mundo. Miguel Jorge ainda esteve no Centro de Tecnologia Canavieira (CTC), Dedini S/A Indústrias de Base, Usina Costa Pinto (Grupo Cosan) e Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, da Universidade de São Paulo (Esalq/USP).

DIRETORA CONTRA A CERTIFICAÇÃO DO ETANOL

A diretora da Associação Brasileira do Agronegócio de Ribeirão Preto e Região (Abag-RP), a agrônoma Mônica Bergamaschi, foi escolhida Profissional do Ano pela Associação de Engenharia, Arquitetura e Agronomia de Ribeirão Preto (AEA-ARP). Entre outros itens, a comissão de seleção da entidade levou em conta os posicionamentos profissionais de Mônica. Ela é contrária ao projeto de certificação do etanol como o Governo Federal tem pretendido fazer. “Sem o setor sucroalcooleiro envolvido, essa certificação não irá dar certo”, diz. “Não adianta nada vindo de cima para baixo.”



Divulgação

ZONEAMENTO DA CANA EM DISCUSSÃO

O ministro da Agricultura, Reinhold Stephanes, explica que o zoneamento do plantio da cana-de-açúcar na Amazônia e no Pantanal é feito com três tipos de mapas. O primeiro refere-se aos locais onde pode ser plantada cana de acordo com o clima e o solo. O segundo, chamado de mapa restritivo, está relacionado às regiões onde não se deve plantar cana. No terceiro, encontram-se as áreas aptas ao plantio da cana, que seriam as pastagens e as terras consideradas degradadas.



Divulgação

SETOR PEDE SECRETARIA EXECUTIVA

O coordenador de agronegócio da Fundação Getúlio Vargas (FGV) e ex-ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues, pede que o Governo Federal crie uma Secretaria Executiva específica para o setor sucroalcooleiro. A solicitação foi feita durante sua palestra no Fórum de abertura da Fenasucro, em setembro, no Teatro Municipal de Sertãozinho/SP. Segundo Rodrigues, a Secretaria seria um elo do Governo Federal com o setor sucroalcooleiro. “Temos 11 ministérios que, de uma forma ou de outra, estão relacionados com o setor, e é preciso uma voz corrente entre eles, daí a Secretaria”, disse.

PARA CANOESTE, 2008 É ANO DE INVESTIMENTOS

Manoel Ortolan, presidente da Cooperativa de Produtores Particulares de Cana Canaoeste, de Sertãozinho/SP, acredita que 2008 vai ser um ano semelhante a 2007 para os fornecedores particulares, que representam 20% da cana processada na região Centro-Sul do País. “Será um ano para investimentos pensando em 2009 e 2010, quando o mercado internacional de etanol estiver consolidado, e as exportações vão, enfim, crescer”, diz.



Divulgação

ANÚNCIO

Texto: Delcy Mac Cruz

Fotos: Renato Lopes

2008 deverá ser um ano de ajustes para o setor sucroalcooleiro. Serão mais 12 meses de prazo para a tão esperada consolidação do mercado internacional de etanol, enquanto, internamente, o setor tem o mesmo período para se organizar e provar no cenário internacional que os canaviais não avançam sobre as áreas destinadas a alimentos, nem penetram na floresta amazônica, nem são trabalhados por mão-de-obra escrava ou formada por crianças. A safra 2008/2009 da Região Centro-Sul será balizada pela oferta vantajada de cana, enquanto o consumo interno de etanol vai crescer nos carros flex e o mercado importador seguirá incógnito, mas com expectativas positivas. Em resumo, este é o quadro traçado para 2008, a partir das avaliações de uma série de representantes do setor.

Em uma avaliação conservadora, a disponibilidade de cana-de-açúcar no próximo ciclo deve crescer 12%, somando-se 10% referentes às novas plantas prontas para o corte ao longo de 2008 e os 2% restantes correspondentes à cana que será “bisada”, ou seja, que será mantida sem corte neste ano na região Centro-Sul. “Bisar” é uma estratégia para aproveitar plantas com bom índice de Açúcares Totais Renováveis (ATR) na próxima safra, mas também é empregada para manter plantas “torcidas” pela ação de ventos ou as localizadas em regiões onde o emprego de fogo é proibido – como em perímetros urbanos ou nas proximidades de rodovias.

“Deverão ser mantidos até 2% de cana para o próximo ciclo porque muitas destilarias, esperadas para entrar em funcionamento neste ano, só estarão prontas em 2008”, comenta o agrônomo Manoel Ortolan, presidente da cooperativa de fornecedores Cana-oeste, com sede em Sertãozinho/SP. Neste ano, segundo a Unica, entidade representativa do setor, 17 destilarias entraram em funcionamento no Estado de São Paulo, muitas depois de abril e maio, quando a safra teve início. Os 10% referentes aos novos canaviais refletem previsões apuradas pela **A Granja** junto a várias lideranças do setor na Região Centro-Sul. Conforme a Unica, neste ano o setor terá 410 milhões de toneladas e, no ciclo 2008/2009, o Centro-Sul disponibilizará 533 milhões de toneladas, ou 123 milhões de toneladas acima da oferta do ciclo atual.

A Região Norte-Nordeste não deverá superar entre 55 milhões a 60 milhões de toneladas. “Não há mais área para crescer os canaviais nessa região”, diz Sérgio Prado, diretor regional da Unica. Sendo assim, a oferta nacional da matéria-prima do etanol e do açúcar chegará a 593 milhões de toneladas. Se a próxima safra basear-se na 2007/08, quando 54% da cana vão para a fabricação de etanol, novamente o ciclo será alcooleiro.

Traduzindo em volume: o ciclo atual no Centro-Sul deve fechar em 18,5 bilhões de litros de etanol (11,3 bilhões de litros de hidratado e 7,2 bilhões de litros de anidro, para adição à gasolina). Com a oferta da matéria-prima projetada para 2008, o ciclo – se usar 54% do total para a fabricação de etanol – chegará a 22,1 bilhões de litros. Para alcançar esse volume, levaram-se em conta 260 milhões de toneladas (55% do total) multiplicados por

MUITA CANA

A safra 2008/2009 no Centro-Sul será de alta oferta de cana, ao mesmo tempo em que o consumo interno de etanol vai crescer em razão dos carros flex



NO HORIZONTE

SUPERPRODUÇÃO

Neste ano o setor terá 410 milhões de toneladas. No ciclo 2008-2009, o Centro-Sul disponibilizará 533 milhões de toneladas, ou 123 milhões de toneladas acima da oferta do ciclo atual

85 litros, que é a média de produção por hectare no Centro-Sul.

Novas fronteiras — O crescimento do setor ocorrerá não em estados tradicionalmente produtores, como São Paulo, mas nas chamadas novas fronteiras. O Mato Grosso do Sul está na frente entre os Estados “neo-canavieiros”. A segunda e última estimativa da safra 2007/08 da Conab, empresa do Ministério da Agricultura, divulgada em agosto, já consolida o MS como futuro pólo sucroalcooleiro. Segundo o levantamento, a Região Centro-Oeste avançou 22% da safra 2006/07 para a 2007/08, sendo que o Mato Grosso do Sul cresceu 32%, enquanto Goiás aumentou a área cultivada em 22,5%, e o Mato Grosso avançou 12,5%. Esses crescimentos devem continuar na safra 2008/09.

Conforme a estimativa da Conab, o Centro-Oeste só perde para a Região Sul um aumento de canaviais no País. Com 33% de crescimento, o Sul deve fechar o ciclo com 48 milhões de toneladas, mas dos três Estados da região, apenas o Paraná tem avançado: de 34,1 milhões de toneladas no 2006/07, foi para 48 milhões, em aumento de 33%. O Rio Grande do Sul deve fechar o ciclo com 1,4 milhão de toneladas, alta de 15% em relação à safra anterior. Já Santa Catarina deve repetir o desempenho anterior, com 670 mil toneladas.

A Região Sudeste, tradicional pólo canavieiro, deve fechar a safra 2007/08 com 12,6% mais de oferta da matéria-prima, mas devido principalmente a Minas Gerais, onde o crescimento de área é de 22% (de 33,5 milhões de toneladas em 2006/07 para 41 milhões de toneladas no ciclo 2007/08). O Estado de São Paulo continua majoritário, responsável por 318 milhões de toneladas, mas, por conta da falta de espaço físico disponível, o crescimento ante 2006/07 ficou em 11%.

A Região Norte (Amazonas, Pará e Tocantins), que é também a pedra no sapato do setor – pelas denúncias de avanço de canaviais na floresta amazônica –, fechará o ciclo 2007/08, segundo a Conab, em alta de 17,10%, passando de 1,3 milhão de toneladas no ciclo 06/07 para 1,5 milhão de toneladas. Tocantins é o Estado com mais crescimento canavieiro da região: 73,50% (232 mil toneladas em 2006/07 para 437 mil toneladas em 2007/08). Na Amazônia, o aumento é de 10,9%: 273 mil toneladas para 303 mil toneladas. O Pará, conforme a Conab, manterá a produção de 2006/07: 737 mil toneladas.

Nos nove Estados da Região Nordeste, o crescimento da produção deve ficar em 13,90%, sendo que o Estado líder é a Bahia, com 75,90% de crescimento (de 3,5 milhões de toneladas em 2006/07, vai para 6,2 milhões de toneladas em 2007-08).

No lugar dos bois — O Mato Grosso do Sul desponta no cenário pela atratividade não apenas dos preços das terras, mais baratas em relação a outros Estados, mas também pela facilidade de troca de culturas. No caso, os canaviais avançam principalmente sobre as áreas até então destinadas a pastagens. “O País possui 50 milhões de hectares de pastagens degradadas e é nessa área que o cultivo da cana avança”, observou o ex-ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues, durante fórum técnico realizado na abertura das feiras Fenasucro e Agrocana, em Sertãozinho/SP.

O MS tem pressa com os canaviais. “Uma das possibilidades

O avanço no Mato Grosso do Sul

	Área cultivada (mil ha)	Produção (milhões de t)
Safra 2006/07	160,0	12,7
Safra 2007/08	211,1	17,7
Safra 2008/09	326,0	30,0
Safra 2012/13	900,0	98,8

Fonte: Conab

Usinas

Em operação (2007): **11**

Em fase de implantação: **31**

Em análise: **28**

Para conquistar lá fora, zoneamento aqui dentro

Fora a consolidação de venda do etanol, tão urgente quanto para o setor sucroalcooleiro é o produto obter credibilidade social no mercado internacional. “O problema é que o setor tem que atender as necessidades ambientais e sociais. Aproveitamos um gap de oportunidades (com a inserção no etanol como aditivo à gasolina), no entanto é preciso estar com o pé onde a bola está, mas ver para onde a bola vai”, disse Marina Silva, ministra do Meio Ambiente, durante palestra no fórum de abertura da Fenasucro & Agrocana. “Por que tantas críticas ao setor? Porque é uma guerra comercial que envolve grandes potências externas”, avalia Antonio Eduardo Toniolo, diretor de usinas na região de Sertãozinho e presidente da cooperativa de produtores de cana Copercana. “São recorrentes as tentativas dos EUA e da União Européia de incluir o meio ambiente na pauta de discussões comerciais.”

Entre representantes do governo e do setor, a saída para obter credibilidade social e ambiental lá fora atende pelo nome de zoneamento agrícola. Por meio dele, serão oficializados os territórios do País nos quais a cana-de-açúcar pode ser ampliada. A incumbência da implantação de tal processo cabe ao Governo Federal. “Ele é necessário”, afirmou a ministra Marina Silva. “É crucial”, resumiu Luiz Carlos Guedes Pinto, ex-ministro da Agricultura, no fórum da Fenasucro & Agrocana. “Mas o governo precisa, antes, fazer sua lição de casa: ter técnicos que entendam o setor sucroalcooleiro, para depois montar o zoneamento”, observa Paulo Zanetti, Presidente da Usina Vale do Ivaí (do Paraná).

Segundo Luiz Custódio Cotta Martins, presidente do Sindicato da Indústria do Alcool de Minas Gerais, os produtores têm de aproveitar 2008 para aparar as arestas, amadurecer e implantar estruturas como o zoneamento canavieiro. Conforme ele, esta é a senha para a sustentabilidade do setor em um mercado ascendente no exterior.

ZONEAMENTO

Segundo Zanetti, antes de estabelecer o zoneamento, o governo precisa ter técnicos que entendam o setor



logísticas para viabilizar o projeto de poliduto a partir do Estado, segundo a Petrobras, é que o Mato Grosso do Sul deve ter uma produção de 2,5 milhões de metros cúbicos de álcool (2,5 bilhões de litros) ao fim de 2008”, afirmou o governador André Puccinelli, em agosto, durante evento de assinatura de termo de acordo para concessão de benefícios fiscais com a Empresa Usinas

Itamarati S/A para a instalação de fábrica de etanol no município de Nova Alvorada do Sul.

É um projeto dividido em cinco etapas: o início da implantação está previsto para julho de 2008, com término em 2014. A planta industrial vai abranger área de cerca de 60 mil hectares, com capacidade de produção por safra de 220 milhões de litros de etanol (anidro e hidratado) e 4 milhões de toneladas de açúcar. O Estado possui 2 milhões de hectares para a ampliação do setor sem impactos econômicos e ambientais. O duto, segundo a Petrobras, deverá ligar Campo Grande ao terminal de Paranaguá, no Paraná, com extensão de 919 quilômetros, com a possibilidade de novo ramal ligando-o até o Mato Grosso, com outros 1,4 mil quilômetros.

Na safra 2007/08, segundo a Conab, o MS deve chegar a 523,3 milhões de litros, dos quais 521 milhões de hidratado e 2,3 milhões de anidro. A área destinada ao etanol, no atual ciclo, é de 8,9 milhões de toneladas. Portanto, para tentar alcançar a meta prevista pelo governador, de 2,5 bilhões de litros, o MS terá de correr.

É uma corrida estratégica, embora o duto projetado pela Petrobras só tenha validade se houver mercado firme de compradores do etanol, principalmente no Japão, também parceiro da estatal em projeto de construção de destilarias. Aqui, começam os nós do setor. Primeiro, porque os japoneses, e não apenas eles, já fizeram uma série de visitas comerciais ao Brasil, assim como os brasileiros foram até o Japão, mas a desconfiança em relação ao recebimento sustentável do produto parece perdurar.

Japoneses entusiasmados — Entre as versões que circulam nos bastidores, uma é unânime: a de que os japoneses querem eles próprios implantar unidades de produção no Brasil como estratégia para garantir a oferta, ou ao menos boa parte dela. Daí o acordo com a Petrobras para a execução de destilarias, e mesmo com companhias privadas. É o caso do Grupo São Martinho, que assinou contrato por 30 anos para vender 30% da produção de etanol da Usina Boa Vista (a ser inaugurada em 2008 em Quirinópolis/GO), para a Mitsubishi. A companhia japonesa também adquiriu 10% da nova unidade, que inicialmente moerá 1 milhão de toneladas de cana. ❧



Fotos: Leandro Mitzmann

O MELHOR DA TECNOLOGIA CANAVIEIRA

Sertãozinho/SP foi, por quatro dias, a capital mundial da cana durante a realização da 15ª edição da Fenasucro e 5ª da Agrocana

Foi mais uma vez um show de tecnologia a 15ª edição da Feira Internacional da Indústria Sucroalcooleira (Fenasucro) e 5ª da Feira de Negócios e Tecnologia da Agricultura da Cana-de-Açúcar (Agrocana), eventos realizados simultaneamente no mesmo espaço, no Centro de Eventos Zani, em Sertãozinho/SP, de 8 a 21 de setembro. Os 420 expositores receberam 26.551 visitantes (de diversos sotaques) para um aprofundado e promissor intercâmbio tecnológico e comercial sobre álcool e cana-de-açúcar. A estimativa é de que foram realizados negócios da ordem de R\$ 1,65 bilhão, mas o número deverá ser superado até o final do ano. Afinal, feiras com o nível da Fenasucro & Agrocana normalmente repercutem em negociações futuras. A maior prova do sucesso dos eventos é que praticamente todos os espaços das edições de 2008 já foram comercializados.

“Notamos que o ambiente cauteloso relacionado aos baixos preços do açúcar e do álcool este ano não afetou as feiras, já que os expositores declararam-se otimistas com suas vendas”, destacou Augusto Balieiro, diretor da Multipius, promotora do evento. “A Fenasucro & Agrocana 2007 representaram um marco de qualidade e souberam atender de maneira altamente profissional os interesses deste pujante setor”, concluiu Mario Garrefa, presidente da Fenasucro e do Ceise Nacional, entidade realizadora do evento. “Sem dúvida, o evento trouxe bons resultados para os expositores e visitantes, mostrando que o desenvolvimento do Brasil e as novas oportunidades de negócios com o etanol no mundo passam necessariamente pela nossa agroindústria canavieira”, enfatizou Antonio Toniello, presidente da Agrocana, da Copercana e conselheiro da Unica.

A programação simultânea da Fenasucro & Agrocana promoveu importantes debates. O Fórum Internacional sobre o Futuro do Alcool foi um dos mais concorridos já realizados no evento. O Brasil Cana Show também propiciou um simpósio agroindustrial de qualidade e atraiu dezenas de visitantes estrangeiros em busca da tecnologia brasileira. Já o Seminário do Gegis e os Encontros de Negócios entre usinas compradoras e expositores ofereceram oportunidades de valorização profissional, de reciclagem de conhecimentos e de novos negócios. Ao todo, 41 países (seis a mais do que em 2006) participaram com representantes, além de 22 Estados.

Os eventos, naturalmente, refletiram o ótimo e promissor momento do setor. Afinal, são tempos de construção de dezenas de novas usinas (inclusive colocando novas regiões no mapa da cana)

e reforma e modernização das unidades já existentes. Além dos negócios aquecidos no mercado sucroalcooleiro para as empresas que comercializam equipamentos e produtos para o setor. Tradicionais indústrias que abastecem as usinas comemoram o crescimento representativo de seu faturamento com a venda de máquinas agrícolas, caldeiras, turbinas, difusores, compressores, motores, acionamentos e sistemas de automação, entre tantos outros que promovem uma produtividade cada vez maior.

Empresas — As feiras são oportunidades singulares para as empresas apresentarem seus produtos ou reforçarem as relações com os clientes. A SEW-Eurodrive lançou o redutor planetário Série XP, uma evolução da Série Q. O equipamento possui como principal característica o alto torque de saída de até 3 mil nKm. Segundo Alexandre Reis, diretor de marketing e vendas, a empresa vai investir R\$ 400 milhões até 2009, inclusive na construção de uma nova fábrica de redutores. “Vendemos 1.600 equipamentos para o setor canavieiro nos últimos 12 meses”, revelou. A APV apresentou na Fenasucro seu mais novo produto: o gigante APVSírius, o trocador de calor a placas de maior vazão da categoria. O equipamento é desenvolvido especificamente para plantas industriais de grande escala, como usinas de açúcar e álcool. O diretor-presidente da empresa, Christian Oest Moller, explica que serão investidos R\$ 33 milhões nos próximos cinco anos, “eventualmente”, até numa nova fábrica.

A Civemasa expôs parte de seu diverso portfólio de máquinas. Entre as

quais, a plantadora automática de cana picada. A empresa desenvolveu-a visando principalmente à redução de custo de plantio e também à possibilidade do plantio durante os 12 meses do ano em razão do uso reduzido da mão-de-obra. Já a parceria Sermag e Servspray mostrou a plantadora de cana Tropicana, que trabalha com eletrônica embarcada de GPS. As principais características da máquina são a melhor dirigibilidade, o motor dimensionado para diminuir o consumo de combustível, o conjunto monobloco tracionado, entre outras. A cabine possibilita o trabalho de dois operadores, enquanto o GPS permite o controle simultâneo do uso de três produtos: mudas, fertilizante e inseticida.

A Santal ofereceu na Fenasucro & Agrocana soluções completas para o processo de plantio mecanizado da cana. Entre as quais, a última novidade da empresa, o Kit de Colheita de Mudanças, o único produto desenvolvido ex-



INVESTIMENTO

Segundo Reis, a SEW vai aplicar R\$ 400 milhões até 2009, inclusive em nova fábrica

clusivamente para a colheita mecanizada de mudas e o único no mercado com esteira de borracha. A estrutura do kit possui proteção de borracha em todos os pontos de impacto do equipamento. A Volkswagen Caminhões e Ônibus expôs o modelo VW Constellation 31.320, caminhão lançado no início do ano, e o VW Constellation 31.370, apresentado em agosto. Ambos os caminhões são voltados para o setor canavieiro. Essa foi a primeira participação da Volkswagen no evento e os resultados foram excelentes, já que foi grande a procura pelos visitantes ao estande da montadora.

A Bosch Rexroth esteve na feira em três módulos de exposição com produtos e lançamentos para o segmento. Além disso, três distribuidores autorizados, em parceria com a empresa, também participaram: GR Assessoria, Tectrol e Servo Controle, responsáveis pela distribuição de produtos Rexroth na região do interior de São Paulo e Paraná. A Gascom apresentou dois lançamentos: o Agribomba, que agora possui um novo sistema com bomba de lavagem de equipamentos com alta pressão e baixo consumo de água, e o S.O.S Pneus, equipamento para troca de pneus para máquinas que operam no campo ou na sede. “Os nossos objetivos na feira foram manter proximidade com nossos clientes e estar sempre atentos às suas necessidades”, destacou Márcio de Lima, gerente de marketing. ■

LANÇAMENTO

Suwelack, Moller e LeClair, da APV: trocador de calor a placas de maior vazão da categoria





Divulgação

Mário Clóvis Garrepa

Presidente do Centro Nacional das Indústrias do Setor Sucroalcooleiro e Energético (Ceise Br)

FORNECEDORES GANHAM ENTIDADE NACIONAL

Por que criar o Ceise BR?

O Ceise tem 150 associados da região próxima a Sertãozinho/SP. O que nos obrigou a tornar a entidade de âmbito nacional foi a procura de empresas de outros estados querendo participar. O estatuto não permitia porque o Ceise começou como instituição local. Passou a ser regional, após a chegada do Ciesp, e tinha força para isso. O Ceise ganhou representatividade nacional com a Fenasuco e com a Agrocana. Daí abrimos o guarda-chuva para ancorar empresas de outros estados.

Qual a finalidade da nova entidade?

Auxiliar a indústria produtora e fornecedora do setor sucroalcooleiro. Para isso, o objetivo é criar uma certificadora para avaliar, por exemplo, os produtos fabricados pelas associadas. Hoje isso não existe. Se alguém chegar e disser que produz equipamento, ele vai fabricar mesmo sem nunca ter vendido para alguma usina. Esse é o grande risco. Daí buscar certificadoras para esses fornecedores. O Ceise quer ser essa referência.

Que mais o Ceise BR pretende?

Outro projeto é criar um pólo sucroalcoólico. Precisamos criá-lo onde ele existe. Na região de Ribeirão Preto existem mais de 40 usinas, com 10% da produção mundial de açúcar e de álcool. Devemos produzir o pólo sucroalcoólico com participantes de todo o País, mas, a meu ver, deve ficar nessa região.

Fale de outros projetos

Tem a Universidade da Cana, tema polêmico porque não vamos implantar uma faculdade, mas desenvolver uma instituição através de parcerias com instituições de ensino. A proposta é desenvolver cursos não encontrados, como engenheiro açucareiro, técnico em açúcar e álcool. Desenvolver para qualificar. São 73 usinas em projeto ou em fase de implantação

no País: onde vão buscar técnicos?

Enquanto essa universidade não sai, como fornecer técnicos?

Fizemos programa com apoio do Ministério da Educação, inicialmente com 150 jovens de 16 a 24 anos, que têm de estar matriculados em escolas, mas passam parte do dia aprendendo dentro de empresas. A maioria é de jovens de famílias de baixa renda. É norma do governo, mas é bom porque os melhores profissionais estão nessa faixa. Você não acha um jovem de classe média que queira ser soldador. Ele usa essa função, que é bem remunerada, para fazer engenharia, mas ele não quer ser soldador, caldeireiro. Mas o de baixa

Qual sua meta de ampliar a base de associados?

A Fenasuco e a Agrocana deste ano tiveram 420 expositores, os procuramos e todos demonstram interesse em se associar porque aquilo que vão pagar em mensalidade será revertido, depois, em descontos na aquisição do próprio espaço de exposição nas feiras.

Agora sobre o setor sucroalcooleiro. Vivemos uma crise?

Ouçó que o mercado está ruim. Nunca esteve ruim. Há anos o mercado tem esta barriga, essa oscilação. Quando termina a safra, há estoque mundial enorme, mas há quem queira o açúcar trabalhado e não consegue encontrar. E fica-se nas mãos das *traders*. A Índia, grande fabricante, reduziu a produção de açúcar porque entrou na fabricação de etanol.

Como está o mercado interno de

etanol?

O volume de consumo hoje, no mercado interno, não cresceu, foi menor que em 2005. Isso apesar do avanço dos carros flex. O não-crescimento se deve também aos preços. O volume consumido só aumentou por conta da mistura de álcool anidro à gasolina, que passou de 22% em 2006 para os atuais 25%.

O mercado doméstico tende a crescer?

Sim. Segundo a Anfavea, em 2008, cerca de 92% dos carros serão flex. Para o mercado, a vantagem é que o controle do etanol não ficará nem nas mãos do usineiro ou do governo, mas nas mãos do consumidor. Então, se o preço do álcool subir, o motorista vai usar gasolina e se o preço do etanol cair, como aconteceu agora, vai para o etanol. Esta é a grande vantagem do mercado.

Ouçó que o mercado está ruim. Nunca esteve ruim. Há anos o mercado tem esta barriga, essa oscilação

E o mercado internacional de etanol?

O problema é que não temos uma certificação do etanol para avançar no mercado externo. Os Estados Unidos têm um padrão de etanol. A União Européia tem outro, a Ásia tem outro e o Brasil tem outro. Então, imagina você fornecer etanol para os Estados Unidos com a nossa norma, enquanto o padrão dele é outro. O que os EUA fizeram? Compraram algumas colunas (de destilação), implantaram na Jamaica, que é para pegar o álcool hidratado nosso e redestilar e fazer o álcool anidro deles. É neste caminho que o governo americano e os de outros países vão trabalhar. Isso, enquanto não houver um padrão mundial. Mas acho que é para isso que vai caminhar. ■

EM COMPASSO DE ESPERA

Exedito Parente: “Vamos produzir bioquerosene para consumo próprio e exportação. Mas isso só acontecerá quando houver a homologação do produto”

O novo combustível, produzido à base de frutos de palmeiras e destinado ao abastecimento de aeronaves, aguarda por homologação

Adriana Ferreira

Um ano após assinar um contrato com a Agência Espacial Americana (NASA), a Boeing e outras companhias aéreas para a realização de testes com o bioquerosene em aeronaves, o cearense Exedito Parente, considerado o pai do biodiesel, garante que o bioquerosene será produzido para consumo próprio no Brasil e deverá gerar renda e mão-de-obra no País.

Descoberto na década de 1970 juntamente com o biodiesel, o bioquerosene chegou a ser utilizado em um avião Bandeirante, da Embraer, que voou em outubro de 1984. Assim como aconteceu com o biodiesel à época, no entanto, o projeto foi engavetado. O ressurgimento só ocorreu depois que Parente apresentou o bioquerosene em uma conferência internacional de tecnologia, em 2005, na China, promovida pela Organização das Nações Unidas (ONU), e até recebeu um prêmio, o troféu Blue Sky Award. Em maio de 2006, ele foi chamado a uma reunião em Seattle (EUA) com representantes da Boeing, da NASA e do governo norte-americano. Nas Terras do Tio Sam o bioquerosene tem sido chamado de “biojet fuel”.

A matriz energética do bioquerosene são

os frutos de palmeiras de uma maneira geral, e o produto pode ser utilizado em aviões e helicópteros. “Nós vamos produzir esse bioquerosene para consumo próprio e para exportação e vamos gerar renda e mão-de-obra. Isso só acontecerá, porém, quando houver a homologação do produto, por parte dos fabricantes de turbinas e de aviões. Aí sim vamos começar a implementar um programa de produção”, explica Parente. E emenda: “É muito difícil prever um prazo, mas isto leva, no mínimo, dois anos”.

A Tecbio Tecnologias Bioenergéticas Ltda., empresa de propriedade de Parente e considerada âncora do biodiesel e fornecedora das plantas das maiores usinas de biodiesel no Brasil, assinou contrato em 2006 com a NASA, a Boeing e outras companhias aéreas para o desenvolvimento de pesquisas para mistura de bioquerosene ao combustível das aeronaves. “Vamos entrar com nosso conhecimento e com o fornecimento das amostras para testes. Nossos parceiros entram com o conhecimento da tecnologia do consumo”, diz Parente. Ele explica que, por força de um acordo de confidencialidade, não pode dar maiores detalhes sobre os experimentos, apenas conta que eles

estão numa fase inicial, de laboratório.

Entre outros clientes, a Tecbio fornece plantas de usinas de biodiesel para a Brasil Ecodiesel, responsável atualmente pelo fornecimento de 72% do biodiesel comprado pela Petrobras nos leilões da Agência Nacional de Petróleo (ANP). No que diz respeito ao processo de expansão do mercado de etanol e biocombustíveis em geral no Brasil, Parente acredita que faltam aperfeiçoamentos para harmonizar toda a cadeia produtiva desses produtos. E sugere, por exemplo, maior valorização da produção de oleaginosa e regionalização das ações, entre outras medidas.

As perspectivas do novo combustível para o agronegócio brasileiro ainda não podem ser definidas, segundo o empresário. “Ainda é cedo para garantir propósitos, vamos aguardar um pouco mais e trabalhar com o pé no chão. Estamos otimistas com toda essa questão do bioquerosene e há uma demonstração de interesse muito forte, temos tido muitas solicitações de informações, além de parceiros que querem entrar. No entanto, qualquer ação objetiva será feita no momento em que tivermos resultados oficialmente concluídos”, assegura. ■

BONS VENTOS EM DIREÇÃO AO PRODUTOR

Expectativa da CNA é de que a renda agrícola das propriedades em 2008 será de 8%

O ano de 2008 poderá ser histórico para a agricultura brasileira e, sobretudo, para o produtor. Esta é a conclusão da equipe econômica da Confederação de Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA). Segundo o superintendente técnico da instituição, Ricardo Cotta, a renda “antes da porteira” no ano que vem poderá ser maior caso o PIB da agropecuária mantenha o atual ritmo de expansão. Para Cotta, há uma tendência de crescimento de 8% do PIB agrícola. “Se essa tendência for mantida, a renda em 2008 será bem melhor”, destacou. Os preços pagos ao produtor em 2007 não serão tão significativos, pois quando houve aumento das cotações nos últimos três meses, os produtores já haviam comercializado sua produção. Mas o produtor hoje está vendendo seu produto antecipadamente por preços superiores aos do ano passado, o que proporciona maior repasse de preços futuramente.

De acordo com os Indicadores Rurais, o PIB da agropecuária no primeiro semestre totalizou R\$ 155,5 bilhões. Portanto, se a previsão de 8% para a expansão do PIB for confirmada, esse valor poderá chegar a R\$ 167,8 bilhões em 2008. Já o PIB do agronegócio em 2007 deverá somar R\$ 564,4 bilhões, expansão de 4,5%. Foram os desempenhos das lavouras de milho, algodão e soja que contri-

buíram para o crescimento acumulado de 1,78%, de janeiro a junho. Também no segmento agrícola, a indústria pressionou negativamente com seu baixo resultado, devido principalmente à grande queda registrada no semestre no preço do açúcar em comparação ao mesmo período do ano anterior.

“A produção recorde desta safra e os preços médios superiores aos praticados no mesmo período do ano passado repercutem positivamente nos resultados do PIB do agronegócio em 2007”, afirmou Cotta. Ele avalia que, apesar do parco resultado da agroindústria, que reduz as estimativas de geração de renda para 2007, o desempenho deverá ser positivo no período. Os preços internacionais sustentados sinalizam a melhoria das margens das principais culturas para a próxima safra, gerando expectativa de aumento da área plantada, o que tende a contribuir favoravelmente para o desempenho do segmento de insumos.

Exportações a todo vapor — Já as exportações do agronegócio deverão chegar a US\$ 55 bilhões em 2007, o que representa um aumento de 11,3% frente ao total exportado de US\$ 49,4 bilhões no ano passado. As estimativas são da CNA, que prevê um crescimento de 10% no saldo da balança comercial do agronegócio em

Divulgação



relação a 2006, alcançando US\$ 47 bilhões este ano. As estimativas indicam, também, um crescimento de 19,5% nas importações, que deverão atingir US\$ 8 bilhões em 2007.

O complexo soja registrou aumento nas exportações de 17,8%, com desempenho recorde de US\$ 7,99 bilhões no semestre. A elevação de 20,6% nos preços no mercado externo, ocasionada pelo aumento da demanda mundial, foi a principal responsável por esse desempenho. “O Brasil também está sendo beneficiado pela colheita de uma safra recorde de 57,55 milhões de toneladas de soja, superior em 7,8% à safra anterior”, explica Antônio Donizeti Beraldo, assessor técnico da Comissão Nacional de Comércio Exterior da CNA. As exportações de milho continuam registrando índices surpreendentes de aumento, que chegaram a 221,8% no semestre, totalizando a cifra inédita de US\$ 1 bilhão no período. “O aumento do consumo interno de milho nos Estados Unidos e a consequente redução das suas exportações vêm abrindo espaço para o milho brasileiro no mercado internacional”, afirmou o assessor técnico da CNA. ■

SEMPRE HÁ ESPAÇO PARA CRESCER

Texto e foto: Lucca Rossi
lucca@agranja.com

A vida no campo para o pequeno produtor brasileiro passou por mudanças significativas nos últimos anos. Para sobreviver à chegada de agroindústrias de grande porte, ele precisou modernizar-se para não se ver obrigado a migrar para a cidade. Além de industrializar em casa sua produção, a união com outros produtores em cooperativas foi outra forma de aumentar a produção e a renda.

A Cooperativa dos Grupos de Agroindústrias dos Agricultores Familiares de Constantina (Cooperac), no norte do Rio Grande do Sul, é um exemplo. Fundada em 2003, conta hoje com 19 famílias associadas. São nove produtores de embutidos, três de queijo, um de farinha de milho, dois de cachaça, um de açúcar mascavo, um de pão, cucas e bolachas, um de conservas e outro de suco de uva. Cada família comanda sua própria agroindústria e é responsável por todas as etapas da produção.

Em 2006, estimava-se em 30 mil o número de agroindústrias familiares no Brasil, o que corresponde a cerca de 300 mil famílias. Para o secretário da agricultura de Constantina, Valdir Grizon, a cooperativa beneficia o pequeno produtor em diversas frentes. “Além de diminuir a burocracia, pois o produtor não precisa se tornar um microempresário, os cooperados entram como segurados especiais do INSS”, destaca Grizon.

Como cooperado, o produtor tem uma certificação que atesta a qualidade de seu produto, além de uma maior exposição do que produz.

Apoio da comunidade — Há três meses funciona um quiosque no centro da cidade, onde os produtos são comercializados. Antes, os produtores faziam somente a venda avulsa, ou em feiras agropecuárias, como na Expointer, em Esteio/RS. O assessor em agroindústrias da secretaria municipal de Agricultura de Constantina, Joviano José Martineli, afirma que, com a instalação do quiosque no centro da cidade, a procura pelos produtos tem sido excelente. “A população de Constantina e da região tem apoiado o produtor e aprovado a qualidade do que consome.”

Além de registrados, os produtos dos agricultores cooperados possui o selo Vita Colônia. Os embutidos, como salames e copa, e os derivados de leite passam por inspeção municipal. Já o açúcar mascavo é inspecionado pela Secretaria Estadual da Saúde e pode ser comercializado em outros municípios. Martineli afirma que até o início de 2008 os produtos da Cooperac integrarão o Sistema Unificado de Atenção à Sanidade Agropecuária (SUA-SA). O sistema permite a democratização do sistema de inspeção com a participação do Governo Federal, além dos governos estaduais e municipais, da sociedade civil organizada, agricultores, consumido-



Cedenir Lasta, que produz queijo, e Dalton Lopes, que faz salame: satisfação com a Cooperac

res e comunidade científica. Dessa maneira, os produtos Vita Colônia poderão ser vendidos em todo o País.

Projetos de expansão — O cooperado Cedenir Lasta, que produz queijo há cinco anos, tem projetos de expandir a produção. Até o final do ano o agricultor planeja ter um rebanho de 25 vacas leiteiras, para que o queijo seja feito 100% com leite produzido pela família. Dessa maneira, o produtor poderá também vender o excedente. Lasta destaca que atualmente, além de investir na propriedade, é preciso organização para enfrentar os momentos mais difíceis. “Viver somente da agricultura como era feita antigamente é impossível hoje”, diz Lasta. “Em algumas épocas você lucra, em outras empata e às vezes fica no vermelho. É preciso ter planejamento e controle da produção para os momentos mais difíceis”, completa.



O produtor também alerta para a falta de mão-de-obra nas pequenas propriedades. A escassez de pessoal acaba por dificultar a rotação e diversificação das culturas e a formação das pequenas agroindústrias. “Para que pudéssemos ampliar nossa produção, precisaríamos no mínimo de mais dois funcionários.” Na propriedade trabalham apenas Cedenir, sua esposa e seus pais. A família Lasta produz 1.400 quilos de queijo por mês.

Para Dalton Lopes, produtor de salame associado à Cooperac, não faltam oportunidades para quem quer trabalhar no campo hoje. Lopes cita os cursos que a Emater oferece de graça em 11 centros de treinamento de agricultores espalhados pelo Estado. “Cursos existem, o que falta muitas vezes é a boa vontade e interesse das pessoas”, afirma o agricultor. Mas infelizmente o campo não é mais sedutor para os jovens. A internet e, principalmen-

te, a televisão mostram diariamente uma vida diferente e mais atraente do que a do campo. “Há espaço e oportunidades para quem quer trabalhar. É só questão de vontade e dedicação.”

A Cooperac, atuando em parceria com órgãos como a Emater/RS e a Se-

cretaria Municipal da Agricultura de Constantina, abre caminhos para o pequeno agricultor. “Nosso principal objetivo é facilitar a vida do produtor para que ele possa desenvolver cada vez melhor seu trabalho na agroindústria familiar”, conclui Martineli. ■

GPS

Agricultura de Precisão
Pulverização / Mapeamento
Levantamento de Áreas
Distribuição de Fertilizantes e Calcário

All COMP
Equipamentos de Precisão

Av. Pernambuco, 1207
Fone: (51) 3024.7100 - Porto Alegre/RS
allicomp@allicomgps.com.br

MASSA DE MANOBRA

Sempre que vejo as notícias de certos movimentos, ditos “sociais”, interrompendo estradas, assaltando pedágios, invadindo terras, ocupando salas de controle de usinas hidrelétricas e distribuidoras de energia, quebrando as instalações da Câmara dos Deputados e o mais que acontece por aí – às barbas das autoridades incompetentes –, não posso deixar de me lembrar dos dois anos em que, diariamente, viajei numa Rural Willys, vermelha e branca, transportando quatro ou cinco empregados, hora e meia para lá, hora e meia na viagem de volta.

Nosso gado já estava na fazenda nova, mas nós continuávamos morando na antiga, à espera de um comprador. Fazendas à venda, se desocupadas, desanimam eventuais compradores, porque o mato invade os jardins, goteiras e aranhas tomam conta da casa. Só os pastos agradecem o descanso, mas os currais, os silos, as casas de empregados – tudo toma ares de assombração, de coisa abandonada.

Portanto, havia serviços de sobra na fazenda nova e falta de quefazeres na propriedade à venda, onde o comprador encontrava casa mobiliada, crianças brincando no terreiro, gramado aparado e bule com café estritamente mole, colhido à vista do alpendre.

Admito que sou vendedor original. Se não vou com a cara do comprador, recebo-o no terreiro, dou as informações de má vontade, nem deixo o cavaleiro entrar na casa. Lá mesmo, de longe, explico: a casa tem três salas, dois banheiros, quatro quartos, cozinha e dependências.

Depois de um tempão anunciando nos jornais, apareceram por coincidência, quase na mesma hora, dois candidatos com jeito de quem vai comprar. Recebi o segundo na porteira, expliquei que o primeiro levava meia hora de vantagem e não sou de fazer leilão: o preço estava anunciado e o primeiro tinha preferência.

O segundo candidato, que dirigia um Mercedes novo, em companhia de um filho menor, tirou seu cartão de visitas

e me disse: “Então, se ele não fechar, estou interessado no negócio”. Era grande advogado no Rio. Voltou da porteira e ficou sem a fazendinha, porque o primeiro fechou o negócio.

Falávamos de quê? Ah! Já me lembro: das viagens diárias que fiz entre as duas fazendas. Durante dois anos, sem exagero, foram 400 viagens, cerca de 700 horas de conversa. No princípio os compadres viajavam quietos, talvez encabulados pela companhia do doutor. E aqui cabe um parêntese quanto ao tratamento doutor, que era dado em nossa região a qualquer sujeito gordo, de óculos, que dirigisse um carro de segunda mão. Condição agravada, naqueles idos, pela pasta que eu transportava para cima e para baixo, nem sei bem por quê.

Imitando couro, então chamada pasta de James Bond, com charutos, escova e creme dental, uma camisa limpa e era só. De vez em quando, levava também um documento importante, talões de cheques e de notas fiscais, uma hipoteca, essas coisas. Não raras vezes, enquanto os compadres ficavam trabalhando na fazenda nova, o doutor esticava até o banco, na cidade, para tratar das dívidas e das hipotecas. Para ir ao banco, camisas limpas impressionavam bem.

Edward T. Hall, psicólogo americano, fez estudo muito interessante sobre um negócio chamado *proxemics*, que andou sendo traduzido como *proximidade*. Há distâncias que determinam certa sensação de mal-estar, como nos elevadores apinhados, onde o cavaleiro se vê cercado por gente estranha, num círculo de até meio metro, área íntima em que se acolhem pessoas queridas: namorada, mulher, filhos, pais, parentes próximos. A invasão da área íntima por pessoas estranhas, nos elevadores, faz com que muita gente se sinta desconfortável. Não se trata de claustrofobia. Pessoas que sentem desconforto nos elevadores apinhados não se importam de passar horas presas num elevador, desde que sozinhas, ou cercadas de gente querida.

Outra área crítica, segundo Hall, é aquela que vai até 1,5 metro, quando é quase forçada a necessidade de conversar. Isso explica a troca de idéias, por exemplo, entre o passageiro e o motorista do táxi.

Na Rural Willys, ocupado na direção da camioneta em estradas perigosíssimas, o doutor ficava quieto enquanto os compadres trocavam idéias sem parar, descontraídos, preocupados apenas com os problemas de seus respectivos universos de vida.

Alguns casados e com filhos, outros solteiros, todos maiores de idade, o nível das conversas, os horizontes de cada um, a inocência eram de meninos de 12 anos, ainda quando os assuntos, às vezes, fossem da maior gravidade, caso do motorista do caminhão que chegava muito cedo para apanhar o leite, porque gostava de namorar, atrás da moita de bananeiras, a mulher de um dos retirei-

Admito que sou vendedor original. Se não vou com a cara do comprador, recebo-o no terreiro, dou as informações de má vontade, nem deixo o cavaleiro entrar na casa

ros que lá estava, coitado, às voltas com os bezerros e as vacas.

Nas 700 horas passadas na Rural, não me lembro de 10 minutos de conversas mais sérias, dessas que envolvem preocupações com os rumos do País. A partir desses exemplos, posso imaginar os riscos representados pelos patrícios inocentes, que somam 95% dos brasileiros, de certa forma puros de sentimentos e intenções, quando manobrados por agitadores profissionais treinados para promover a discórdia e a oclocracia, primeiro passo para vôos mais altos, como se vêem em Cuba, na Venezuela, na Bolívia, na Coreia do Norte. ■

ANÚNCIO

DÉFICIT HÍDRICO: UMA GRANDE PREOCUPAÇÃO

A persistente seca que afeta boa parte da região pampeana forçou o abandono de muitos projetos de plantio do trigo, além de condicionar os incrementos previstos para as áreas dedicadas ao girassol e ao milho. Resumidamente, há menos trigo do que se esperava, e o crescimento das produções de milho e girassol, que era quase seguro há alguns meses, hoje está seriamente posto em dúvida. Será que a soja compensará a perda das outras culturas? Por enquanto, não é possível assegurar nada. No caso do girassol, a seca deteve a implantação em Chaco e Santiago del Estero e complicou também as coberturas em quase todo o norte de Santa Fé. Até o começo de setembro, apenas 6,7%

dos 2,6 milhões de hectares previstos para o girassol haviam sido semeados. A falta de umidade superficial e, fundamentalmente, a baixa temperatura nos solos também atrasam a implantação do milho. A superfície projetada com destino ao grão comercial se mantém transitoriamente em 3,27 milhões de hectares, 14% superior à safra passada, mas pode sofrer modificações decrescentes na medida em que o clima não apresente melhoras. Há alguns meses, falava-se da intenção de plantio em uma área 30% superior à do ano passado. São determinantes, entre outros fatores, as condições climáticas, a oferta de insumos e os preços de culturas concorrentes.



Paulo Kurtz/Embrapa Trigo

FERTILIZANTES

O Ministério de Economia anunciou a suspensão temporária dos impostos de importação de fertilizantes devido às dificuldades para elaborar uréia no país em consequência da crise energética. A medida estará vigente até 30 de novembro e autoriza a importação com tarifa zero de uma cota de 300 mil toneladas de uréia e 200 mil toneladas de mesclas de uréia com nitrato de amônio em dissolução aquosa. Esse abastecimento temporário permitirá aos fabricantes de fertilizantes não pagar até dezembro as tarifas sobre a uréia granulada (de 6%) e o UAN – fertilizante líquido feito de uréia, amônio e nitrato (de 4%).

Divulgação



TRIGO Existem dúvidas de que a produção alcance as 14 milhões de toneladas estimadas pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) devido aos problemas climáticos.

SOJA É mantida a estimativa de 47 milhões de toneladas para a safra 2007/2008, mas é preciso esperar a evolução das chuvas, que atualmente são deficitárias.

LEITE Um estudo privado revela que, depois das intervenções oficiais, o produtor leiteiro recebe a metade do que obtinha há cinco anos e do que poderia receber agora. A grande dúvida é quem fica com essa diferença.

GENES COMBINADOS

A Secretaria de Agricultura aprovou a primeira semente que reúne dois eventos biotecnológicos. A tecnologia será usada no milho, que poderá incorporar os eventos MG e RR2. O primeiro confere à planta controle sobre o ataque de lepidópteros por meio da tecnologia Bt, enquanto que o segundo gera resistência ao herbicida glifosato. Segundo comunicado emitido pela Monsanto – proprietária da tecnologia –, é possível aumentar em cerca de 6% o rendimento da cultura na safra 2007/2008 sobre a base da mesma superfície semeada, se for usada toda a oferta disponível de sementes para este ano. A Associação de Milho Argentino, por sua vez, explica que a disponibilidade deste ano apenas permitirá semear com este material em torno de 1% da área projetada com a cultura.

IMPORTAÇÕES DA CHINA

O Governo e as câmaras que agrupam os exportadores de grãos e óleos desmentiram que a China houvesse freado os embarques argentinos de soja devido às restrições impostas pelo Ministério de Economia argentino para o ingresso de bens de consumo “sensíveis” fabricados na Ásia. Em 2006, o gigante asiático comprou da Argentina 6,3 milhões de toneladas de grãos de soja e 1,3 milhão de toneladas de óleo. A China adquire, no total, 30,5 milhões de toneladas de grãos de soja, dos quais 10 milhões de toneladas têm origem nos Estados Unidos e 12 milhões de toneladas partem do Brasil.

ROTAÇÃO DE CULTURAS NO CONTROLE DE DOENÇAS

Yeshwant Mehta, pesquisador do Iapar – PhD em Fitopatologia, ymehta@iapar.br

O plantio direto é uma parte de um sistema conservacionista de cultivo praticado, de forma integral ou parcial, em aproximadamente 80% da área cultivada no Estado do Paraná. O sistema inclui práticas que mantêm quantidade significativa de resíduos da cultura anterior na superfície do solo, melhora a qualidade do solo, envolve cultivo mínimo e conseqüentemente reduz o tráfego de máquinas agrícolas. Existem várias doenças fúngicas, bacterianas e viróticas que atacam diversas culturas utilizadas no sistema plantio direto, tanto no cultivo orgânico como no não-orgânico, causando danos apreciáveis no rendimento de grãos. Doenças da parte aérea da planta, como brusone, giberela e mancha amarela de trigo, cercosporiose do milho e mancha angular do feijoeiro são mais severas no sistema plantio direto do que no sistema plantio convencional.

A maioria das doenças é transmitida por sementes e as demais, por restos culturais e pelo vento. Os agentes causadores de doenças fúngicas, principal-

mente aqueles que sobrevivem nos restos culturais, na ausência da planta viva, são chamados necrotróficos. Assim, servem como fonte de infecção primária para as plântulas recém-emergidas, principalmente no sistema plantio direto. Por outro lado, os agentes causadores que necessitam de plantas vivas para sua sobrevivência são chamados parasitos obrigatórios (biotróficos), como as cáries e carvões dos cereais, as ferrugens do trigo, da soja e do feijoeiro. Estes são trazidos pelo ar, de outros campos e regiões, e podem atacar as plantas em am-

bos os sistemas de cultivo, dependendo das condições climáticas.

Rotação de culturas — No sistema plantio direto, nosso desejo, entre outros, é manejar as doenças, em níveis mais baixos possíveis, pois o controle total das doenças seria quase impraticável. A rotação de culturas é uma prática indispensável e visa basicamente cinco aspectos: 1 – manter a biodiversidade; 2 – quebrar o ciclo da doença; 3 – manter o solo sempre coberto com palha; 4 – suplementar elementos essenciais para o desenvolvimento adequado das plantas; 5 – aumentar a rentabilidade do agricultor ao longo dos anos.

O uso de diferentes espécies de plantas na rotação é muito importante, pois a maioria das doenças é específica de uma



Divulgação

A doença mancha angular do feijoeiro é mais severa no sistema plantio direto do que no sistema plantio convencional

Qualidade e tecnologia para sua lavoura render mais

Plaina Niveladora ROBUST

Um projeto pioneiro de lâminas que aplaina diretamente o solo sem necessidade do preparo prévio. Seis modelos adequados a qualquer potência de trator.



Rolo Faca

Garantia de um perfeito manejo de solo, bem como ele merece. Modelos para Linha Arrozreira e Terras Altas.



Carreta Graneleira

Força e resistência para transportar sua colheita com segurança e rapidez. Modelos com capacidade para 120, 140, 175 e 200 sacas.



Distribuição Industrial - Santa Maria-RS. F: (55) 3222.7710



agrimec@terra.com.br / www.agrimec.com.br

espécie e não ataca outra espécie de planta. Assim, o uso apropriado de rotação de culturas, ou seja, o uso de culturas não-hospedeiras para as doenças das culturas sucessoras, ajuda a quebrar o ciclo das doenças, principalmente daquelas causadas por agentes necrotróficos. Cuidados especiais devem ser tomados na escolha de espécies de plantas para rotação de culturas.

As culturas de tritcale e centeio, por exemplo, não são ideais para a rotação, uma vez que são suscetíveis à maioria das doenças que atacam o trigo. O cereal é uma cultura de alta importância econômica e, portanto, o tritcale e o centeio podem contribuir para a manutenção do ciclo das doenças. A cultura da moha, por outro lado, é altamente suscetível à brusone. Desta forma, não deve anteceder as culturas de trigo, tritcale, centeio e cevada. As cáries, carvões e ferrugens são causadas por parasitos obrigatórios, portanto não sobrevivem nos restos culturais e não podem ser controlados por rotação de culturas.

A mancha amarela do trigo pode ser manejada através de rotação com culturas não-hospedeiras do patógeno. As culturas de aveia branca (*Avena sativa*), aveia preta (*A. strigosa*), milho, guandu (*Cajanus cajan*), crotalária (*Crotalaria juncia*), milheto (*Pennisetum americanum*), nabo forrageiro (*Raphanus sativus*) e leguminosas podem ser utilizadas na rotação, dependendo da região e das condições do agricultor. Estas culturas podem ser utilizadas tanto para cobertura verde como para produção de grãos. As culturas de tritcale e centeio também são suscetíveis à mancha amarela.

Patógenos fúngicos transmitidos pelo solo, considerados potenciais e que podem ocasionar prejuízos econômicos incluem espécies de *Sclerotinia*, *Sclerotium*, *Rhizoctonia*, *Phytophthora*, *Fusarium*, *Macrophomina*, *Ophiobolus* e *Diaporthe*. Mehta (1993) reportou que a intensidade das doenças de trigo transmitidas pelo solo é maior no sistema de plantio direto que no convencional e demonstrou que a rotação de culturas desempenha papel fundamental no manejo integrado de doenças no sistema de plantio direto.

As culturas de milheto e sorgo, atacadas pelo esporão de *Claviceps C. purpurea* (Anamorfo *Sphacelia segetum*), comumente chamada de “doença açucarada do sorgo”, enfrentam um novo de-



safio. Estas espécies de plantas são componentes do sistema de rotação de culturas para produção de ração animal (frangos, porcos e bovinos) e cobertura de solo na agricultura familiar. Ração contaminada pelo esporão oferece sérios riscos de intoxicação animal.

As culturas de feijão e ervilha são suscetíveis ao *Fusarium oxysporum* f. sp. *phaseoli* e *F. semetectum*, que são os patógenos transmitidos pelo solo e que requerem cuidados especiais, inclusive na

escolha de cultivares resistentes ao patógeno. A cultura de moha (*Setaria italica*), por ser altamente suscetível à brusone (*P. grisea*), não deve anteceder as culturas de trigo, tritcale, centeio e cevada. Nos últimos dois anos, a cultura de moha apresentou severa infecção de brusone na região de Londrina/PR. Salienta-se que o *P. grisea* da moha também é patogênico a todos os cereais de inverno, inclusive o trigo. Alternativas para a moha devem ser consideradas.

Os patógenos transmitidos pelo solo, tais como *S. sclerotiorum*, *Rhizoctonia solani* [Sin. *Thanatephorus cucumeris*] e *Sceritium rolsii* são os mais problemáticos, pois possuem uma grande gama de hospedeiros, necessitando, para seu controle, de quatro a seis anos de rotação sem os hospedeiros. Por outro lado, para os patógenos foliares tais como *B. sorokiniana* e *Drechslera tritici-repentis*, rotação de um a dois anos sem trigo será suficiente. O *S. rolsii* prefere solos bastante úmidos enquanto que o *R. solani* prefere solos mais secos.



Divulgação

Conforme Mehta, o uso de diferentes espécies de plantas na rotação é importante, pois a maioria das doenças é específica de uma espécie e não ataca outra espécie de planta



Divulgação

Na rotação de culturas, de maneira geral, as cultivares da aveia branca, tanto as forrageiras como as comestíveis, são resistentes à brusone

Nas duas últimas décadas, devido a algumas doenças como mofo branco (*Sclerotinia sclerotiorum*), entre outros, as culturas de girassol e colza normalmente não estão sendo utilizadas como componentes de rotação de culturas no Estado do Paraná. Para rotação de culturas, as espécies de plantas leguminosas devem ser escolhidas com cuidado, considerando o histórico da lavoura quanto aos patógenos transmitidos pelo solo. Dependendo de tamanho da propriedade, as culturas de cowpea, vícia, feijão-guandu, feijão-de-porco, mucuna, grão-de-bico, entre outros, são algumas das opções a considerar.

No entanto, há carência de informação sobre o seguinte: 1 – a influência de culturas utilizadas para a cobertura verde e/ou para a produção de grãos, na severidade de doenças da cultura principal; 2 – a gama de hospedeiros dos principais patógenos de diferentes espécies de planta; 3 – o grau de resistência relativa das cultivares de cada espécie de planta. Há necessidade premente de pesquisa nesta área.

Poucos são os agricultores que adotaram a prática de rotação de culturas tanto para a cobertura verde como para a produção de grãos. São diversas as razões para este acontecimento, como falta de orientação adequada, falta de semente, falta de maquinário apropriado para semear algumas culturas, dificuldade na comercialização do produto e a vi-

são de rentabilidade imediata de alguns agricultores. Como consequência desses fatores, o retorno econômico envolvido na prática de rotação também é questionado em certas situações. É necessário que a grande maioria dos agricultores adote a prática de rotação de culturas, pois os campos dos produtores que não o fazem ficam infestados com a doença e servem como fonte de infecção para os demais campos.

Medidas alternativas — As doenças são manejadas por meio de integração de diversos métodos, tais como resistência varietal, práticas culturais e produtos químicos. Os principais objetivos do Manejo Integrado de Doenças incluem a redução de perdas em rendimento, redução do custo de produção, uso racional de fungicidas e obtenção de estabilidade no rendimento.

A resistência varietal exerce um papel fundamental no sucesso do sistema plantio direto. No caso da brusone, por exemplo, existem cultivares de trigo e de aveia que são resistentes e/ou menos suscetíveis e, portanto, na época da escolha, a preferência deve ser dada às cultivares mais resistentes destas duas culturas de inverno. De maneira geral, as cultivares da aveia branca, tanto as forrageiras como as comestíveis, são resistentes à brusone. Da mesma forma, há cultivares de feijoeiro resistentes ao mosaico dourado (cultivar Eldorado) e à mancha angular (cultivares Pérola, Ônix). Quando

não há fontes de resistência mais adequada para algumas doenças, esforços devem ser dirigidos à busca de melhor grau de resistência em espécies afins de cada cultura.

Quanto aos métodos culturais, a diversificação de cultivares e a época de semeadura são aspectos muito importantes de plantio direto. Os métodos químicos incluem aplicação de fungicidas na parte aérea e no tratamento de sementes. A princípio, os fungicidas não podem ser aplicados preventivamente, antes do aparecimento dos primeiros sintomas da doença. De maneira geral, os fungicidas sistêmicos eficientes contra uma doença foliar também são eficientes contra as demais doenças foliares.

Como a maioria das doenças é transmitida por meio das sementes (exceto ferrugens), o uso de semente sadia e livre de doenças é de fundamental importância, pois ajuda a atrasar o início da epidemia da doença. Quanto mais tarde a doença se iniciar, menor será a perda em rendimento. Por estas razões, o uso de sementes (grãos) próprias é desaconselhável. ❏

O artigo faz parte de um conjunto de publicações realizadas por equipe multidisciplinar de pesquisadores do Iapar, do projeto “Produção orgânica de grãos no Sistema Plantio Direto: validação e conversão”, componente do Programa Cultivando Água Boa da Itaipu Binacional

Monitor de plantadeira Auteq
Controle e eficiência em sua lavoura

Quem tem o MPA1200 da Auteq no campo tem muito mais controle e eficiência no plantio. Além disso, tem a seu lado a ferramenta mais robusta do mercado. Os produtos desenvolvidos pela Auteq são pura tecnologia e foram projetados para oferecer a você soluções confiáveis e de baixo custo.

Não deixe suas sementes sem controle. Leve já para o campo o monitor de plantadeira MPA1200 da Auteq.

Consulte o agente autorizado Auteq em sua região ou ligue agora para (11) 3815.1888

Monitor de plantadeira MPA1200

Auteq

www.auteq.com.br

AÇÚCAR E ÁLCOOL

Fábio Rübenich - fabio@safras.com.br

FUNDAMENTOS NEGATIVOS DO AÇÚCAR PRESSIONAM PREÇOS INTERNOS

O mercado interno de açúcar está trabalhando com um razoável volume de negócios. Operadores consultados por Safras & Mercado observaram que a tendência das próximas semanas será novamente de preços pressionados. Conforme avaliação do analista Miguel Biegai, a oferta de açúcar é crescente tanto no mercado interno como principalmente no externo. “A prova disso é o mau momento da Bolsa de Nova Iorque para o açúcar bruto e para o refinado em Londres, que, mesmo com as altas verificadas de forma quase que generalizada em outras *commodities* agrícolas, como soja, milho e trigo, ainda assim permanecem demonstrando fraqueza”, observa Biegai. Além do cenário baixista nos fundamentos do açúcar, com excesso de produção no mercado internacional, há o agravante do câmbio, acrescenta o analista. A relação entre o real e o dólar voltou a pesar para o lado da moeda brasileira, com a divisa americana indo a níveis já muito próximos de R\$ 1,90, “o que é um importante



março	35,11
abril	33,38
maio	26,70
junho	25,43
julho	23,50
agosto	25,00
setembro	25,00

elemento de formação dos preços de exportação do açúcar e do conseqüente escoamento do excedente interno”. Em setembro, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou mais uma projeção para a safra de cana-de-açúcar do Brasil 2007/08. A entidade está projetando uma elevação de 12,9% na produção, que deverá totalizar na safra 2007 um volume de 514,061 milhões de toneladas, na comparação com as 455,291 milhões

de toneladas produzidas em 2006. Segundo o IBGE, a área a ser colhida de cana-de-açúcar na safra 2007/08 está estimada em 6,71 milhões de hectares, crescimento de 9,1% em relação aos 6,15 milhões de hectares colhidos em 2006/07. O rendimento médio esperado para os canaviais em 2007 é de 76,555 mil quilos por hectare, aumentando 3,5% na comparação com os 73,996 mil quilos do ano passado.

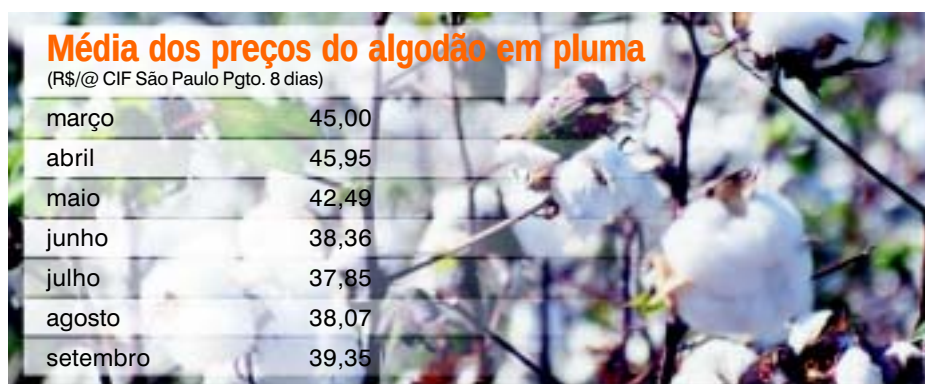
ALGODÃO

Rodrigo Ramos - rodrigo@safras.com.br

OFERTA AUMENTA COM FINAL DA COLHEITA

O mercado brasileiro de algodão passa por um período de transição no comportamento dos operadores. Praticamente terminada a colheita da safra, a oferta da pluma já começa a ocorrer com intensidade ligeiramente maior. “À medida que os contratos antecipados são cumpridos, os produtores iniciam as vendas no mercado físico”, salienta o analista de Safras & Mercado Tiago Barata.

Os preços, no entanto, ainda seguem sustentados, porque continua sendo grande o comprometimento do produto, principalmente para exportação. Enquanto isso, as indústrias mantêm participação discreta na comercialização, fazendo aquisições de lotes pequenos, apenas para atender demandas imediatas e reposição de estoques, na expectativa de enfraquecimento dos preços nas próximas semanas.



março	45,00
abril	45,95
maio	42,49
junho	38,36
julho	37,85
agosto	38,07
setembro	39,35

O relatório de setembro de oferta e demanda do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) estimou a produção mundial de algodão em 117,18 milhões de fardos para 2007/08, contra 115,92 milhões da projeção do mês anterior. Os estoques finais mundiais foram previstos em 51,56 milhões de fardos para a temporada 2007/08 – 51,52 milhões no mês anterior. A ex-

pectativa é de que a China colha 32,5 milhões de fardos na temporada 2007/2008 – mesmo número da estimativa anterior. A produção do Paquistão para 2007/2008 é de 11 milhões de fardos. O Brasil tem safra estimada em 6,80 milhões de fardos. A produção indiana deve chegar a 23,50 milhões de fardos. Os americanos deverão colher 17,81 milhões de fardos.

SOJA

MELHORES NÍVEIS DO ANO

Os preços da soja voltaram a subir na primeira quinzena de setembro. As cotações atingiram os melhores níveis do ano no período, impulsionadas pelo aperto no quadro de oferta e demanda mundial. As especulações sobre a safra norte-americana ganharam força durante agosto e setembro, período dominado pelo “mercado de clima”, no qual as oscilações dos preços são determinadas pela incidência do clima sobre as lavouras americanas. Neste ano, o mercado climático desempenhou papel ainda mais importante e especulativo devido ao corte de 15% na área plantada com soja nos Estados Unidos. Qualquer notícia de clima desfavorável provocou repique nos preços na Bolsa de Chicago, catapultando também as cotações no mercado físico brasileiro. Em agosto, o preço médio da saca de 60 quilos em Cascavel/PR foi de R\$ 33,54, mostrando alta consistente sobre a média de julho, de R\$ 30,65. Em setembro, o desempenho foi ainda melhor, com a cota-

Soja em Cascavel/PR

(R\$/60 kg)

março	30,66
abril	28,50
maio	28,85
junho	29,43
julho	30,65
agosto	33,54
setembro	36,86

ção pulando para R\$ 36,86 de média no período. Para entender melhor o comportamento dos preços, é essencial acompanhar de perto a evolução das lavouras norte-americanas. Além do corte na área, os norte-americanos sofreram com a irregularidade do clima. Excesso de chuvas no norte do cinturão produtor e poucas precipitações no sul formaram um quadro de preocupação perma-

nente em termos de produtividade, ainda que os números mais recentes não indiquem quebra consistente de safra. No dia 12 de setembro, o USDA divulgou o relatório mensal para oferta e demanda mundial e norte-americana de soja e projetou uma leve redução na safra 2007/08 dos Estados Unidos, mas confirmou o corte nos estoques finais tanto da atual como da temporada anterior.

TECNOLOGIA DE APLICAÇÃO

**PRONTO TRÊS é o primeiro
óleo metilado no Brasil,
insuperável como
penetrante e anti-deriva.**

Ele é a última geração.



MILHO

Arno Baasch - arno@safras.com.br

DEMANDA FIRME NA EXPORTAÇÃO LEVA GOVERNO A VENDER ESTOQUES

A demanda da União Européia pelo milho brasileiro seguiu firme até a primeira semana de setembro, provocando elevação nos preços do mercado interno e gerando grande preocupação às agroindústrias. Este quadro levou o Governo Federal a intervir no setor com a realização de leilões de estoques oficiais.

Nas vendas realizadas até a primeira metade do mês, o governo ofertou 100 mil toneladas, depositadas no Estado do Mato Grosso, para aquisição exclusiva do mercado interno por consumidores da Região Centro-Sul.

Segundo o analista de Safras & Mercado Paulo Molinari, o governo dispõe de 2,5 milhões de toneladas em seus estoques, mas está preocupado com a forte demanda na exportação, que poderia colocar em risco o abastecimento interno. "A decisão do governo foi importante para demonstrar ao mercado interno que o



Média dos preços do milho (R\$/saca 60 kg – Centro-Sul)	
março	18,53
abril	16,20
maio	16,39
junho	16,60
julho	16,12
agosto	19,47
setembro	23,40

quadro atual não depende apenas da venda de estoques.

O fato é que a agressividade na exportação revela que qualquer tentativa de frear o movimento de alta interna pode levar o exportador a absorver maiores volumes a preços mais baixos no curto prazo e causar uma situação mais crítica para o final deste ano comercial", afir-

ma.

Molinari salienta que por meio dos leilões o governo atende alguma demanda no curto prazo, mas sobretudo sinaliza ao mercado interno que é necessário competir com o preço de exportação, para evitar uma maior fuga de volumes expressivos até o final da atual temporada.

CAFÉ

Lessandro Carvalho - lessandro@safras.com.br

MERCADO EVOLUIU COM PREOCUPAÇÕES CLIMÁTICAS

Na primeira metade de setembro, o mercado internacional de café conseguiu sustentar-se relativamente bem, e o motivo veio das informações do clima sobre as regiões produtoras do Brasil. Áreas principais de produção, como o sul de Minas Gerais, cerrado mineiro e parte de São Paulo, entre outras, vêm enfrentando falta de chuvas.

O período agora é crucial, de floradas, em que é necessária a umidade para que se abram as flores nos cafezais, que vão vingar na safra que será colhida no ano que vem. Não chovendo, as floradas são prejudicadas. Chovendo pouco daqui para frente, as floradas até abrem, mas não se manterão com boa produção. O pior é que já houve uma abertura precoce de floradas em importantes áreas ainda em julho, e depois não houve mais chuvas, o que certamente redundará em problemas de produtividades nestes cafezais no próximo ano.



Preço para bica corrida do sul de Minas (Bebida Boa – Tipo 6 – R\$/saca de 60 kg)	
março	251,11
abril	234,29
maio	226,18
junho	235,35
julho	230,00
agosto	250,30
setembro	248,78

Diante desses temores, a Bolsa de Nova Iorque para o café arábica apresentou ganhos no balanço dos primeiros quinze dias do mês, já que não houve a indicação de chuvas para as regiões ameaçadas. No entanto, como destaca o analista de Safras & Mercado Gil Barabach, o mercado pode virar a cada novo boletim meteorológico. Ou seja, quando forem indicadas precipi-

tações para o cinturão cafeeiro, a tendência é de queda nos preços futuros em NY.

No Brasil, os preços físicos também subiram, acompanhando NY, mas a retração do dólar atrapalhou mais uma vez uma reação mais sensível nos preços. A retração dos vendedores, que esperam cotações mais altas, contribuiu para o suporte interno das cotações.

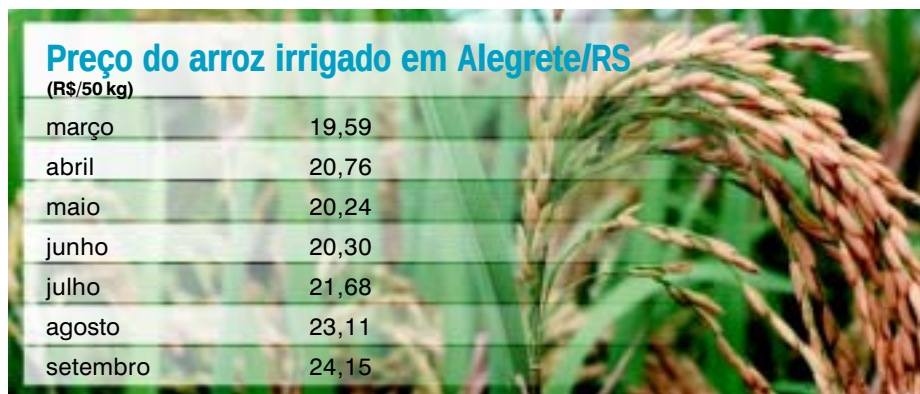
ARROZ

Rodrigo Ramos - rodrigo@safras.com.br

RACIONALIDADE DEVE PREDOMINAR NAS QUESTÕES COMERCIAIS

No momento em que o ano comercial 2007/08 entra na reta final e a próxima safra já começa a ser projetada e preparada, uma série de incertezas ainda paira entre os agentes da cadeia produtiva do arroz, principalmente entre os produtores. “Diante disso, a cautela e a racionalidade assumem participação importante na tomada de decisão dos operadores em relação às questões comerciais, não havendo mais espaço para apostas”, explica o analista de Safras & Mercado Tiago Barata.

O mercado brasileiro hoje apresenta duas realidades distintas e que devem se distanciar ainda mais ao longo dos próximos meses. Enquanto no Mato Grosso e nos demais estados produtores de terras altas existe uma forte carência de produto, gerando dificuldade para o abastecimento das indústrias de beneficia-



março	19,59
abril	20,76
maio	20,24
junho	20,30
julho	21,68
agosto	23,11
setembro	24,15

mento, no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina a situação é oposta. “Analisando o quadro de oferta e demanda, onde é projetado um estoque final de 846 mil toneladas (fevereiro de 2008), fica inevitável concluir que muito arroz ainda deve entrar no mercado nos próximos meses”, frisa o analista.

Segundo Barata, considerando que

a posição contábil atual dos estoques públicos do Governo Federal é de aproximadamente 1,272 milhão de toneladas, na melhor das hipóteses 426 mil toneladas serão leiloadas entre outubro e fevereiro, o que significa uma média de 85,2 mil toneladas por mês. “Considerando que a totalidade do estoque privado será comercializada”, adverte.

TRIGO

Antenor Salvoldi Jr. - antenor@safras.com.br

MERCADO SEGUE FIRME SOB RUMORES DE RETIRADA DA TEC

O mercado doméstico de trigo no Brasil segue operando com bom ritmo de negócios e preços firmes. Neste momento o trigo do norte do Paraná chega ao Sudeste brasileiro a R\$ 700 por tonelada. Na Argentina não há trigo disponível e a indicação nominal nos portos é de US\$ 330. Nos moinhos de São Paulo, a tonelada deste trigo chegaria a R\$ 740. O *hard* norte-americano chegaria a R\$ 916 no mesmo destino.

Diante deste quadro, a indústria voltou a pleitear junto ao governo a retirada da Tarifa Externa Comum (TEC) de 10%, cobrada para o ingresso de trigo importado de origens extraMercosul. “A dúvida que fica é se os efeitos colaterais da retirada da TEC seriam compensados pelos benefícios que a indústria brasileira busca”, aponta o analista de Safras & Mercado Elcio Bento. No atual cenário, considerando todos os custos de frete,



março	476,25
abril	494,50
maio	500,95
junho	503,00
julho	518,00
agosto	576,96
setembro	637,50

mesmo com a isenção da TEC o cereal argentino é mais acessível ao Sudeste do Brasil que o norte-americano.

A retirada da TEC pode desestimular a produção nacional. Neste momento de cotações recordes no mercado mundial os produtores brasileiros podem plantar mais na próxima safra, reduzindo a dependência ao cereal im-

portado. “Sem a TEC, um recuo nos preços internacionais pode trazer de volta o desânimo que pairou sobre o setor produtivo nos últimos anos em que o câmbio valorizou e as cotações internacionais estavam mais baixas. Isso aumentaria nossa dependência e não tiraria da Argentina o poder de ditar o comportamento de nosso mercado”, conclui o analista.



Divulgação

MEGA FESTA PARA OS 50 ANOS NA COTRIJAL

A Cotrijal Cooperativa Agropecuária e Industrial, sediada em Não-Me-Toque/RS, ofereceu uma grande e inesquecível festa para comemorar os seus 50 anos de existência. Mais de 10 mil pessoas entre associados, autoridades, lideranças do agronegócio e parceiros da cooperativa se reuniram no Parque Expo-direto Cotrijal. “Que os valores e os princípios que nos trouxeram até aqui sejam os mesmos que nos impulsionam para o futuro e obrigado pelo trabalho, pelo exemplo, pela

cooperação, pela garra e pelo amor, a todos que nos ajudaram a construir essa jovem cinquentona”, destacou o presidente da Cotrijal, Nei César Mânica (na foto, com a governadora Yeda Crusius). “O Brasil conheceu o cooperativismo através do Rio Grande do Sul, e a Cotrijal, ao completar 50 anos, é um exemplo do sucesso deste tipo de iniciativa”, lembrou a governadora gaúcha Yeda Crusius, que recebeu um exemplar do livro que traz a história dos 50 anos da Cotrijal.

ARYSTA E IAC INSPECIONAM PULVERIZADORES



Divulgação

A fim de inspecionar os equipamentos de aplicação e treinar produtores, a Arysta LifeScience colocou em operação em setembro o “Tech Móvel”, um veículo equipado com os recursos necessários ao apoio do homem do campo nas tarefas que envolvem o uso correto e seguro de defensivos agrícolas. A região de Patos de Minas/MG foi a primeira a receber a assistência do Programa na cultura do café. O próximo objetivo é estender o serviço às áreas de horticultura e frutas de São Paulo, além das regiões produtoras de fumo e uva do Rio Grande do Sul. A atividade faz parte do Programa Aplique Bem, da Arysta, em parceria com o Instituto Agronômico (IAC), de Campinas/SP. “Com este Programa, o agricultor terá acesso a informações sobre o uso correto e seguro desses produtos e poderá ver, na prática, os benefícios de uma aplicação correta”, destaca a coordenadora do projeto, Liria Hosoe (foto).

MONSANTO E DOW AGROSCIENCES LANÇAM MILHO INÉDITO

A Monsanto e a Dow AgroSciences LLC, subsidiária da The Dow Chemical Company, chegaram a um acordo para fazer um pedido de licenciamento cruzado, destinado ao lançamento do SmartStax, a primeira semente de milho com uma combinação de oito genes a ser lançada comercialmente no mundo. “Ao aproximar as duas empresas, que desenvolvem e comercializam as tecnologias de eventos amplamente usadas na agricultura moderna, podemos oferecer aos produtores uma resposta abrangente para as demandas de uma proteção integral às safras contra as ameaças representadas pelas ervas daninhas e pelos insetos”, declarou o vice-presidente executivo de estratégia e operações da Monsanto, Carl Casale. “A combinação dessas tecnologias sinaliza o início da próxima geração de produtos com um nível superior de proteção para as plantas e safras maiores para o agricultor”, afirmou o presidente e CEO da Dow AgroSciences, Jerome Peribere.

AGRITOURS NA 22ª AGRITECHNICA, EM HANNOVER

A Agritours promove a visita à Agritechnica 2007, exposição de máquinas agrícolas com a maior quantidade de fabricantes e importadores, evento que reúne empresas de todo o mundo entre os dias 13 e 17 de novembro, em Hannover, Alemanha. Todas as empresas globais europeias e internacionais estão diretamente representadas na maior feira agropecuária do

mundo, que neste ano atingiu seu recorde de inscrições em 22 anos de existência: 1.800. No roteiro da Agritours, ainda visitas às empresas de máquinas agrícolas Claas, Amazone Werke, Gebrüder Schumacher e Fendt, e ao Centro Tecnológico da DLG, Museu Alemão de Agricultura e Museu da Mercedes Benz. Mais informações no site www.agritoursbrasil.com.br.

CHAIRMAN'S AWARD AOS MELHORES DISTRIBUIDORES DA FORD

A Ford promoveu a cerimônia de entrega do Chairman's Award aos distribuidores exclusivos de caminhões, expandindo o evento que até então premiava somente os distribuidores de automóveis e picapes. Os vencedores foram a Dimas, de São José/SC; a Divepe, de Recife/PE; e a Konrad, de Ponta Grossa/PR. O evento de premiação foi realizado durante uma viagem ao Chile, com programas em Santiago e no Deserto do Atacama. “A premiação aos distribuidores exclusivos de caminhões demonstra o reconhecimento da empresa ao negócio de caminhões, componente importante na sua linha de produtos e nos resultados financeiros da região. E também nos orgulha muito identificar distribuidores que são modelos nos seus processos de vendas e pós-vendas”, afirmou Oswaldo Jardim, diretor de Operações da Ford Caminhões na América do Sul.

ARACRUZ INVESTE US\$ 2 BILHÕES EM AMPLIAÇÃO



Divulgação

Até janeiro de 2010 deverá entrar em operação a ampliação da unidade da Aracruz, sediada em Guaíba, no Rio Grande do Sul. A empresa de celulose está em processo final de encaminhamento para iniciar as obras da estrutura que vai gerar mais de 1,3 milhão de toneladas anuais de celulose. A expansão está orçada em US\$ 2 bilhões e implica também a ampliação das florestas em 140 mil hectares (que serão somados aos atuais 110 mil hecta-

res). Do total de 250 mil hectares, 90 mil serão apenas para preservação ambiental, explica o diretor de operações da empresa, Walter Lídio Nunes (foto). Ao todo, 32 municípios serão beneficiados pelo investimento, com uma geração de renda de US\$ 110 milhões/ano. Segundo cálculos da Fundação Getúlio Vargas, em 2016, o PIB gaúcho vai crescer 0,2% em razão da atuação da empresa.

MONSANTO ADQUIRE A AGROESTE

A Monsanto é a nova proprietária da catarinense Agroeste Sementes. A empresa continuará operando de forma autônoma, inclusive com sua diretoria original, e sua marca, portfólio de sementes de milho em todos os segmentos do mercado, sua infra-estrutura e seus colaboradores serão preservados. “Trata-se da conexão entre duas companhias com um forte histórico de atuação no mercado de híbridos de milho”, afirma Pedro Vacaro, diretor-presidente da Agroeste. De acordo com Alfonso Alba, presidente da Monsanto, “esse tipo de gestão já é parte da filosofia da companhia em outras subsidiárias internacionais, que consiste em preservar a marca e toda a estrutura (equipes de representantes comerciais, produção, pesquisa, suporte administrativo, canais de distribuição, etc.)”. Ele revela que a Monsanto tem anunciado novos investimentos no Brasil motivada pela confiança no processo regulatório do País e no reconhecimento dos investimentos para o desenvolvimento de produtos por parte das empresas.

PIONEER HI-BRED LÍDER DE MERCADO NA SAFRINHA



Divulgação

A Pioneer Hi-Bred, unidade de negócios da DuPont, anunciou um importante marco que demonstra um significativo crescimento do seu negócio de sementes no Brasil: o ganho nas vendas da safrinha de aproximadamente 170% em relação ao ano passado e um ganho na participação de mercado de mais de 10%. A Pioneer é relativamente nova nesse mercado e já se tornou líder. “A Pioneer está presente no Brasil há mais de 35 anos e, agora, mais do que nunca, os agricultores brasileiros estão confiando na excelente genética oferecida pela Pioneer e nas recomendações de manejo e gerenciamento da cultura do milho para aumentar sua produtividade e lucratividade”, afirma Robert Rissi, diretor-executivo da Pioneer Sementes no Brasil (foto).

CORREÇÃO

Ao contrário do que publicamos no anuário A Granja do Ano 2007, o cadastro correto é Agripec, uma empresa do grupo Nufarm.



ANOTE AÍ

A oitava Jornada Paulista de Plantas Medicinais, evento realizado a cada dois anos, contará com a participação de pesquisadores, profissionais, empresas do setor e demais interessados, de 23 a 25 de outubro, no Instituto Biológico de São Paulo. Serão apresentados e discutidos aspectos relevantes e atuais da pesquisa, além de trabalhos realizados por profissionais e pesquisadores do Brasil. As áreas abordadas serão agrobiotecnologia, etnobotânica, controle alternativo de patógenos e pragas, fitoquímica, farmacologia, toxicologia, cultivo de plantas medicinais e legislação dos fitoterápicos. Mais informações pelo fone: (11) 5087-1714.

O Congresso Brasileiro de Assistência Técnica e Extensão Rural, realizado anualmente, ocorre de 6 a 8 de novembro, na Associação dos Engenheiros Agrônomos de Londrina/PR. O evento tem como foco o encontro e troca de informações e experiências entre os profissionais que militam nessa área, as entidades representativas de técnicos, agricultores, as agroindústrias e as empresas agrocomerciais. Mais informações pelo fone (43) 3341-2200.

Evento promovido pela Associação Brasileira de Milho e Sorgo e com a realização da Embrapa Agropecuária Oeste, além do apoio de parceiros, o 9º Seminário Nacional do Milho Safrinha é o principal fórum de discussão técnico-científico sobre o assunto. Em discussão, a estabilidade produtiva do milho safrinha, a logística de transporte e armazenamento de grãos, sistemas estáveis de produção, parâmetros de sanidade e qualidade de grãos, entre outros. O evento ocorre de 26 a 28 de novembro, em Dourados/MS. www.cpao.embrapa.br/milhosafrinha.

BIOCOMBUSTÍVEL NAS BARCAS CARIOCAS



Fábio Ferreira

As 18 barcas que fazem o transporte de passageiros na Baía de Guanabara, no Rio de Janeiro, vão funcionar com 5% de biodiesel misturados ao óleo diesel. O abastecimento simbólico de um catamarã da Barcas S.A. foi feito em 12 de setembro, na Estação Hidroviária de Cha-

ritas, em Niterói. Estavam presentes o secretário de Transportes do Estado, Julio Lopes, o presidente da concessionária, Amauri de Andrade, o diretor-presidente da Companhia Brasileira de Petróleo

Ipiranga, Leocádio Antunes Filho, e o deputado estadual Rodrigo Neves (foto). Para funcionar, cada barca utiliza cerca de 200 litros de combustível por hora. A adesão das barcas ao B5 vai proporcionar uma redução de emissão de CO2 em torno de 1.300 toneladas por ano.

CRYSTALSEV TAMBÉM NO BIODIESEL

Terceiro maior grupo produtor de etanol do mundo, o Crystalsev vai difundir a produção brasileira de biocombustíveis. O anúncio em nível internacional foi feito durante a USDA Global Conference on Agricultural Biofuels, em agosto, organizada pelo Departamento da Agricultura do Governo dos Estados Unidos, em Mineápolis, Minnesota. O Brasil foi representado no evento pelo presi-

dente da Câmara Setorial de Biocombustíveis do Governo do Estado de São Paulo e coordenador do projeto BiodieselBrasil, Miguel Dabdoub. Ele destacou a importância da parceria do Crystalsev com instituições de pesquisa como a Universidade de São Paulo, em prol do desenvolvimento técnico-científico de processos industriais de interesse estratégico para estabelecer uma nova matriz energética global.

CAROÇO DE ALGODÃO COMO MATÉRIA-PRIMA

O biodiesel produzido a partir do caroço do algodão pode se tornar alternativa rentável aos produtores do Rio Grande do Norte. É o que estimam os pesquisadores da Empresa de Pesquisa Agropecuária do Rio Grande do Norte (Emparn), que enxergam na produção do biocombustível a saída para valorizar o produto. Ao invés de subutilizarem o óleo, antes usado basicamente na alimentação, os agricultores ganhariam a opção de comercializar a matéria-prima para a fabricação do biocombustível. A empresa paulista Ponte Di Ferro está instalando uma usina em Alto do Rodrigues, distante cerca de 200 quilômetros de Natal, com a expectativa de iniciar as operações em janeiro do próximo ano e planos de abastecer o Estado.

NOVO DESTINO AO ÓLEO DE COZINHA

O óleo de cozinha usado em restaurantes, hotéis, indústrias e residências do Distrito Federal ganhará um novo destino. A Eco Brasília Diesel entrará em funcionamento até o final do ano, e



Divulgação

a meta inicial é produzir 50 mil litros por dia de B100, a forma mais pura do biocombustível. Em breve, a produção deve aumentar para 300 mil litros diários. O terreno para sediar o empreendimento da empresa foi cedido pelo Governo do Distrito Federal. O anún-

cio da instalação da usina foi feito em setembro em cerimônia que marcou o encerramento do Fórum de Energias Alternativas do DF. Para o vice-governador e secretário do Desenvolvimento Econômico do DF, Paulo Octávio (foto), é importante a Capital dar o exemplo no debate sobre o desenvolvimento sustentável. “Temos de buscar alternativas no sentido de preservar o meio ambiente e permitir o crescimento da economia”, comenta.

MINIUSINA PRODUZ ATÉ 800 LITROS/DIA

Uma miniusina de biodiesel pode tornar auto-sustentável em energia pequenas propriedades de agricultura familiar. A Embrapa e a Universidade de Brasília desenvolveram uma unidade para produção de até 800 litros/dia de biodiesel, que poderá movimentar tratores, equipamentos de irrigação, motores de barco e geradores de energia. O biodiesel pode ser feito a partir de soja, amendoim, girassol, mamona, algodão e dendê, entre outras oleaginosas, além de sebo animal. Afora a independência energética, a tecnologia contribui para a redução na emissão de gases que provocam o aquecimento global, especialmente o gás carbônico.



Dotane Souza/UNB Agência



Rafael Geiger/novohamburgo.org

MAIS EMPRESAS DE ÔNIBUS ADOTAM O BIODIESEL

Desde o dia 17 de setembro, toda a frota de ônibus das três empresas que atendem as linhas urbanas do município de Novo Hamburgo/RS circulam utilizando o B2. No total, 192 ônibus estão operando nesse sistema. A frota da cidade consumirá mensalmente cerca de 4.800 litros de biodiesel. O plano surgiu da parceria entre as empresas de transporte coletivo da cidade

com a empresa Ipiranga, que propôs a adoção do combustível natural. “A partir de janeiro de 2008, será obrigatório o uso de 2% de biodiesel no combustível e a Ipiranga resolveu antecipar o processo, nos procurou e aceitamos a parceria”, comenta Paulo Schmidt (segundo da esquerda para a direita, na foto), gerente administrativo da Viação Hamburguesa.

MISSÃO JAPONESA NO INTERIOR DE SÃO PAULO

Especialistas japoneses do setor de agroenergia, engenharia ambiental, engenharia agrícola, ciências dos recursos florestais e biocombustíveis visitaram no mês passado os centros mais desenvolvidos em agroenergia do Brasil, incluindo a Feagri-Unicamp, Ladetel/USP, de Ribeirão Preto, Esalq/USP, de Piracicaba, e a Engenharia Química da Escola Politécnica em São Paulo. A comitiva da região de Kanagawa, integrada pelos doutores Kazumasa Shimizu,

Takayuki Yoshioka e Manzo Uchigazaki teve a oportunidade ainda de visitar a maior feira do setor sucroalcooleiro do mundo, a Fenasucro, em Sertãozinho/SP. Além disso, realizaram um “Eco-bio-tour” na usina de álcool e açúcar Santa Elisa, do grupo Biaggi, onde conheceram o modelo integrado de produção álcool-açúcar-bioeletricidade-biofertilizante-leveduras, que hoje coloca o Brasil em destaque no mundo pela sua eficiência e competitividade.

**Para evoluir não basta ter a melhor tecnologia.
É preciso ter consciência ambiental.**

**Quando falamos que cuidamos da terra,
também estamos falando do planeta.**



Le Puro C



Valtra é uma marca mundial da ASCO Corporation.

Um dos principais objetivos da Valtra, além de cuidar bem da sua lavoura, é investir no cuidado com o meio ambiente. Ao adotarmos motores com Intercooler, este compromisso torna-se cada vez mais possível e real; já que com o intercooler a combustão é mais eficiente, dando mais potência e reduzindo significativamente o consumo e a emissão de gases poluentes. Além disso, nossos tratores podem trabalhar com uma mistura de até 20% de biodiesel, uma fonte de energia limpa e renovável.

Esta inovação da Valtra é um projeto reconhecido pelos Governos Estadual e Federal dentro do Programa BioDiesel Brasil. Mais uma prova de que esta é a verdadeira evolução dos tratores.



www.valtra.com.br
0800 19 22 11



MOTOCANA LANÇA TRANSFERIDOR

A Motocana lançou na Agrocana o transferidor de cargas modelo MT 20000. Entre suas vantagens, a diminuição da compactação do solo devido à diminuição do tráfego em cima da soqueira de cana. O equipamento possibilita o carregamento de cana em terrenos acidentados utilizando as carretas de cana inteira e proporciona uma maior densidade de carga no transporte.

Motocana Máquinas e Implementos
- Av. Primeiro de Agosto, 343 - Vila
Rezende - Piracicaba/SP - CEP 13414-
030 - www.motocana.com



Divulgação

ISLA LANÇA SEMENTES DE FLORES

Para deixar os jardins muito coloridos nesta primavera, a Isla está lançando a Zinnia Cactus Sortida, que apresenta flores em diversas cores: laranja, vermelho, amarelo, salmão, lilás e tons de cor-de-rosa. As flores têm diâmetro entre 6 cm e 8 cm e possuem várias camadas de pétalas levemente pontiagudas. As plantas atingem de 60 a 80 centímetros de altura. A Zinnia Cactus Sortida é uma planta anual e possui ciclo de 60 dias no verão.

Isla Sementes Ltda. - Av. Severo Dullius, 124
- Porto Alegre/RS - CEP 90200-310 - CP 3142 -
Fone: (51) 2136.6600 - www.isla.com.br



Isla Sementes

QUATROS NOVOS HÍBRIDOS DA PIONEER

A Pioneer oferece para a próxima safra mais quatros híbridos de milho: 30S31, 30S49, 30B30 e 30B39. Os híbridos 30S31 e 30S49 são indicados especialmente para o mercado de safrinha, pois apresentam como principais características a elevada tolerância às doenças. Já os híbridos 30B30 e 30B39 são materiais indicados para a Região Sul, incluindo prin-

cipalmente os Estados do RS, SC e PR e que apresentam como característica principal o elevado potencial produtivo.

Pioneer Sementes - Rodovia BR 471,
km 49 - Caixa Postal 1009 - Distrito
Industrial - CEP: 96810-971 - Santa
Cruz do Sul/RS - Fone: (51) 3719-
7700 - www.pioneersementes.com.br



Divulgação



Leandro Mittmann

BIO-CIRCLE DA WALTER PARA LIMPAR PEÇAS

A alternativa mais segura e eficaz aos solventes na limpeza manual das peças agrícolas é o Bio-Circle, desengraxante neutro biodegradável à base d'água. O Bio-Circle limpa as peças engraxadas com facilidade, eficácia e máxima segurança. O processo de Biorremediação elimina a graxa e o óleo removidos na lavagem, transformando-os em água e CO₂.

Walter Indústria e Comércio - Rua
Marco Giannini, 426 - São Paulo CEP
05550-000 - Fone: (11) 3783.9500 -
www.walter.com

VINHO SHIRAZ DA VINÍCOLA SALTON

A Vinícola Salton amplia a singular linha Salton Séries e lança o tinto Shiraz safra 2006, que presenteia os consumidores com grande elegância de aromas frutados e harmonia do sabor. Esse varietal será uma novidade para o mercado por sua grande frutuosidade e exuberante fineza. Elaborado com uvas colhidas dos vinhedos de espaldeira, na Região da Campanha (Bagé/RS), formados por videiras originárias da França.



Divulgação

Vinícola Salton - Rua
Mário Salton, 300, Distrito
de Tuiuty - CEP 95700-
000 - Bento Gonçalves/RS - Fone:
(54) 2105.1000 - www.salton.com.br

FIQUE LIGADO

MESTRADO EM CIÊNCIA DO SOLO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

O Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciência do Solo da Universidade Federal do Paraná, pioneiro na área de Solos no Estado, teve início em 1978 e, desde então, sob credenciamento da CAPES, vem capacitando profissionais para atender a demanda de diversas instituições de ensino, pesquisa e extensão tanto do Paraná como do Brasil. Paralelo à formação de recursos humanos, com 233 dissertações defendidas até 31 de agosto de 2007, o Programa contribui para a geração e transferência de conhecimento científico e tecnológico, sendo que parte disso é resultado de estreitas relações que o Programa mantém com outras instituições nacionais e internacionais de ensino e pesquisa.

Recentemente, o Programa reestruturou suas áreas de concentração e ampliou o enfoque de suas linhas e projetos de pesquisa. O Programa é constituído por três áreas de concentração: (I) Química e Biologia do Solo e Nutrição de Plantas; (II) Qualidade e Sustentabilidade Ambiental; (III) Pedologia e Manejo do Solo. Essas áreas englobam seis linhas de pesquisa: (I) Dinâmica de nutrientes no sistema solo-planta; (II) Microbiologia e zoologia do solo; (III) Desenvolvimento de tecnologias para sustentabilidade agrícola e urbana; (IV) Poluição do solo e recuperação de áreas degradadas; (V) Composição, gênese e levantamento do solo; (VI) Física, manejo e qualidade do solo e da água.

Nessas linhas estão distribuídos 35 projetos de pesquisa, sob responsabilidade do corpo docente, e os respectivos subprojetos, esses de autoria dos mestrandos e relacionados com os trabalhos de dissertação. Dentro desta estrutura, busca-se o desenvolvimento de pesquisas que abrangem problemas de ordem local, regional e até mesmo global, e que resultem em produções científicas e intelectuais de elevado nível. O Programa, por meio do desenvolvimento de pesquisas voltadas à realidade social e em parceria com os Projetos de Extensão, tem inserção no contexto regional e nacional, com enfoque científico, tecnológico, econômico e educacional.

Para consolidar o conhecimento em Ciência do Solo, o Programa assegura a oferta regular de 22 disciplinas com boa estrutura curricular e perspectiva pedagógica, bem fundamentada e compatível com a disponibilidade docente, contemplando as diferentes subáreas do conhecimento. Para atender tanto a oferta de disciplinas como a demanda de orientação, o Programa conta com 14 professores permanentes e cinco professores colaboradores, todos doutores. Além da participação na pesquisa e no ensino, 78% dos professores permanentes estão ligados a Projetos de Extensão cadastrados no Programa e com grande inserção social, pois são projetos grandemente reconhecidos na comunidade local, regional e inclusive nacional.

Com relação à inscrição de candidatos no Programa, estão aptos a se candidatar aqueles graduados em ciências agrárias (engenharia agrônoma, florestal e agrícola, e zootecnia) ou áreas afins (ciências biológicas, química, engenharia civil, física, geografia, geologia, cartografia, engenharia ambiental e administração rural). O processo seletivo envolve a análise do currículo, do histórico escolar, bem como a nota da prova, do pré-projeto de pesquisa e das cartas de apresentação.

Para o ano de 2008 estão disponíveis 28 vagas distribuídas entre os professores orientadores. O período de inscrição para a turma 2008 será nos dias 26 a 29/11/2007 e a prova, no dia 30/11/2007. Aos interessados recomenda-se o contato com o possível orientador, considerando que o pré-projeto de pesquisa somente será aceito se estiver em uma das linhas de pesquisa do Programa. Melhores informações podem ser obtidas na *home page*: <http://www.pgcsolo.agrarias.ufpr.br> ou pelo telefone (41) 3350.5648.

Profa. Dra. Nerilde Favaretto e Prof. Dr. Jeferson Dieckow
Coordenação do Mestrado em Ciência do Solo
Universidade Federal do Paraná
pgcsolo@ufpr.br

AGENDA

8º Jornada de Atualização em Agricultura de Precisão 15 a 19 de Outubro Depto. de Engenharia Rural da Esalq/USP Piracicaba/SP

Descrição do evento:

O objetivo do curso é apresentar e discutir os conceitos de Agricultura de Precisão como um conjunto de técnicas que permitem o gerenciamento das lavouras, considerando sua variabilidade espacial, envolvendo o planejamento, a coleta de dados, a geração de mapas e recomendações e a aplicação localizada de insumos, bem como abordar as recentes inovações associadas ao tema.

Informações: (19) 3417-6604

e-mail: cdt@fealq.org.br

www.fealq.org.br

VI Congresso Internacional da Palma e Cochonilha 22 a 26 de outubro Hotel Tambaú João Pessoa/PB

Descrição do evento:

O evento será realizado pela primeira vez no Brasil, por intermédio da Faepa (Federação da Agricultura e Pecuária da Paraíba), em parceria com a Universidade Federal da Paraíba (UFPB), através do Centro de Ciências Agrárias. O tema do Congresso deste ano é "Produção de Palma e de outras Cactáceas nos diferentes Ecossistemas Áridos e Semi-áridos do Mundo: Desafios e Avanços Tecnológicos".

Informações: (83) 3341-2544

e-mail: congressopalma@senarpb.com.br

www.congressopalma2007.com.br

Expo BioCom - Feira Internacional de Combustíveis Alternativos e I Congresso Internacional de Energia Renovável

24 a 26 de outubro
Foz do Iguaçu/PR

Descrição do evento:

O evento será constituído por conferências e seminários sobre assuntos específicos, minicursos com conteúdo técnico e palestras práticas na exposição.

Informações: (19) 3206-0665

e-mail: info@esphaeventos.com

www.esphaeventos.com

4º Congresso Brasileiro de Assistência Técnica e Extensão Rural 6 a 8 de novembro Campinas/SP

Descrição do evento:

O congresso tem como objetivo a apresentação e discussão de trabalhos originais, além da sistematização de informações, experiências e recomendações seguras e atualizadas.

Informações: (19) 3417-6604

e-mail: cdt@fealq.org.br

www.fealq.org.br/cbater

ANÚNCIO

ClassiRural

Anuncie fácil pela internet pelo valor de R\$ 70,00
até 150 caracteres - classi@agranja.com

Ligue para anunciar: (51) 3232-2288 - www.agranja.com



Vestimentas de Proteção para Agrotóxicos

**Defenda sua vida,
defenda sua lavoura.**



Vestimentas de Proteção

(17) 3523-5612 - (17) 3523-9069

vendas@protspray.com.br
www.protspray.com.br

OUTRAS VESTIMENTAS DE PROTEÇÃO FABRICADAS

Rebentimento	Corte de Casa
Motociclista	Lonas Térmicas
Pinturas	Sacolas Térmicas
Sacos para cadáver	Aplicação
Aplicação de Agrotóxicos	Poeiras Tóxicas
Ácidos e bases líquidos	Chuvvas e Umidade
Vestimentas Refletivas	Psicultura



Vestimentas de Proteção para Apicultura



ASPERBRAS

TUBOS DE PVC
IRRIGAÇÃO, DEFOFO E AGROPECUÁRIOS

20 mm a 300 mm

(18) 3654-7000 - Penápolis - São Paulo
contato@asperbras.com.br

calcário calpar, ajinomoto
adubo filiar e europack -
stretch para embalagens.
Fone: (63) 3025-7545
agroexact@terra.com.br
Campo Grande/MS

**TERRA NOSSA LTDA -
MICROXISTO**
Estrada São Mateus, Km 46
s/nº
Cx. Postal 101
83900-000 - São Mateus do
Sul/PR
Fone: (42) 3532.3631
Fax: (42) 3532.3631
www.microxisto.com.br
microxisto@microxisto.com.br

**CASA DO FAZENDEIRO
AGROPECUÁRIA LTDA**
Av. Nelson Cardoso, 511,
Loja B - Taquara
22730-000 - Jacarepaguá/RJ
Fone: (21) 3342.8132
Fax: (21) 2445.9186
www.acasadofazendeiro.com.br
acasadofazendeiro@acasadofazendeiro.com.br

**Agropastoril Triângulo
Ltda.** Fone: (67) 3291-
1698. Av. Virgínia Ferreira,
1600. Flávio Garcia. CEP
79400-000. Coxim/MS

AGROPECUÁRIAS

Agropecuária Boi Gordo -
Produtos veterinários,
selaria em geral e artigos
country. Fone: (67) 3441-
5401. Av. Antônio Joaquim
de Moura Andrade, 1610
CEP 79750-000.
Nova Andradina/MS

**Agropecuária do Umbu
Ltda.** Fone: (66) 3515-
1060, MT 010, km 8.
Novo Eldorado Fazenda
Agropecuária Umbu.
CEP 78555-000.
Tapurah/MT

Agro Serrana -
Medicamentos, rações,
ferramentas, aves,
pássaros ornamentais,
aquários, pet shop,
apicultura e mudas
frutíferas. Fone: (65)
3646-1801. Cuiabá/MT

**Agrovera Produtos
Agropecuários -**
Vendemos sal mineral,
rações, sementes,
vacinas, medicamentos em

geral e ferramentas. Resp.
Marcos Ubéda. Fone: (66)
8409-1522.
agro-vera@bol.com.br
Vera/MT

AVIAÇÃO AGRÍCOLA

A Serrana Aviação
Agrícola opera em todo o
território nacional com
aeronaves de grande
porte. Soja, cana, arroz,
algodão, milho, sólidos e
combate a incêndio.
Fones: (67) 3295-2442 e
9962-1777.
serranasgo@terra.com.br
São Gabriel do Oeste/MS

Globo Aviação Agrícola -
Sinônimo de parceria que
gera lucro. Pioneira na
região sul do MA, possui
uma frota de aviões
Cessna Ag Truck e o
robusto Air Tractor,
turbohélice c/ capacidade
p/ 2.000 l de carga, equip.
c/ sistema DGPS e BVO.
Fone: (99) 3525-2750
Imperatriz/MA

ENGENHOS PARA ARROZ

**ITIKAWA INDÚSTRIA E
COMÉRCIO LTDA**
Rua Di C, 359
69315-208 - Boa Vista/RR
Fone: (95) 3626.7151
Fax: (95) 3628.4553
www.arrozitikawa.com.br
lizabeti@arrozitikawa.com.br

EPI

**PROTSpray
EQUIPAMENTOS DE
PROTEÇÃO LTDA**
Rua Três de Maio, 336
15804-085 - Catanduva/SP
Fone: (17) 3523.5612
Fax: (17) 3523.9069
www.protspray.com.br
vendas@protspray.com.br

INOCULANTES E FERTILIZANTES

Agroexact -
Representações Ltda.
Utifertil fertilizantes,

**Fertilizantes Orgânicos,
Organominerais e
Biotecnológicos. Nutrisafra**
Fertilizantes Ltda.
Fone: (11) 3641-9100
nutrisafra@nutrisafra.com.br
www.nutrisafra.com.br
São Paulo/SP

OUTROS

**NUTRISAFRA
FERTILIZANTES LTDA.**
Rua Constantino Frega, 144
05318-050 - São Paulo/SP
Fone: (11) 3641.9100
Fax: (11) 3636.2191
www.nutrisafra.com.br
nutrisafra@nutrisafra.com.br

**SERQUÍMICO LTDA -
TECSA CLOR**
Rua Muniz de Souza, 726
Aclimação
01534-001 - São Paulo/SP
Fone: (11) 3271-1611
Fax: (11) 3271-1611
www.serquimico.com.br
antonio.bernini@serquimico.com.br

**Agro-Tchê - Canzi &
Marodin Ltda.** Comércio de
insumos agrícolas.
Fone: (46) 3540-1563.
agrotche@riene.com.br
Pranchita/PR

**A Saltchê Suplementos
Minerais para pecuária
com fosfato tricalcico.**
Fone/fax: (51) 3470-3614.
www.saltche.com.br
estevez@plugin.com.br
Cachoeirinha/RS

**BANDEIRANTES CARDANS
AGRÍCOLAS**
Av. Guinle, 1.229
07221-070 - Guarulhos/SP
Fone: (11) 6487.9201
Fax: (11) 6487.9203
www.acosbandeirantes.com.br
vendacardan@uol.com.br

Calcário Itatinga Ltda.
Fone: (42) 3233-4474.
itatinga@itatinga.com.br
www.itatinga.com.br
Av. Ronie Cardoso, 1230.
Caixa Postal 100
CEP 84165-970.
Castro/PR

ClassiRural

Anuncie fácil pela internet pelo valor de R\$ 70,00
até 150 caracteres - classi@agranja.com

Ligue para anunciar: (51) 3232-2288 - www.agranja.com

Preços especiais - Aproveite



- Azevém, Aveia Preta, Aveia Branca
- Gramas: Pensacola, Missioneira, Bermuda Grass
- Trevos: Branco, Vermelho, Cornichão, Alfafa, Festuca, Capim Lanudo
- Sementes de verão: Capim Sudão, Milheto Embrapa, Teosinto, Sorgo

Agroindustrial e Comercial Pozza Ltda.

Av. Pastor Floghaus, 452 / Fone: (54) 3392.1081 - 3392.1110 - CEP 99495-000 - LAGOA TRÊS CANTOS - RS
e-mail: sementespozza@hotmail.com - home page: <http://www.sementespozza.com.br>

CHEVRON BRASIL LTDA
Av. República do Chile, 230
30º Andar
20031-170
Rio de Janeiro/RJ
Fone: (21) 0800.703.2323
www.chevron.com.br

COOPAFAM (Coop. de agric. familiares do território Portal da Amazônia). Atua na produção do Adubo Orgânico Portal da Amazônia, que é ecologicamente correto.
Fone: (66) 3523-1158
Nova Santa Helena/MT

DISPEC DO BRASIL - INDÚSTRIA COMÉRCIO DE PRODUTOS AGROPECUÁRIOS LTDA
Rua João Cardoso de Lima, 387
Parque Industrial
87065-150 - Maringá/PR
Fone: (44) 3266.1724
Fax: (44) 3266.2151
www.dlspec.com.br
dlspec@dlspec.com.br

GAVIOLI INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE CARROÇARIAS LTDA
Rua Padre Assis, 154
97700-000 - Santiago/RS
Fone: (55) 3251.2520
Fax: (55) 3251.2520
www.gavioli.com.br
gavioli@gavioli.com.br

GERDAU AÇOS LONGOS S/A
Rua Cenzo Sbrighi, 170
6º Andar - Ed. I
Água Branca
05036-010 - São Paulo/SP
Fone: (11) 3874.4384
Fax: (11) 3874.4362
www.gerdau.com.br
crc-sp@gerdau.com.br

INDUSTRIAL PAGÉ LTDA
BR-101 - Km 414
Cx. Postal 500
88900-000 - Araranguá/SC
Fone: (48) 3521.0300
Fax: (48) 3521.0313
www.indpage.com.br
vendas@indpage.com.br

INTECNIAL S/A
Rua Alberto Parenti, 1133
99700-000
Erechim/RS
Fone: (54) 3520.8100
Fax: (54) 3520.8200
www.intecnial.com.br
comercial@intecnial.com.br

OURO FINO SAÚDE ANIMAL LTDA
Rod. Anhangüera, SP 330
Km 298
14140-000 - Cravinhos/SP
Fone: (16) 3518.2000
Fax: (16) 3518.2000
www.ourofino.com
sac@ourofino.com

SCHAEFFLER BRASIL LTDA
Av. Independência, 3500/A
18067-101 - Sorocaba/SP
Fone com.: (15) 3335.1500
Fax: (15) 3335.1420
www.schaeffler.com.br
sac.br@schaeffler.com.br

SALTCHÊ SUPLEMENTOS MINERAIS LTDA
Estrada José Zingano, 235
94930-280
Cachoeirinha/RS
Fone: (51) 3470.3614
Fax: (51) 3470.3614
www.saltche.com.br
estevez@plugin.com.br

Leduan Alimentos.
Produzindo arroz branco e parboilizado. Televendas:

(44) 3629-2502.
Cianorte/PR

TECNIGRAN PROTEÇÃO DE GRÃOS E SEMENTES LTDA
Rua Vieira dos Santos, 358
Ahu
80540-310 - Curitiba/PR
Fone: (41) 3352.3032
Fax: (41) 3253.2323
www.tecnigran.com.br
tecnigran@tecnigran.com.br

TNL - INDÚSTRIA MECÂNICA LTDA
Rod. Raposo Tavares,
Km 381 - Cx. Postal 341
19915-022 - Ourinhos/SP
Fone: (14) 3322.2544
Fax: (14) 3322.3532
www.tecna.ind.br
tnl@tecna.ind.br

WALFI INDÚSTRIA QUÍMICA LTDA
Av. Dr. Carlos de Campos,
646
13035-610 - Campinas/SP
Fone: (19) 3272.5799
Fax: (19) 3272.4560
walfiquimica@terra.com.br

WALMUR INSTRUMENTOS VETERINÁRIOS LTDA
Rua Ernesto Fontoura, 231
90230-091
Porto Alegre/RS
Fone: (51) 3343.5844
Fax: (51) 3343.5844
www.walmur.com.br
walmur@walmur.com.br

ZM BOMBAS
Rua Pioneiro Paschoal
Lorençetti, 733
87065-210 - Maringá/PR
Fone: (44) 3028.0200
Fax: (44) 3028.3700
www.zmbombas.com.br
vendas@zmbomba.com.br

Ovelha Manual Prático
Zootécnico. Autor:
zootecnista Iracilde
Goulart de Souza,
proprietário da Cabanha
Seu Irineu. Comercializa
carneiros da raça ideal.
Informações:
iracildeaovelha@yahoo.com.br
Contato fones: (55) 3422-
2442 ou (55) 9997-2214 e
pedidos para a Av. Assis
Brasil, 671. Alegrete/RS

Padrão Currais e Cochos.
Fone/fax: (22) 3835-1642.
padrao@padrao.com
www.padrao.com
Rod. B. Jesus Sto.
Eduardo, km 6. Caixa
Postal 653. CEP 28360-
000. Bom Jesus do
Itabapoana/RJ

Ponto Rural –
Cultivando Amigos,
Fone: (43) 3348-3768.
pontoruralna@sercomtel.com.br
Av. Luigi Amorese, 5390.
CEP 86071-020.
Londrina/PR

MOTOBOMBAS

FAMAC MOTOBOMBAS
Rua Ponte Pênsil, 608
89275-000
Schroeder/SC
Fone: (47) 3374.6000
Fax: (47) 3374.6001
www.famac.ind.br
Famac@famac.ind.br

MAQUIMOTOR S/A - COMERCIAL E TÉCNICA
Av. Sertório, 5500
91050-370
Porto Alegre/RS
Fone: (51) 2121.5500
Fax: (51) 2121.5502
www.maquimotor.com.br
maquimotor@maquimotor.com.br

PEIXES/ALEVINOS

Tanque-Rede Iarema -
Crie peixes no seu
açude, com mínimo
impacto ambiental. Um
tanque rede Iarema
(R\$ 750,00) = 1 alq. de
soja.
Fone: (43) 3542-2209.
www.iarema.com.br
Bandeirantes/PR

PRODUTOS DA LAVOURA

Agrícola Santana
Fone: (42) 3446-1086.
agrsantana@uol.com.br
Rua São Josafat, 1101.
CEP 84400-000.
Prudentópolis/PR

AGRIPEC UMA EMPRESA DO GRUPO LUFARM
Av. Parque Sul, 2138
61939-000 - Maracanaú/CE
Fone: (85) 3215.1000
Fax: (85) 3215.3341
www.agripec.com.br
agripec@agripec.com.br

BASF S/A
Av. Brigadeiro Faria Lima,
3600 8º Andar
04538-132 - São Paulo/SP
Fone: (11) 3043.2273
Fax: (11) 4343.2416
www.agro.basf.com.br
agro-br@basf.com

CHEMINOVA BRASIL LTDA
Rua Alexandre Dumas, 2220
6º Andar
04717-004 - São Paulo/SP
Fones: (11) 5189.2100 /
0800.772.0320
Fax: (11) 5189.2104
www.cheminova.com.br
Alo.cheminova@cheminova.com.br





CALTINS · NATICAL · D E M I L

Viabilizando produtividade com calcário de excelente qualidade
para os Estados do Tocantins, Maranhão, Goiás e Bahia



(63) 3415 8500
www.jdemito.com.br

Solovel Agrícola -
Comercialização de grãos,
insumos e defensivos.
Fone: (45) 3219-6222.
www.solovel.com.br
PR 486 - km 2
(Rod. Cascavel - Tupãsi).
Caixa Postal 14.
CEP 85802-970.
Cascavel/PR

**DOW AGROSCIENCES
INDUSTRIAL LTDA**
Rua Alexandre Dumas, 167
14º Andar - 04717-903
São Paulo/SP - Rodovia
Anhanguera, km 344, s/nº -
Cx. Postal 47 - 14680-000 -
Jardinópolis/SP - Fones: (11)
5188.9000 / 0800.016.2310 -
Fax: (11) 5188.9101
www.dowagro.com.br
sementes@dow.com

**SYNGENTA PROTEÇÃO DE
CULTIVOS**
Av. das Nações Unidas,
18.001 - 5º Andar
04795-900 - São Paulo/SP
Fone: (11) 5643.2322
Fax: (11) 5643.2261
www.syngenta.com.br
faleconosco.casa@syngenta.com

PULVERIZADORES

**SERVSpray COMÉRCIO E
SERVIÇOS**
AGROPECUÁRIOS LTDA
Rodovia do Açúcar, Km 18
13312-500 - Itaú/SP
Fone: (11) 4025.9004
Fax: (11) 4025.0423
www.servspray.com.br
servspray@servspray.com.br

REFRIGERAÇÃO

**COEL CONTROLES
ELÉTRICOS LTDA**
Rua Mariz e Barros, 146
01545-010
São Paulo/SP
Fone: (11) 6166.3211
Fax: (11) 6914.3634
www.coel.com.br
vendas@coel.com.br

SEMENTES EM GERAL

Cerealista Cadore Ltda. -
São João da Urtiga. 50
anos - Feijão Sialva.
Tradição, qualidade e bom
atendimento. Uma família
a serviço da região

nordeste do RS.
Fone: (54) 3532-1110
São João da Urtiga/RS

AGRÍCOLA TUCANO
Rua São Caetano, 325
78850-000
Primavera do Leste/MT
Fones: (66) 3498.3140 /
8115.1313
Fax: (66) 3498.3140
agricolatucano@terra.com.br

Cerealista Jardim
Alegrense Ltda. - Filial Jd.
Alegre - Vendemos milho,
trigo e soja. Resp. sr. Jonas.
Fone: (43) 3475-1069.
Rua Paranaguá, 292.
CEP 86860-000.
Jardim Alegre/PR

Copersul Com. de Cereais
e Rep. Ltda - Venda de
sementes: soja, milho,
girassol e sorgo. Parceiros
Semente Salto Verde -
Produsaja - Nidera
Fertilizantes.
Comercialização de soja e

milho. Representante:
Nitril Urbana Lab. Ltda -
Fone: (66) 3498-1242.
copersul@copersul.com
Primavera do Leste/MT

O Lab. de Análise de
Sementes da FUNDACEP é
credenciado p/ determinar
a qualidade das sementes
de espécies de interesse
agrícola. Realiza análises
de sementes das classes
básicas e certificadas C1
e C2 em convênio c/
empresas certificadoras.
Fone: (55) 3322-7900
www.fundacep.com.br
RS 342 - km 149.
CEP 98100-970.
Cruz Alta/RS

RICE TEC SEMENTES LTDA
Av. São Paulo, 877
90230-161
Porto Alegre/RS
Fone: (51) 3323.8800
Fax: (51) 3323.8810
www.ricetec.com.br
info@ricetec.com.br

PARA
ANUNCIAR
AQUI
LIGUE

(51) 3232-2288

MONITOR PARA PLANTADEIRA



**CONTROLE
ELETRÔNICO DE
PLANTIO**

Maior Segurança, Maior Produção e Maior Ganho

O Controle Eletrônico de Plantio OTM foi desenvolvido com a mais alta tecnologia projetado para suportar trabalhos em condições diversas, poeira, umidade e vibrações sendo de fácil instalação, manuseio e operação.

FACILITA O
PLANTIO NOTURNO

ALARME
VISUAL SONORO

ELIMINA CUSTO
DE REPLANTIO

DE 4 A 44 LINHAS
DE PLANTIO

ADAPTAVEL EM TODOS
OS MODELOS DE PLANTADEIRA

ASSISTÊNCIA TÉCNICA EM TODO O TERRITÓRIO NACIONAL



FONE (41) 3568-1011

E-mail: otm@uol.com.br

ClassiRural

Anuncie fácil pela internet pelo valor de R\$ 70,00
até 150 caracteres - classi@agranja.com

Ligue para anunciar: (51) 3232-2288 - www.agranja.com

SEMENTES ALIANÇA PAULISTA LTDA
Rua Prof. Paulo D. Castellani,
Km 4
Cx. Postal 149
14884-900 - Jaboatão/SP
Fone: (16) 3202.0387
Fax: (16) 3202.0387
www.sementesalianca.com.br
cercaviva@sementesalianca.com.br

Sementes Sabiá. Fone:
(66) 3544-8486. Av.
Natalino João Brescansin,
565 C 2. CEP 78890-000.
Sorriso/MT

Venda de Sementes
COODETEC GO e MG -
Filial 3. Contato: Fone: (64)
3611-5000. Rio Verde/GO

Vendo sementes de arroz
var. IRGA 422 CL,
certificadas (C1) e IRGA
417 (S1), processadas
em equipamentos
modernos e selecionadas
eletronicamente. Dispomos
de convênio com BB Agro.
Contatos com o sr. Jorge
Longaray Jaeger pelos
fones (51) 9984-0629 ou
(51) 3671-4994.
Rua Bento Gonçalves, 490.
Camaquã/RS

SERVIÇOS

Agros Consult.
Agroindustrial e Planej.
Agropecuário e Agros
Solos - Lab. de análises
agronômicas (análise de
solos, folhas, fertiliz. e
corretivos). Fone/fax: (44)
3523-0732 e 9931-9936.
agrosconsult@hotmail.com
Campo Mourão/PR

CONSULVET Consultoria e
Laboratório Veterinário.
Exame de tuberculose,
brucelose, andrológico e
diagnóstico de gestação.
Fone: (67) 3292-4754.
consulvetms@hotmail.com
Rio Verde de Mato
Grosso/MS

GATEC S/A
Av. Limeira, 222
Sala 136 - 1º Andar
13414-018 -
Piracicaba/SP
Fone: (19) 3413.7228
www.gatec.com.br
contato@gatec.com.br

TELWAVE LTDA
Rua Itororó, 444
30720-450
Belo Horizonte/MG
Fone: (31) 3411.9050
Fax: (31) 3411.5171
www.telwave.com.br
telwave@telwave.com.br

Topografia do Sul -
Georreferenciamento,
medições de áreas
urbanas, rurais e vazão
de rios.
topografiadosul@gmail.com
Fone: (51) 8468-5502
Porto Alegre/RS

TRATORES E IMPLEMENTOS

Agrícola Paulista Ltda (ME)
Compra e venda de
máquinas New Holland.
O que você precisar em
peças para colheitadeira
New Holland, a Agrícola

Paulista possui. Venha até
a nossa loja ou entre em
contato pelo fone: (67)
3295-5007. Rua Antônio
Lambert, 1710.
CEP 79490-000.
São Gabriel do Oeste/MS

ARGUS AGROINDUSTRIAL LTDA
Av. Saigado Filho, 641 H -
Três Vendas
96055-740 - Pelotas/RS
Fone: (53) 3273.2283
Fax: (53) 3225.0119
www.europard.com.br
europard@europard.com.br
charles@europard.com.br

Casa Princesa da
Lavoura. Especializada em
Peças Agrícolas e
Ordenhadeiras.
Fone: (42) 3237-1528.
Av. Manoel Ribas, 1199.
CEP 84240-000.
Piraí do Sul/PR

CIVEMASA IMPLEMENTOS AGRÍCOLAS LTDA
Rodovia Anhangüera
Km 163 -
Cx. Postal 541
13600-970 - Araras/SP
Fone: (19) 3543.2100
Fax: (19) 3543.2122
www.civemasa.com.br
contato@civemasa.com.br

Derval vende tratores,
implementos para
terra planagem, mineração,
pavimentação, agricultura,
carga e transportes
usados. Fones: (71) 3452-
1605 e (71) 3452-3142.
dervalmaquinas@terra.com.br
Salvador/BA

Entaipadeira Boelter 10
discos. Base larga em bom
estado de conservação.
R\$ 7.000,00. Contato com
o sr. João no fone: (51)
9714-2800. Eldorado do
Sul/RS

IMEP - INDÚSTRIA MECÂNICA POMPEIA LTDA
Av. Industrial, 200
Cx. Postal 63
17580-000 - Pompeia/SP
Fone: (14) 3452.2102
Fax: (14) 3452.6519
www.imep.ind.br
vendas@imep.ind.br

IMOTO - INDÚSTRIA DE MOTORES E MÁQUINAS LTDA
Rua Dr. José de Miranda
Ramos, 545 -
Cx. Postal 196
89820-000 - Xanxerê/SC
Fone: (49) 3433.0277
Fax: (49) 3433.0636
www.imoto.com.br
vendas@imoto.com.br

IMPLEMENTOS AGRÍCOLAS JAN S/A
Av. Dr. Waldomiro Graeff,
557 - Cx. Postal 54
99470-000 - Não Me
Toque/RS
Fone: (54) 3332.1744
Fax: (54) 3332.1712
www.jan.com.br
decom@jan.com.br

IPACOL - MÁQUINAS AGRÍCOLAS LTDA
Rod. RS 470 km 108, s/nº
Cx. Postal 168
95330-000 - Veranópolis/RS
Fone: (54) 3441.1626
Fax: (54) 3441.1626
www.ipacol.com.br
ipacol@ipacol.com.br

KELPS DO BRASIL INDÚSTRIA DE CORREIAS LTDA
RS 239 - Km 64
95690-000 - Rolante/RS
Fone: (51) 3547.1177
Fax: (51) 3547.1177
rskelps@fca.com.br

MAGGION INDÚSTRIAS DE PNEUS E MÁQUINAS LTDA
Rua José Campanella, 501
Macedo
07122-902 - Guarulhos/SP
Fone: (11) 6468.0866
Fax: (11) 6408.5537
www.maggion.com.br
marketing@maggion.com.br

Monitor de Capacidade
Infovision. R\$ 5.950,00
NOVO! Para MF3640/
5650. Perdas, RPM
eixos cta Hás e mais!
Manuais instal e
operação.
Fone: (47) 8841-4702
miripintolopes@hotmail.com

Noroeste Comércio de
Máquinas Agrícolas Ltda.
Fone: (44) 3631-9039 e
(44) 9102-2525
noroestemaq@pop.com.br
Av. Paraíba, 1195
CEP 87200-0000.
Cianorte/PR

Tratores e Colheitadeiras
usados, várias marcas e
diversos modelos.
macvendas@laguna.com.br
Fone: (55) 3322-6680.
Cruz Alta/RS

ALSCO Toalheiro Brasil
A Nº 1 em serviços de uniformização, toallas e E.P.I.



DIVISÃO ALSCO Inc.



- A ALSCO Toalheiro Brasil Ltda é a empresa nº 1 no mundo em locação e higienização de roupas profissionais. Com o objetivo de atender a um pedido de seus parceiros pelas suas necessidades de satisfazer as exigências legais da NR 31, desenvolveu a locação de uniformes líquido-repelentes para a aplicação de defensivos agrícolas e herbicidas.
- Com a locação, o usuário recebe sempre seu uniforme, lavado, higienizado e adequadamente tratado com líquido-repelência, para uso confortável (50% poliéster e 50 % algodão), conforme o mais



Tecido confortável com característica de líquido-repelência

alto padrão internacional de lavagem industrial.

- O usuário beneficiado com o sistema de locação da ALSCO não destina ao meio ambiente ou leva para casa sujeira e contaminação por produtos químicos, ou óleos e graxas (contaminação cruzada).
- O uniforme locado será sempre substituído automaticamente ao fim de sua vida útil.
- A ALSCO se responsabiliza pelo tratamento de efluentes e destinação dos resíduos das lavagens, de acordo com as normas ambientais e a ISO 14001.

Rua Juscelino K. de Oliveira, 570 - Canoas - RS - Fone 51 3477.4099 - Fax 51 3477.3974 - www.alsco.com.br - vendas@alsco.com.br



AGROBRINCO®

AGROFLEX IDENTIFICAÇÃO ANIMAL LTDA.

Av. Pátria, 290 - Bairro São Geraldo
Porto Alegre - RS
Fones (51) 3343.2113 e 3343.5009
agroflex@agrobrinco.com.br
agroflex@brturbo.com
http://www.agrobrinco.com.br

**RATOS?
MORCEGOS?**

EX-RATTER

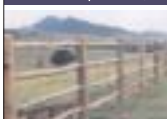
TECNOLOGIA ULTRA-SÔNICA
CONTRA RATOS E MORCEGOS

Equipamento de ultra-som com tecnologia japonesa:
sem similar no Brasil.

BRASTÉCNICA
Tel: (35) 3292-1889
Fax: (35) 3292-1320
Caixa Postal 101 - Cep 37130-000
Atenas - MG
btc@brastecnica.com.br
www.brastecnica.com.br

**A MADEIRA QUE VOCÊ PRECISA PARA SUA PROPRIEDADE
VOCÊ ENCONTRA NA AROEIRA MADEIRAS TRATADAS.**

Além da qualidade, você encontra também a melhor opção para o seu projeto



Madeira de eucalipto tratado em autoclave com garantia.
Venda - mourão e esticadores para cerca.
Palanques e ripão para curral e etc.
Postes e varões para galpões, barracões e etc.

www.aroeria.net
aroeria@aroeria.net

AROERIA
TRATAMENTO DE MADEIRAS

Av. Aroeira, 156 - Via Acesso SP 255 - à Kaiser - CEP 14801-970 - CP 401 - Fone: (16) 3322-0242 - Araraquara - SP

**PARA ANUNCIAR
AQUI LIGUE
(51) 3232-2288**

**REFRIBRASIL INDÚSTRIA
E COMÉRCIO LTDA -
REAFRIO**
Rua Euclides Mário
Canali, 361
Cx. Postal 82
89574-000 - Maravilha/SC
Fone: (49) 3664.3567
Fax: (49) 3664.3567
www.reatrio.com.br
Reafrio@reatrio.com.br

**REXNORD CORRENTES
LTDA**
Rua Christopher Levalley,
187
93037-730
São Leopoldo/RS
Fone: (51) 3579.8081
Fax: (51) 3579.8049
www.rexnord.com.br
vendas@rexnord.com.br

**TRACKER DO BRASIL -
LOJACK**
Al. Ministro Rocha
Azevedo, 346
5º Andar - Cerqueira César
01410-000 - São Paulo/SP
Fones: (11) 4002.7002/
0800.117.172
Fax: (11) 3082-4778
www.trackerdobrasil.com.br
marketing@trackerdobrasil.com.br

www.agranja.com

Conheça o novo web site do Brasil Agrícola

ClassRural / Currículos On-Line / Matérias Atualizadas / Revista A Granja e AG Leilões / Cotações
Previsão do Tempo / Produtos e Serviços / Agro Oportunidades / Agenda de Eventos

**clique e descubra o mundo
de informações**



Silvio Crestana
Presidente da Embrapa*

INOVAÇÃO, A PALAVRA DE ORDEM

É uma honra, um privilégio e uma responsabilidade ter sido escolhido para falar em nome dos homenageados do **Prêmio Destaques A Granja do Ano 2007**. Aqui estão representados sete Estados brasileiros e o Distrito Federal, o que por si já demonstra o alcance nacional dessa premiação. Os agraciados refletem a diversidade do prêmio, pois temos instituições públicas, o setor privado, a agricultura, a pecuária, a indústria, o setor financeiro, a ciência e a tecnologia.

Esse conjunto de agraciados representa um Brasil líder, um Brasil vencedor. Líder e vencedor na produção de alimentos, fibras e energia limpa, mas também na produção de conhecimento e tecnologia tropical. Foi pela conjugação de esforços e fatores como a competência dos produtores rurais, as políticas públicas, o investimento do setor privado, que nos tornamos campeões em agricultura tropical.

Hoje, temos um outro desafio, já que a “**inovação**” é palavra de ordem para um novo ciclo da agricultura brasileira: realizar a “**Revolução Dourada**”, com a agroenergia, baseada na produção de etanol, biodiesel, nas florestas energéticas e no aproveitamento de resíduos. Temos terra, água – e podemos falar também na “**Revolução Azul**”, a da água; temos gente, energia, tecnologia e competência para continuar a desenvolver a agricultura de ali-

mentos, nas quais somos líderes mundiais em várias *commodities* e também na agricultura de fibras e celulose.

Este é um momento ímpar para o País alavancar uma nova fase de desenvolvimento econômico e social, com sustentabilidade ambiental, inserido como *player* agrícola na globalização e mitigando as desigualdades regionais. Somos signatários da Convenção da Biodiversidade. Detemos e somos responsáveis pela maior biodiversidade tropical do planeta. Ao mesmo tempo, somos campeões da produção e do conhecimento agrícola tropical.

O conhecimento é o diferencial entre países desenvolvidos e não-desenvolvidos e os premiados desta noite aqui estão porque, sob diferentes aspectos, estão na vanguarda em conhecimento em cada uma de suas áreas. E aqui é importante destacar que, na “**Sociedade do Conhecimento**”, a mídia desempenha um papel fundamental, pois democratiza a informação, muda o paradigma da relação tempo-espço.

A revista **A Granja** é um dos baluartes nesse processo, pois há 62 anos se mantém no Rio Grande do Sul fazendo a mediação com os pro-

dutores rurais de todo o Brasil. Nós recebemos os prêmios, mas pedimos o aplauso de todos para aqueles que, ainda na primeira metade do século passado, tiveram essa dimensão do papel da comunicação para construir a agricultura de um

Brasil vencedor!

Com o apoio da mídia, a união de forças entre pequenos, médios e grandes na agropecuária, a união dos diferentes poderes municipal, estadual e federal, de todos aqueles

que trabalham pelo desenvolvimento, vamos continuar construindo nossa soberania territorial, alimentar e energética.

Queremos um só Brasil, sem antagonismos ou falsos dilemas. Queremos compartilhar responsabilidades e resultados. As mudanças climáticas são realidade e desafio. Mas temos como buscar novos caminhos, somando esforços e competências. Vamos juntos fazer a revolução pacífica baseada na inteligência, no conhecimento e na integração! ■

Este é um momento ímpar para o País alavancar uma nova fase de desenvolvimento econômico e social, com sustentabilidade ambiental

** Discursando como representante dos agraciados na solenidade de entrega do Prêmio Destaques A Granja do Ano 2007*

ANÚNCIO

ANÚNCIO